

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**Thiago Rodrigues Tavares**

**RITUAIS FUNERÁRIOS NO VALE DO JEQUITINHONHA:**

a vivência popular do catolicismo e as transformações nas atitudes dos homens frente a morte

**Juiz de Fora**

**2014**

**Thiago Rodrigues Tavares**

**RITUAIS FUNERÁRIOS NO VALE DO JEQUITINHONHA:**

a vivência popular do catolicismo e as transformações nas atitudes dos homens frente a morte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre

Orientador: Dr. Emerson José Sena da Silveira

**Juiz de Fora**

**2014**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Tavares, Thiago Rodrigues.

RITUAIS FUNERÁRIOS NO VALE DO JEQUITINHONHA : a vivência popular do catolicismo e as transformações nas atitudes dos homens frente a morte / Thiago Rodrigues Tavares. -- 2014. 117 f. : il.

Orientador: Emerson José Sena da Silveira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

1. Morte. 2. Religiosidade. 3. Catolicismo. 4. Ritual de Passagem. I. Silveira, Emerson José Sena da, orient. II. Título.

**Thiago Rodrigues Tavares**

**RITUAIS FUNERÁRIOS NO VALE DO JEQUITINHONHA:**

a vivência popular do catolicismo e as transformações nas atitudes dos homens frente a morte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Ciências Sociais da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Dr. Emerson José Sena da Silveira - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Dr. Marcelo Ayres Camurça Lima  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Dr. Hippolyte Brice Sogbossi  
Universidade Federal do Sergipe

Dedico este trabalho aos meus avós  
Mariano Gonçalves de Carvalho e Zita  
Rodrigues de Carvalho (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, as almas e aos santos que estiveram ao meu lado graças às orações das pessoas de fé que convivi ao longo deste trabalho.

Aos meus *queridos pais, Célia e Sebastião*, pelo amor, apoio e incentivo durante todos estes anos. Este trabalho só foi possível graças a vocês.

Ao meu irmão *Mateus* e meus avós *Efigênia e José Romão*, que mesmo à distância, estiveram presentes em todos os momentos.

A minha companheira *Vanessa Castro*, por ter estado sempre ao meu lado, transmitindo confiança, dando conselhos e tendo muita paciência principalmente nos momentos mais difíceis.

A toda *família Gonçalves e a família Tavares*, tios, tias, primos e primas que fizeram o possível e o impossível para me ajudar. Tia *Jureni*, muito obrigado por tudo. Serei eternamente grato.

A Prefeitura e a toda população de Presidente Kubitschek, que sempre me acolheu e me ajudou em tudo que precisei.

A todos os frequentadores do Cemitério do Peixe, devotos e festeiros, que me receberam com tanto carinho. Em especial a tia *Márcia*, tio *Vicente*, *Wellington* e *Ambrosina* por terem me recebido e auxiliado durante o tempo que passei no Cemitério do Peixe.

Ao meu orientador *Emerson José Sena da Silveira*, que sempre acreditou em meu potencial, apoiou e incentivou minha pesquisa.

Ao professor *Marcelo Ayres Camurça* por todos os ensinamentos.

Aos professores *Rubem Barboza*, *Rubens Alves*, *Elizabeth Pissolato*, *Hippolyte Brice Sogbossi*, *Carlos Reyna* e *Gilberto Felisberto*.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da UFJF pelas excelentes aulas e conselhos. Ao secretário da pós-graduação *Antônio Celestino* pela paciência, eficiência e boa vontade em ajudar.

Aos amigos de copo e de cruz que dividiram comigo as mesmas angústias e alegrias desde os tempos de graduação *Bruno Abadias*, *Marina Barbosa*, *Rodrigo Morais*, *André Costanti*, *Laís Lavinhas*, *Gabriela Visconti*, *Jéssica Fachinetto* e *Thays Monticelli*.

Aos amigos *Luiz Augusto Maia*, *Daniel Vieira*, *Robson Costa*, *Vitor Duarte*, *Samara Neto*, *Pedro Brum*, *Ivan Gonçalves*, *Mário Lemos*, *Guilherme Gravina*, *Lidiane Niero*, *Sueli Martins*, *Fábio Leite*, *Renata Muller* e *Ana Matiello*.

A CAPES por ter financiado esta pesquisa.

Esta cova em que estás com palmos medida  
É a conta menor que tiraste em vida  
É de bom tamanho nem largo nem fundo  
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida  
É a terra que querias ver dividida  
É uma cova grande pra teu pouco defunto  
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo

É uma cova grande pra teu defunto parco  
Porém mais que no mundo te sentirás largo  
É uma cova grande pra tua carne pouca  
Mas a terra dada, não se abre a boca

É a conta menor que tiraste em vida  
É a parte que te cabe deste latifúndio  
É a terra que querias ver dividida  
Estarás mais ancho que estavas no mundo  
Mas a terra dada, não se abre a boca.

(Funeral de um lavrador – João Cabral de Melo  
Neto / Chico Buarque de Holanda).

## RESUMO

Partindo da reflexão sobre a relação da sociedade com a sua religiosidade e a questão da finitude do Homem, esta dissertação aborda as atitudes dos vivos frente à morte. No catolicismo a morte é compreendida como uma passagem de um mundo para outro havendo obrigações entre vivos e mortos, esses últimos se encontrando em um momento de liminaridade. Cabe aos vivos a preparação do ritual de passagem que proporcione a transição tranquila do morto, sua alma deverá seguir em direção ao seu destino final, rumo a outra vida, outra margem. Empiricamente, tal questão será observada a partir da compreensão dos rituais funerários da cidade de Presidente Kubitschek no Vale do Jequitinhonha e da apreciação do Jubileu de São Miguel e Almas no Cemitério do Peixe, ambos em Minas Gerais. Assim, a partir de métodos etnográficos e da realização de entrevistas com base na metodologia de História oral, esta pesquisa busca esclarecer os rituais de passagem presentes numa vivência popular do catolicismo e as possíveis transformações nas atitudes dos Homens diante da morte – essas se referem às relações estabelecidas entre os vivos e destes com os mortos e as almas. Tal elo é constituído antes, durante e após os rituais fúnebres. Verificou-se que o momento da morte se destaca na vivência popular do catolicismo, no qual o rito coletivo tem extrema importância, pois é o elo entre familiares, vizinhos e amigos. Conclui-se que são nesses momentos em que todos estão juntos que fazem com que qualquer ritual coletivo seja um momento de sociabilidade, solidariedade e festa.

**Palavras-chave:** Morte. Religiosidade. Catolicismo. Ritual de Passagem.



## **ABSTRACT**

Starting from reflections about the relationship among society, its religiosity and the finitude of men, this work intends to approach the attitudes of the living in face of death. In Catholicism death is understood as a passage from one world to another, establishing obligations between the living and the dead, the latter being in a moment of liminality. It is the living's responsibility to prepare a rite of passage which grants a tranquil transition of the dead; its soul must, then, move towards its final ending, towards another life, another border. Empirically, this matter will be observed from the observation of funerary rituals in the city of Presidente Kubitschek, in Vale do Jequitinhonha, and from the appreciation of Jubileu de São Miguel das Almas in the Cemitério do Peixe, both in Minas Geras, Brazil. Thus, from the Ethnographic method, this research will clarify the existing rites of passage in the experience of popular Catholicism and the possible transformations in the attitudes of men towards death – these refer to the relationships established among the living, and among them and the dead and the souls. Such link is constituted before, during and after the death rituals. It was verified that the moment of death outstands in the popular experience of Catholicism, where the collective rite has the uttermost importance, for it is the link among family, neighbours and friends. It is concluded that these precise moments, when everybody is together, are the ones that makes rite a moment of sociability, solidarity and festivity.

**KEYWORDS:** Death. Religiosity. Catholicism. Passage Rites.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – PRESIDENTE KUBITSCHK	25
FIGURA 2 – ENTRADA DE PRESIDENTE KUBITSCHK	26
FIGURA 3 – VILAREJO DO CEMITÉRIO DO PEIXE	32
FIGURA 4 – CEMITÉRIO DO PEIXE	33
FIGURA 5 – TÚMULO MARIA DA LAPA, PRESIDENTE KUBITSCHK	39
FIGURA 6 - TÚMULO DA MARIA DA LAPA, PRESIDENTE KUBITSCHK	40
FIGURA 7 – VIA SACRA, ENCENAÇÃO DA CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO DURANTE A SEMANA SANTA, PRESIDENTE KUBITSCHK	45
FIGURA 8 – VELÓRIO MUNICIPAL MARIA DA LAPA PRESIDENTE KUBITSCHK	68
FIGURA 9 – IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, DISTRITO DE COSTA SENA	89
FIGURA 10 – CEMITÉRIO MUNICIPAL, PRESIDENTE KUBITSCHK	94
FIGURA 11 – VISTA DO CEMITÉRIO DO PEIXE	97
FIGURA 12 – ALIMENTOS EM AGRADECIMENTO ÀS ALMAS, CEMITÉRIO DO PEIXE	102
FIGURA 13 – DOMINGO O ÚLTIMO DIA DAS CELEBRAÇÕES, CEMITÉRIO DO PEIXE	104
FIGURA 14 – MISSA DE DOMINGO, CEMITÉRIO DO PEIXE	105

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - EVOLUÇÃO POPULACIONAL DE PRESIDENTE KUBITSCHK	24
--	----

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 O VALE DO JEQUITINHONHA E SUAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS.....</b>	<b>21</b>
1.1 A CIDADE E A POPULAÇÃO DE PRESIDENTE KUBITSCHK .....	22
<b>1.1.2 O Vilarajo do Cemitério do Peixe .....</b>	<b>30</b>
1.2 A RELIGIOSIDADE CONCRETAMENTE VIVIDA .....	35
1.3 A SOCIABILIDADE ENTRE UM POVO SOLIDÁRIO.....	48
<b>1.3.1 A dádiva e a comunicação entre vivos e mortos .....</b>	<b>54</b>
<b>2 OS RITUAIS EM TORNO DA MORTE .....</b>	<b>58</b>
2.1 AS TRANSFORMAÇÕES DOS RITUAIS FUNERÁRIOS.....	58
2.2 OS BASTIDORES DA VIDA E OS RITUAIS DE PASSAGEM .....	69
<b>3 MUDANÇAS E CONTINUIDADES DO RITUAL FÚNEBRE NO VALE DO JEQUITINHONHA.....</b>	<b>79</b>
3.1 O NOVO E O ANTIGO NOS RITUAIS FUNERÁRIOS DE PRESIDENTE KUBITSCHK.....	80
3.2 A EXEMPLARIDADE DA FESTA DO PEIXE .....	96
<b>3.2.1 A Semana das almas.....</b>	<b>98</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>108</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>117</b>

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema central a morte no interior de Minas Gerais. O tema inicialmente pode causar certo incômodo para aqueles que escutam pela primeira vez, mas o objetivo deste trabalho não é desvendar os mistérios e angústias do pós-morte, mas observar as relações sociais e os rituais de passagem presentes em um momento crucial de uma comunidade.

Esta pesquisa visa investigar o ritual funerário em Presidente Kubitschek, a partir do método etnográfico e da realização de entrevistas com base na metodologia de História oral. Levantando a hipótese de que a cidade localizada no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, apresenta características de resistência à secularização dos costumes, valores e sentimentos. Uma população marcada por sua religiosidade e por realizar ritos fúnebres que envolvem a todos da cidade.

A escolha do município foi baseada em experiências pessoais anteriores as próprias leituras sobre o tema da morte. Presidente Kubitschek é a cidade onde meus avós moravam e onde minha mãe nasceu, durante minha infância e juventude realizava viagens regulares para a cidade, e chamava-me atenção a forma com que as pessoas se relacionavam, a casa dos meus avós sempre estava cheia de pessoas que passavam para fazer visitas, para saber sobre a saúde deles, para conversar ou mesmo para poder comer algumas quitandas (merendas ou lanches). Dentre essas relações estabelecidas pelos moradores, a que mais me chamou a atenção foi quando eu presenciei meu primeiro funeral, eu estava entre a infância e a juventude, o defunto era homem adulto que morreu realizando um trabalho em uma fazenda. Nesse dia, meu primo havia me chamado para irmos até a casa do morto, naquele momento não conseguia entender o que nós iríamos fazer em um velório, lugar que minha mãe sempre mandou evitar, a princípio fiquei meio assustado com o convite, mas aceitei. Encontrei um ambiente completamente diferente do ambiente mortuário que eu conhecia, na cidade em que eu morava que tinha em torno de 100 mil habitantes e que fica a 100 km da capital Belo Horizonte, quando alguém morria era velado em uma capela que se assemelhava mais a um necrotério e ficava em frente ao cemitério, até o cheiro do lugar causava náuseas.

Em Presidente Kubitschek encontrei um velório diferente daquele que eu conhecia, apesar de ser o momento de tristeza, esse não era o único sentimento no local, o funeral estava cheio de pessoas adultas, idosas, jovens e crianças, havia uma fogueira na porta e as pessoas bebiam e sorriam, não me lembro ao certo o que os mais velhos faziam, lembro-me de alguns me perguntando de quem eu era filho, pergunta que continuo ouvindo até os dias atuais, mas

me lembro do que os jovens faziam, eles aproveitavam para, de certa forma, socializarem, para conversar, reencontrar alguém e até paquerar. A morte naquela época, assim como nos dias de hoje, promove uma agitação, uma mudança no cotidiano daquelas pessoas que pouco se altera no decorrer dos anos, me fazendo pensar no título da obra de Reis (1991) “a morte é uma festa” que ganha sentido no rito fúnebre de Presidente Kubitschek ao promover encontros e reuniões, a morte é um grande evento.

Presidente Kubitschek é um lugar pelo qual sinto muito carinho e que, desde a minha infância, remete-me a sensação de acolhimento. Poder realizar a pesquisa na cidade proporcionou entender que tal sentimento era reflexo da cultura local, da organização social do meio rural que tem como princípio o estar junto, ou seja, existe a importância da coletividade. A cidade é uma exemplaridade da constituição e formação do povo brasileiro e, especialmente, de Minas Gerais com uma população mestiça que dá vida a cidade através do trabalho no garimpo, na extração de diamantes. Uma população que historicamente se apegou a religião para superar as dificuldades da vida cotidiana, assim como diversas cidades do Vale do Jequitinhonha, durante muitos anos, a cidade foi marcada pela pobreza, nos dias atuais a diferença é notória e sentida pela própria população, as pessoas adquiriram qualidade de vida.

Pesquisar o tema da morte me proporcionou conhecer sobre a história local, as relações sociais a importância da religião, além de conhecer o vilarejo do Cemitério do Peixe, um local surpreendente pela forma com que as pessoas se relacionam com ele. Um vilarejo isolado, chamado também de vilarejo fantasma, mas que, através da fé e da devoção das pessoas, transforma-se anualmente em local de peregrinação. Uma religiosidade em torno das almas, que proporciona a reciprocidade a partir da relação direta com almas que ajudam e são ajudadas pelos vivos. A população fala muito mais dos mortos do que da morte. Como salienta Damatta (1987), falar dos mortos já é uma forma sutil e disfarçada de negar a morte, fazendo prolongar a memória do morto e dando àquela pessoa que se foi uma forma de realidade. Assim, há obrigações diante dos mortos e de suas almas que são quase palpáveis, sendo os mortos lembrados em seus aniversários de nascimento e morte, nas segundas-feiras e no dia de finados (incluindo o Jubileu de São Miguel, para as almas do Peixe), a memória dos mortos é cultuada.

As relações dos vivos com as almas fazem parte da cosmologia do pós-morte, com a indefinição do futuro, céu, inferno e purgatório. Por isso, em meio aos ritos piaculares que são aqueles celebrados na inquietação e tristeza estão presentes nos velórios os rituais de passagem, a morte concebida como uma passagem entre dois mundos e estabelecendo a obrigações entre vivos e mortos, esses últimos estando num momento de liminaridade. O

indivíduo deve se preparar para a morte e, após o seu acontecimento, cabe aos que permanecem em vida a preparação do ritual de passagem que proporcione a transição tranquila do morto que, em espírito, deverá seguir em direção ao seu destino final: para outra vida. As cerimônias funerárias são, dessa forma, ritos de separação entre vivos e mortos e de incorporação desses últimos ao seu destino no “Além”.

Durante a realização da pesquisa, a meta foi manter os objetivos propostos no projeto de mestrado, dentre eles, analisar a importância do ritual fúnebre para a consolidação da sociabilidade e do catolicismo em cidades rurais no interior de Minas Gerais, observando a morte como momento de liminaridade que envolve a todos que têm relação com o morto – familiares, amigos e vizinhos. Na medida do desenvolvimento da pesquisa, identificar características dessa vivência popular do catolicismo no dia a dia da população e no culto ao morto. Observar os rituais de passagem relacionados com a morte e compreender as atitudes dos vivos entre si e diante dos mortos na cidade de Presidente Kubitschek e no vilarejo do Cemitério do Peixe.

Para cumprir os objetivos propostos a dissertação foi dividida da seguinte maneira: introdução, capítulo 1 “O Vale do Jequitinhonha e suas manifestações religiosas”, capítulo 2 “Os rituais em torno da morte”, capítulo 3 “Mudanças e continuidades do ritual fúnebre no Vale do Jequitinhonha” e considerações finais. A atual pesquisa trabalha com dois níveis de abordagens, o primeiro se refere à relação entre morte e indivíduo na cidade de Presidente Kubitschek, observando o contexto de sociabilidade e religiosidade. O segundo nível de abordagem se dará na observação de um evento total, o culto às almas e suas consequências de *communitas*<sup>1</sup> e sociabilidade no plano das festas e romarias no meio rural, a partir da experiência vivenciada no vilarejo do Peixe.

O primeiro capítulo “O Vale do Jequitinhonha e suas manifestações religiosas”, inicialmente apresenta o contexto histórico e as características de uma vivência rural e de uma religiosidade popular na cidade de Presidente Kubitschek e no vilarejo do Cemitério do Peixe. Partindo de um viés antropológico e utilizando o conceito religiosidade popular, aponto para o fato de que há várias maneiras possíveis de uma religião ser concretamente vivida. Mesclando teoria com a descrição etnográfica, observo as representações populares durante a semana santa de Presidente Kubitschek através do culto a Maria da Lapa, caso semelhante aos observados por Freitas (2003) no culto de mortos que fazem milagres. A religiosidade ali é

---

1 “A *communitas* surge espontaneamente motivada por valores, crenças ou ideais coletivos, configurando-se numa antiestrutura”. (SILVA, 2012, p.46).

marcada pelo culto aos santos e a população se destaca por ter uma vida religiosa vivida coletivamente. A vida coletiva é elemento fundamental nas localidades observadas, as pessoas carregam entre si relações de parentesco, vizinhança e amizade. Essas relações proporcionam relações de dádiva, reciprocidade, sociabilidade e solidariedade. E como apontarei neste capítulo essas relações permanecem mesmo após a morte através do contato entre os vivos e as almas.

No segundo capítulo “Os rituais em torno da morte”, apresento as transformações históricas sofridas pelo ritual funerário. No decorrer dos séculos ocorreram transformações nas atitudes do Homem diante da morte, tais mudanças coincidem com as reformulações que a própria estrutura da sociedade veio sofrendo, transformações que se intensificaram no século XX. Mesmo com alguns traços que permanecem no ritual funerário ainda lembrem os costumes dos séculos anteriores, esses podem se revelar com novos sentidos. A partir da obra de autores como Ariès (1977); Reis (1991,1997); Rodrigues (1983); Elias (2001) e, introduzindo dados colhidos na pesquisa de campo, será possível constatar que a distribuição dessas mudanças não é uniforme, principalmente quando se observam cidades com as características apontadas no primeiro capítulo de zonas rurais, menos modernizadas e mais religiosas. São apresentadas as atitudes dos vivos diante dos mortos na Europa e no Brasil chegando, posteriormente, ao caso específico de Presidente Kubitschek. A observação do estudo de caso enfatizará principalmente às formas de participação e a realização do enterro, observando na construção do velório municipal, fruto da administração política 2008 – 2012, o principal responsável pelas mudanças no culto ao morto na localidade. No segundo item deste capítulo, a abordagem central será apontar como a religiosidade na hora da morte é importante para proporcionar um ritual de passagem, essa faz com que alguns rituais não desapareçam e continuem a ser executados, mesmo com um novo formato.

Utilizando das teorias de Gennep (2011) e Turner (1974) é possível observar que os rituais funerários são compostos por ritos de passagem, que são ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social ou idade. Turner enfatiza que os ritos de passagem ou transição, são compostos por três fases: separação, margem (limen) e agregação. O momento da morte implica na mudança estrutural da comunidade local, é o momento extraordinário, a perda proporciona mesmo que momentaneamente a suspensão dos papéis sociais, que só voltarão a estar organizados ao fim do velório ou do estado de luto, no momento em que o morto realiza sua passagem para a outra vida. Já os que permanecem em vida se reestruturam e dão um novo formato a sociedade. Em uma comunidade pequena como

Presidente Kubitschek, esses processos de reestruturação são mais nítidos, já que os laços sociais são mais próximos.

O terceiro capítulo “Mudanças e continuidades do ritual fúnebre no Vale do Jequitinhonha” enfatizará que, no momento da morte, destacam-se as relações sociais entre os participantes do funeral e as formas de lidar com a morte e o morto, tendo a religiosidade papel fundamental. O capítulo se constrói, em boa parte, a partir da História oral e da etnografia realizada nos três velórios que foram acompanhados. São destacados os ritos que proporcionam a inclusão do morto no mundo dos mortos que são as exéquias, a missa de sétimo dia, o dia de luto, finados e os ritos piaculares celebrados na inquietação e tristeza que são identificados nas cerimônias fúnebres. Esses ritos cumprem a função de unir as pessoas, os efeitos da morte avivam os sentimentos coletivos que, por conseguinte, levam os indivíduos a procurarem-se e a aproximarem-se. O capítulo buscará descrever quais são, de fato, as atitudes tomadas pelos vivos diante dos mortos e, em seguida, a relação que estabelecem com as almas e a memória dos seus mortos que sempre são homenageados no dia de finados.

O dia de finados remete ao culto às almas, essa devoção permite ao final desse terceiro capítulo encerrar a dissertação apresentando a festa do Jubileu de São Miguel e Almas, realizado no Cemitério do Peixe. A festa apresenta todos os elementos essenciais da vivência popular do catolicismo, a devoção ao santo e às almas, a romaria, a festa e a variedades de cultos tanto domésticos quanto coletivo. A peregrinação começa no início da semana com a chegada dos padres e dos moradores da região e intensifica-se no final de semana, com romeiros vindos de diversos lugares. Da quarta-feira até o domingo, o vilarejo apresenta um boom populacional e de três moradores o lugarejo passa a ter cerca de cinco mil pessoas, que estabelecem uma espécie de *communitas*, os papéis sociais existente são suspensos e uma nova vida é criada durante o festejo para as almas.

A seguir apresento as técnicas de pesquisa empregadas na dissertação, além de fazer uma descrição geral dos entrevistados. Seguindo os moldes de Geertz (1989), espero realizar o trabalho etnográfico na busca de, não apenas descrever os atos e fatos, mas interpretar os significados que compõem as ações e desvendar quais são suas relações e as suas consequências.

O estudo foi realizado a partir de três fontes principais: levantamento bibliográfico, entrevistas e o trabalho de campo a partir do método etnográfico. A pesquisa bibliográfica teve como objetivo auxiliar no levantamento de informações sobre os principais assuntos abordados no texto, dentre eles a religiosidade, catolicismo popular, sociabilidade, rituais de



passagem e rituais funerários. Para isso, o levantamento bibliográfico passou pelos campos das Ciências Sociais (Antropologia e Sociologia), História e Ciência da Religião, sendo que esta pesquisa se insere no campo multidisciplinar.

Os livros, artigos, teses e dissertações lidas auxiliaram na etapa subsequente da pesquisa, com a realização do trabalho de campo de cunho etnográfico. A etnografia foi realizada a partir da observação participante, com auxílio da metodologia de História oral na coleta de dados e realização das entrevistas. Inserindo e relacionando os dados colhidos com as teorias pesquisadas inicialmente.

Durante a realização da pesquisa fiz cinco viagens até Presidente Kubitschek permanecendo na região por cerca de duas semanas em cada viagem e realizadas três viagens até o Cemitério do Peixe, durante o Jubileu de São Miguel e Almas, no mês de agosto de 2012 e 2013 e durante o “Peixinho” dia de São Miguel Arcanjo, no mês de setembro de 2013. Assim, utilizei métodos de pesquisa diferentes para cada localidade.

A pesquisa contou com a observação participante através do acompanhamento do dia a dia da população de Presidente Kubitschek. Durante os dias no campo procurei conviver com os habitantes e familiarizá-los com a minha presença e com o tema da pesquisa. Alguns dos entrevistados foram selecionados a partir das sugestões da entrevistada Valéria e outros foram escolhidos por mim. Nos dias vivendo como kubitschekense, procurei conversar, fazer anotações, colher depoimentos e entrevistas, além de fazer o registro visual através de fotografias. As entrevistas<sup>2</sup> foram dirigidas ao tema, sempre tendo como apoio a bibliografia levantada. Foram feitas de forma mista: livre e orientada, a partir de uma entrevista semiestruturada, com a captação do áudio. Inicialmente, as pessoas não se sentiram a vontade para serem filmadas ou identificadas, assim quando for necessário transcrever um trecho da entrevista optarei por utilizar nomes fictícios. Estas entrevistas foram guiadas pela História oral, metodologia presente nas Ciências Humanas desde meados do século XX, sendo uma fonte rica de informação que permite o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. A história oral<sup>3</sup> é útil para compreensão da história do cotidiano, permitindo o estudo de diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse, das mais diversas camadas sociais, gerações e sexos (ALBERTI, 2008).

---

2 A escolha dos entrevistados foi guiada pelo objeto de pesquisa não sendo predominantemente orientada por critérios quantitativos ou com uma preocupação com amostragem. (ALBERTI, 2005).

3 O trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. Ela [a memória] é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. A memória é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. (POLLAK apud ALBERTI, 2008, p.167).

O Jubileu do Cemitério do Peixe surgiu em meio aos estudos sobre ritual funerário, durante uma das viagens a Presidente Kubitschek fui indagado por uma pessoa com a seguinte frase: Já que você estuda morte, por que não vai na festa do Peixe, numa cidade fantasma? A pesquisa sobre a festa do Peixe é importante porque é o desdobramento da pesquisa sobre o ritual funerário, ambos implicam no estudo sobre religiosidade, *communitas*, culto aos santos e as almas, além de delimitar o tema para a continuação da pesquisa em uma futura tese de doutorado. No Cemitério do Peixe o método de pesquisa aplicado foi a observação imediata da festa. Durante os dias do jubileu procurei conviver com os frequentadores e realizei entrevistas não diretivas<sup>4</sup>, essas conversas foram redigidas no caderno de campo juntamente com minhas observações sobre o evento. Utilizei também uma câmera digital para gravar cenas rituais do Jubileu de São Miguel e Almas, essa filmagem dos momentos rituais resultou no vídeo etnográfico intitulado “Cemitério do Peixe: uma experiência de etnografia visual no Jubileu de São Miguel e Almas”<sup>5</sup>, privilegiando os momentos mais relevantes, apreendidos nos discursos dos fiéis, para a compreensão dos significados do Jubileu de São Miguel e Almas em suas vidas.

Nesse contexto, selecionei moradores das cidades pesquisadas – Presidente Kubitschek e Cemitério do Peixe – pessoas que viveram experiências referentes à história dessas localidades, ao culto ao morto e a vivência popular do catolicismo. Os mais velhos foram os principais escolhidos, no intuito de privilegiar pessoas que tenham participado ou testemunhado acontecimentos, conjunturas e visões de mundo que se aproximam do objeto de estudo (ALBERTI, 2005). Na descrição das entrevistas optei por seguir o caderno de campo e manter o primeiro nome das pessoas que conversei no Cemitério do Peixe. Em relação aos entrevistados na cidade de Presidente Kubitschek optei por dar nomes fictícios, além de fazer uma descrição de cada entrevistado que apresento a seguir:

**Amanda:** branca e de estatura mediana, tem 54 anos e é funcionária pública. A entrevista foi feita na cozinha, acompanhada por limonada e pão de queijo. Sempre muito risonha dava gargalhadas ao lembrar dos mitos e lendas em torno da morte, como por exemplo “sonhar com jabuticaba é morte na família”. Fez importantes considerações sobre o ritual funerário e seus frequentadores.

- 
- 4 As perguntas foram sendo formuladas durante as conversas e busquei perguntar sobre a história de surgimento do Cemitério do Peixe, há quanto tempo participavam do Jubileu, quais mudanças notaram nos últimos anos e sobre a devoção a São Miguel Arcanjo e às Almas.
- 5 A produção do vídeo etnográfico teve a coautoria de Marina Barbosa Nogueira Silva.

**Carla:** branca e de estatura baixa, tem 74 anos e é aposentada. Conversamos na sala da sua casa juntamente com sua filha Bruna e Valéria (que foi quem sugeriu a entrevistada). Muito religiosa se referia a Deus quase o tempo todo e se diz devota de todos os santos. Quando contava suas histórias falava baixinho, quase sussurrando. Diz-se conformada com a morte e, muitas vezes, falava de forma jocosa sobre o tema.

**Bruna:** branca e de estatura baixa, tem 48 anos e é técnica de enfermagem. Foi ouvida juntamente com sua mãe Carla. Muito tranquila, reafirmou aquilo que foi contado por sua mãe. Diz fazer tudo para a pessoa moribunda, mas depois que a pessoa morre não consegue colocar a mão.

**Rogéria:** branca e de estatura baixa, tem 84 anos e é aposentada. Realizei a entrevista com ela sentada ao lado do fogão a lenha. Com muita simplicidade disse que responderia àquilo que soubesse, lamentou as dificuldades e as mortes sofridas pela família, mas destacou as conquistas alcançadas mesmo com as dificuldades. Contou sobre a história de Maria da Lapa e, ao final, serviu-me uma banana frita com açúcar.

**Ana:** negra, estatura mediana, 67 anos e aposentada. Vizinha dos meus avós a conheço desde a minha infância. Só pediu que a entrevista fosse realizada na parte da tarde, momento em que a casa estava mais vazia, depois da entrevista a casa encheu rapidamente com a chegada dos netos. Tomamos café e comemos pão de queijo. Devota de Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora Aparecida. Destacou as melhorias para cuidar do morto e contou sobre a crença de colocar uma bacia com água e uma tesoura ou uma aliança para o defunto não inchar, além da história sobre as coroas de flores que não podem desmanchar antes do enterro, caso contrário é o sinal de mais uma morte.

**Marta:** branca, estatura baixa, 74 anos e dona de casa. Entrevistada na sala de sua casa é Devota do Divino Pai Eterno. Diz-se uma pessoa muito religiosa, que está às ordens da Igreja Católica para tudo que essa precisar. Para ela tudo que se pede com fé é possível alcançar. Sua casa tem quadros e imagens de santos além de uma ferradura na porta para espantar o mau agouro. Ao final da entrevista me levou para cozinha onde serviu café e requeijão e contou sobre a relação de amizade que tinha com minha avó.

**Vera:** branca, estatura mediana, 46 anos e funcionária pública. Entrevistada na cozinha da casa da sua irmã, muito engraçada e sorridente contava dos velórios, dizendo não poder faltar nem fogueira ou cachaça, para que as pessoas possam aguentar o frio e o velório a noite inteira.

**Paula:** negra, estatura mediana, 26 anos e enfermeira. A entrevista foi realizada no seu local de trabalho, no posto de Estratégia Saúde da família (ESF). Lembrando da sua

profissão de enfermeira ressaltou as diferenças no tratamento da morte em Presidente Kubitschek se comparada a uma cidade maior. Relatando a vontade dos mais velhos de serem velados na própria casa após a morte.

**Romeu:** pardo, estatura mediana, 85 anos, aposentado. Foi entrevistado na cozinha de casa (antes da entrevista o acompanhei no jantar comemos um delicioso frango ao molho pardo), disse-me que procurei a pessoa certa, porque sempre que morria alguém mandavam chamar ele. É famoso por ser um profundo conhecedor da história da cidade. Diz não desfazer dos outros santos, mas seu santo de devoção é São Sebastião. É membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

**Rafaela:** branca, estatura mediana, 69 anos, aposentada. Ministra da Igreja Católica, conhecemo-nos no velório municipal quando ela foi realizar a encomendação da alma do defunto. Muito tranquila, contou sobre como começou a participar frequentemente na Igreja Católica e sobre as atitudes que devem ser tomadas para que a alma chegue até Deus.

**Valéria:** branca, estatura mediana, 48 anos e funcionária pública. Pessoa mais próxima de mim e que teve papel importante durante toda a pesquisa em Presidente Kubitschek. Devota de Nossa Senhora das Dores. Destacou a participação das crianças no velório que, segundo ela, saem correndo da escola em direção a casa do morto. Diz não querer ser velada no velório municipal, prefere o aconchego da própria casa.

Na cidade de Presidente Kubitschek foram ouvidas onze pessoas (dez mulheres e um homem), as entrevistas foram realizadas, em sua maioria, na casa dos próprios entrevistados ou na casa de parentes, apenas uma entrevista foi feita no local de trabalho. Todos me receberam muito bem, alguns eu já conhecia e outros não.

Minha inserção no campo foi facilitada pelo fato de meus avós (já falecidos) serem da cidade. O que faz com que minha árvore genealógica cruze com a de muitos dos moradores, sendo eu não só um pesquisador ou estranho, mas também alguém da família. Além do parentesco a escolha de uma das minhas entrevistadas/informantes também foi essencial por ser ela uma pessoa muito querida na cidade. As relações pré-existentes entre o pesquisador e pesquisados, com certeza, abriu mais portas do que fechou, mas ainda assim dificultou a existência de um afastamento com os pesquisados que, às vezes, faz-se necessário para uma melhor avaliação das informações levantadas e para enxergar além das aparências, das atitudes normais e corriqueiras.

Através de suas narrativas foi possível compreender como se dava o rito funerário, conhecer o porquê das mudanças e entender como são criados os laços de sociabilidade entre os participantes do ritual, permitindo recuperar aquilo que não é possível encontrar em

documentos, ocorrendo uma interpretação do passado atualizada. Interpretação está realizada em primeira mão pelo nativo já que é a sua cultura, cabendo ao pesquisador realizar uma interpretação sobre os ombros do nativo, sendo essa de segunda ou terceira mão (GEERTZ, 1989).

A etnografia inicialmente tinha como maior objetivo detalhar como eram realizados os rituais funerários em Presidente Kubitschek, tal método se mostrou de difícil aplicação por depender da presença do pesquisador no campo junto ao acontecimento da morte. Ainda assim, acompanhei três velórios. Dessa forma, o capítulo três se destaca por apresentar a descrição dos detalhes do ritual que foram observados, relatados e interpretados. O trabalho etnográfico é uma atividade fundada no acordar do olhar e na surpresa que atrai a visão, buscando, numa abordagem deliberadamente microssociológica, notar o mais atentamente tudo que é encontrado, incluindo mesmo os comportamentos aparentemente mais inofensivos e simples (LAPLATINE, 2004).

Devido à dificuldade de acompanhar os funerais, a metodologia da História oral foi de grande auxílio, pois possibilitou colher as vivências e trajetórias de vida das pessoas, caminhos esses extremamente ligados à história da cidade, pois a narrativa de cada um diz respeito a toda aquela sociedade. A etnografia em conjunto com a história oral possibilitou escapar de uma definição rígida de ritual, como proposto por Peirano (2003), a compreensão do que é um ritual não pode ser antecipada, precisa ser apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa. Notando assim que o ritual não é algo fossilizado, imutável ou definitivo.

Ao fim desta pesquisa é possível notar algumas falhas metodológicas, essas provavelmente ligadas à imaturidade e falta de experiência do pesquisador, mas que serão corrigidas em próximos trabalhos. Assim, a partir do próximo capítulo, apresento as características das localidades pesquisadas.

## **1 O VALE DO JEQUITINHONHA E SUAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS**

Neste primeiro capítulo serão apresentadas as duas localidades – suas estruturas e especificidades. A convivência que tive com os moradores de Presidente Kubitschek e com os festeiros do Cemitério do Peixe foram muito importantes para conhecer a simplicidade e a união da população dessa região em Minas Gerais. Quando digo que é um povo unido não quero dizer que não exista conflito entre as pessoas, como em todos os lugares ali também existem intrigas, desentendimentos e discussões. Mas a população é muito pequena, as pessoas que estão ali se conhecem há muitos anos, essa proximidade e as dificuldades vividas em anos anteriores fizeram com que as pessoas apresentassem uma maior preocupação umas com as outras, principalmente quando o assunto é doença e morte.

Em Presidente Kubitschek fiquei instalado na casa dos meus falecidos avós, mas tendo grande apoio da esposa do meu tio, que vive na casa ao lado, mas a atitude de dormir sozinho naquela casa impressionou as pessoas, perguntavam-me se eu não tinha medo e parabenizavam-me dizendo que sentiam muita falta dos meus avós, afirmando ser muito bom ver a casa aberta novamente. Nos dias em que vivi na cidade recebi muito carinho e atenção, as pessoas me perguntavam como eu estava, se me alimentava bem e caso eu precisasse de algo poderia recorrer a qualquer um. Em um determinado dia tive uma intoxicação alimentar e fui durante a madrugada ao posto de saúde, no dia seguinte, na parte da manhã, as pessoas já sabiam do meu mal súbito e muitos me questionaram o porquê de eu não ter pedido ajuda para ninguém. O que mais me chamou a atenção foi a rápida velocidade da informação e o número de pessoas que se ofereceram para me ajudar, faço desse um exemplo inicial das características da população que descrevo neste capítulo.

Inicialmente apresento o contexto da vida da população, apontando o que identifiquei como uma experiência rural de vida, que tem como característica central a partilha, uma vida organizada em torno da família, vizinhos e amigos.

Em seguida abordado a questão da religiosidade e a vivência popular do catolicismo, marcada pelo culto aos santos e onde a população se destaca por ter uma religiosidade vivida coletivamente. Em Presidente Kubitschek, por exemplo, existe uma santa de origem popular, uma pedinte que morreu em um incêndio e mesmo sem ter familiares é a alma mais lembrada durante as missas e o dia de finados.

No último item deste capítulo trabalho a questão da sociabilidade e solidariedade existente entre a população do Vale do Jequitinhonha, ressaltando as relações que permanecem mesmo após a morte na relação existente entre os vivos e as almas.

## 1.1 A CIDADE E A POPULAÇÃO DE PRESIDENTE KUBITSCHEK

Entranhada nas alterosas mineiras, a cidade de Presidente Kubitschek<sup>6</sup> está situada na Serra do Espinhaço, no Vale do Jequitinhonha<sup>7</sup>, na microrregião Alto Jequitinhonha. O município fica localizado entre as cidades de Diamantina<sup>8</sup> e Serro<sup>9</sup>, e foi graças a elas que se deu o início do povoamento e o desenvolvimento da região e da localidade a estudada. É importante apresentar brevemente a história do surgimento de Diamantina<sup>10</sup>, maior cidade da região que até meados do século XX Presidente Kubitschek compunha os distritos pertencentes à Diamantina.

O povoamento de Diamantina iniciou-se com os primeiros bandeirantes nos fins do século XVII intensificando-se em meados do século XVIII, constituiu-se seguindo as margens dos rios Jequitinhonha e Pardo, inicialmente a localidade se chamava Arraial do Tijuco e apresentava uma população flutuante que vinha em busca de pedras preciosas (MACHADO FILHO, 1980).

A cidade tem uma história particular, em meados do século XVIII, a coroa portuguesa preocupada com o contrabando e com a exploração exacerbada de diamantes, eleva a região onde esses eram explorados em um Estado isolado dentro do Estado, conhecido como a Demarcação Diamantina<sup>11</sup>. Dessa forma, toda a vida civil foi subordinada à exploração de um bem exclusivo da coroa. Para viver, trabalhar e, até mesmo, entrar no

---

6 Distâncias entre Presidente Kubitschek e: Juiz de Fora 551 km, Belo Horizonte 286 km, Conceição do Mato Dentro 91 km, Diamantina 60 km, Serro 40 km.

7 O Vale do Jequitinhonha está situado na região nordeste de Minas, é banhado pelo Rio Jequitinhonha, ocupa uma área de 79 mil km<sup>2</sup> e tem uma população aproximada de 940 mil pessoas. É formado por 75 municípios, dos quais 52 estão organizados nas microrregiões Alto, Médio e Baixo Jequitinhonha, e 23 estão integrados a antiga área mineira da SUDENE. O Vale do Jequitinhonha é uma das regiões mais pobres de Minas Gerais, apresenta intenso fluxo migratório, pequena oferta de emprego e baixa taxa de urbanização. (NOGUEIRA, 2008)

8 Em 1831 a localidade até então conhecida como Arraial do Tijuco é elevada a categoria de vila, com o nome de Diamantina. Passando a ser cidade com o mesmo nome em 1838.

9 A comarca de Serro Frio foi criada em 17 de fevereiro de 1720. Foi elevada a cidade – Serro – em 6 de março de 1838.

10 A cidade de Diamantina tem uma população de 45.880 habitantes, segundo o IBGE. Se destaca atualmente pelo turismo e pela presença da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, com 23 cursos de graduação e 12 de pós-graduação *stricto sensu*, no campus de Diamantina.

11 Segundo Carrara (2005) a história administrativa do Distrito Diamantino – principalmente em meados do século XVIII é marcada pela substituição à legislação vigente em toda a Capitania – Demarcação Diamantina. Durante um curto período de tempo se formou um emaranhado de leis, decretos, ordens régias, bandos, portarias e editais com vistas a reger de forma particular a área de ocorrência das jazidas diamantíferas. As autoridades portuguesas observavam a similaridade da exploração dos diamantes, notando que este exigia tratamento distinto do dispensado ao ouro. É por isto que as normas motivadas pela necessidade de instituir um corpo administrativo responsável pelo controle das lavras diamantíferas vinham mescladas com uma legislação, cujo intuito visava a, acima de tudo, garantir o máximo rendimento fiscal. (CARRARA, 2005).

Distrito Diamantino era necessário ter autorização da coroa portuguesa (MACHADO FILHO, 1980). Muitos foram os garimpeiros vigiados e perseguidos na Demarcação Diamantina, logo estes se refugiaram e expandiram seus trabalhos para outros rios da região, ocasionando mais bandeiras no interior de Minas.

Presidente Kubitschek se origina nessa época de mineração. Inicialmente foi batizada de Pouso Alto por tropeiros e outros viajantes que por ali passavam para dormir e descansar. A população que começou a se estabelecer no local vivia do trato com os viajantes e da exploração do garimpo no rio Tijucal, a procura de ouro, diamante e cristais (RODRIGUES; PINTO, [2013?])<sup>12</sup>.

No início do século XX, a cidade passa a ter um novo nome, Tijucal. A população local se mobiliza para promover a emancipação de Tijucal e apadrinhada pelo filho ilustre de Diamantina, Juscelino Kubitschek, consegue se emancipar, passando a ser cidade e adquirindo o nome atual de Presidente Kubitschek<sup>13</sup>. Essencial ressaltar que o nome Tijucal permanece até hoje, mesmo que de forma não oficial. O nome está em estabelecimentos, como, por exemplo, na farmácia da cidade que se chama Farmácia Tijucal, mesmo a população o utiliza em vários momentos da vida cotidiana, muitas vezes se referindo à cidade como Tijucal e não como Presidente Kubitschek. A utilização desse nome remete a ligação da população com seu passado, através da memória se cria a condição da identidade dos grupos e pessoas, a preservação dessa memória é propícia a existência da identidade e unidade de um grupo humano (RIVERA, 2000). Destaco aqui o diálogo entre duas entrevistadas quando pergunto o local de nascimento:

Thiago: Qual o local de nascimento?

Carla: Tijucal.

Bruna: Tijucal, não. Presidente Kubitschek!

Carla: Na época que eu nasci era Tijucal, nem era Tijucal era Pouso Alto. (risos)

O primeiro símbolo religioso da cidade está a poucos quilômetros da entrada do município é o cruzeiro, também chamado de cruz das almas, que fica localizado a beira da estrada no alto de um morro de onde já é possível visualizar a pequena cidade. O número de moradores de Presidente Kubitschek sofreu poucas alterações no decorrer dos anos, segundo

---

12 Histórico do município de Presidente Kubitschek/MG, fornecido pela Biblioteca Municipal de Presidente Kubitschek.

13 Pouso Alto passou a ser distrito de Diamantina por Lei nº 1295 de 30/10/1866 e elevado a Paróquia Lei 442 de 28/12/1887. Passou a ser Tijucal por lei nº 843 de 07/09/1923. O município é emancipado por Lei nº 2764 de 30/12/1962. Em 01/03/1963 foi instalado o município de Presidente Kubitschek.



dados do IBGE em 2012 tinha a população estimada em 2.961 pessoas e em 2013 de 3.050 pessoas.

TABELA 1 - Evolução Populacional de Presidente Kubitschek

ANO	POPULAÇÃO
1991	2.932
1996	2.549
2000	2.951
2007	2.978
2010	2.959

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA A PARTIR DOS DADOS DO IBGE<sup>14</sup>

Como apresentado na tabela acima, a população de Presidente Kubitschek pouco se alterou no decorrer dos anos – observando que a população diminuiu entre 2007 e 2010 e voltando a aumentar desde então –, mas a estrutura da cidade alterou-se consideravelmente. Motivada por maiores investimentos vindos do governo estadual e federal<sup>15</sup>, acompanhada por boa administração pública local, a cidade desenvolveu-se, contando hoje duas unidades de saúde, creche e escolas<sup>16</sup>. Novas casas também foram construídas e muitas bem diferentes das construções mais antigas, que normalmente eram pequenas e simples, tanto que os indicadores de habitação comprovam as melhorias os dados apontam que em 1991 apenas 51,10% dos domicílios tinham água encanada, 64,56% dos domicílios tinham luz elétrica e somente 29,09 deles tinham coleta de lixo, em 2010 essas porcentagens passaram a ser de 90,13%, 98,55%, 99,74%, respectivamente. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) da cidade ainda é considerado baixo, mas o índice teve um aumento de 61,25%, nos últimos 20 anos, acima da média de crescimento nacional e estadual que foi de 47% e 52%, respectivamente (PNUD; IPEA; FJP, 2013)<sup>17</sup>.

14 Censo IBGE 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=31&dados=1>>. Acessado em: 21 de outubro de 2011.

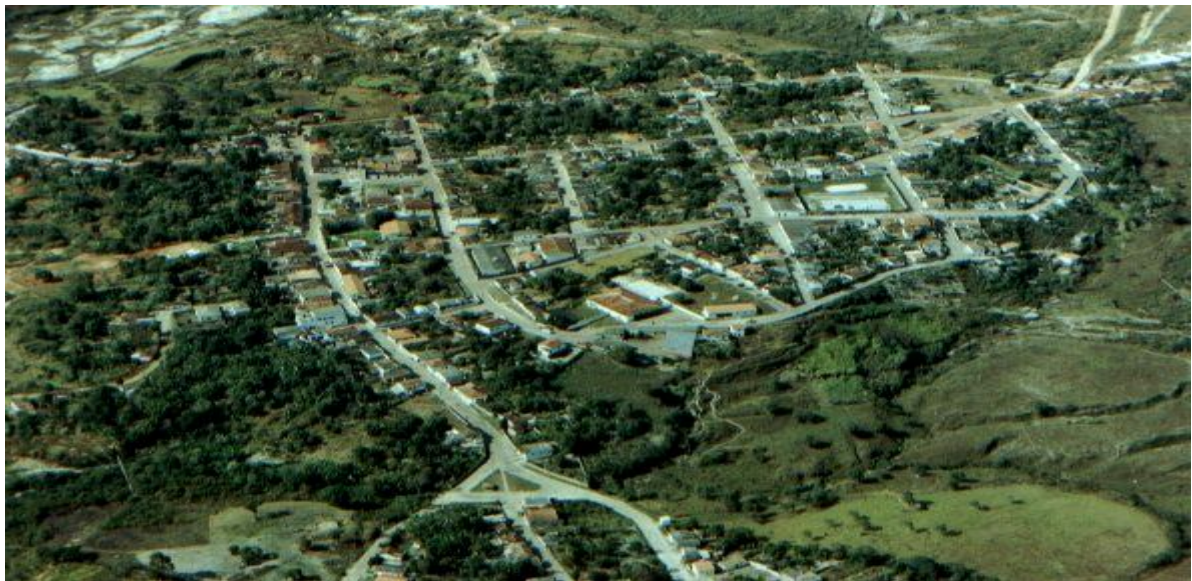
15 Segundo a Secretaria Municipal de Assistência Social programas como o Bolsa Família, leite pela vida, Projeto Travessias Social assim como Centro de Referência de Assistência Social, tiveram grande impacto no município.

16 Os investimentos na cidade influenciaram o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), em 1991 o índice era de 0,369 e em 2010 passou a ser de 0,595 (Pnud, Ipea e FJP, 2013)..

17 Disponível em: <[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/presidente-kubitschek\\_mg](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/presidente-kubitschek_mg)>. Acessado em 20/02/2014

Dentre essa população, 2017 pessoas vivem na zona urbana e 942 na zona rural. Sendo, desse total, 1493 homens e 1466 mulheres. Os moradores estão divididos em 760 domicílios, sendo que em 453 desses a população vive com até dois salários mínimos<sup>18</sup>. Segundo os dados divulgados pelo Atlas Brasil<sup>19</sup> (2013), a renda per capita de Presidente Kubitschek cresceu 87,99% em duas décadas, saindo de R\$150,50, em 1991, passando para R\$182,86, em 2000 e chegando a R\$283,93, em 2010. O Índice de Gini usado para calcular e medir o grau de concentração de renda aponta para uma diminuição de desigualdade de 0,51, em 1991, para 0,44, em 2010 (PNUD, IPEA e FJP, 2013).

FIGURA 1 – PRESIDENTE KUBITSCHEK



FONTE: Vagner Lúcio de Assis (19/10/2009)<sup>20</sup>

A cidade é pequena e tranquila, é comum ver as pessoas sentadas em frente à porta de suas casas tomando sol e observando o movimento. A paisagem presente na cidade, muitas vezes, aproxima-se ao meio rural. Cavalos, vacas e galinhas podem ser vistos sem dificuldades perambulando pela cidade.

Por todo lado que olha se encontrar o verde, diferente da cor cinzenta das grandes cidades. As fazendas, as roças, os rios e as cachoeiras estão logo ali, cercando o município. A

18 Rendimento mensal domiciliar:

Até ½ salário mínimo: 32 domicílios

De ½ a 1 salário mínimo: 180 domicílios

De 1 a 2 salários mínimos: 241 domicílios

19 O Atlas Brasil 2013 reuni os dados do IDH Municipal apresentados pelo PNUD Brasil, IPEA e Fundação João Pinheiro a partir dos dados do Censo Demográfico de 2010.

20 Disponível em: <<http://www.citybrazil.com.br/mg/preskubitschek/galeria-de-fotos/2>>, acessado em 18/02/2014.

cidade conta com algumas praças – em torno de sete – não são grandes, mas são arborizadas e muito bem cuidadas, duas delas contam com equipamentos de ginástica. As ruas da cidade apresentam dois tipos de calçamento: pedra e paralelepípedo. No centro do município estão instaladas as agências dos correios, a câmara municipal, a prefeitura, o posto de saúde, o colégio e uma farmácia. Próximo à entrada do município também na região central está a única Igreja Católica, de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade – segundo dados do IBGE, 2720 moradores se declaram católicos<sup>21</sup>. Esse é um dado de extrema importância, pois 91% da população é composta por católicos, essa é a proporção de católicos que o Brasil tinha nos anos 1970. O quadro religioso nacional aponta para ascensão do número de evangélicos contra uma decadência do número de católicos, de forma que esse quadro não se comprova na cidade referida.

FIGURA 2 – ENTRADA DE PRESIDENTE KUBITSCHK



FONTE: Foto do autor 05/11/2013

Ao acompanhar a Semana Santa – exposta com maiores detalhes no subcapítulo seguinte – foi possível observar a grande participação dos habitantes. Aqueles que não acompanhavam a procissão ficavam a esperando das janelas de suas casas. A Semana Santa, assim como outros ritos coletivos, tem extrema importância, pois é o elo entre familiares, vizinhos e amigos, momento de religiosidade, sociabilidade e festa.

---

<sup>21</sup> Religião Evangélica: 203 pessoas

Questionei os entrevistados sobre a religiosidade de cada um e todos se declaram pessoas religiosas, pude notar que as casas em que moram geralmente contam com mais de uma imagem de santo. No dia a dia, em conversas corriqueiras entre os moradores era possível escutar frases de agradecimento a Deus ou a Nossa Senhora pelas graças alcançadas, ou colocando nas mãos dessas divindades o seu futuro.

Sou uma pessoa muito religiosa, porque eu acredito em Deus e rezo muito... Tenho devoção em Jesus Cristo, creio que ele tem capacidade de rogar por nós. Peço muito a Nossa Senhora Aparecida que me valei. (Rogéria, mulher, 84 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 22/03/2013).

Sou religiosa porque acredito muito em Deus, tenho confiança, peço e confio... Gosto muito de Nossa Senhora Aparecida, mas logo, quando a gente precisa, peço pra Nossa Senhora das Dores. (Ana, mulher, 67 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 20/03/2013).

Uma característica que me chamou muito a atenção é o fato de que as casas sempre permanecem com as portas abertas. Dificilmente se encontra uma casa fechada a chave. A casa destrancada é um facilitador de visitas, as pessoas chegam entrando nas casas, chamando pelo nome do morador e quando você se dá conta já estão na sala ou na cozinha, como me disse Ana. Além disso, as pessoas se sentem seguras na cidade, podendo deixar as portas destrancadas, pouco se vê da atuação policial. Tanto que em uma noite policiais saíram em disparada pela cidade com a sirene ligada, o barulho chamou a atenção, quando saí de casa para ver o que estava acontecendo várias outras pessoas também estavam na rua querendo saber o que aconteceu, algumas rindo da postura da polícia de fazer tanto escarcéu. Segundo Vera, aquilo era por causa de um povo de São Paulo que estava arrumando confusão.

Mas voltando ao clima de tranquilidade e de casas sempre abertas em Presidente Kubitschek, toda visita é bem vista, é comum visitar e receber visitas, principalmente quando alguém da casa encontra-se enfermo. Todo kubitschekense, como bom anfitrião, recebe a visita com farta comida. Seja um café – na parte da manhã ou da tarde – acompanhado por pão, biscoito, pão-de-queijo, requeijão e um delicioso queijo minas. Nos horários de almoço e janta as refeições têm-se a tradicional comida mineira – composta, na maioria das vezes, por arroz, feijão, carne, angu e algum legume ou verdura. Nas casas que frequentei para realizar a pesquisa, pude constatar essa receptividade da população kubitschekense<sup>22</sup>, a população

---

22 Fato inusitado foi encontrar o gentílico de Presidente Kubitschek no site do IBGE. Segundo o instituto, quem nasce na cidade é kubitschekano. Em contrapartida, a população se refere como sendo kubitschekense. Até a principal festa da cidade que ocorre no feriado de Nossa Senhora Aparecida, no dia 12 de outubro, se chama “Kubitschekense Ausente”. Dessa forma a pedidos da população utilizarei o termo kubitschekense.

sempre me recebeu com as portas abertas para contar suas histórias, além de querer ouvir sobre o motivo da minha pesquisa.

Em geral os entrevistados me disseram que a principal qualidade da população de Presidente Kubitschek se deve ao fato de serem pessoas generosas e solidárias. Lógico que nem sempre todas as relações são harmoniosas como observa Rogéria:

Aqui é lugar de gente caridoso, mas tem gente ruim, mas ruim mesmo. Existe pessoas boas, de mais de mais, muita gente boa que tem aqui, caridosas e tudo, mas tem gente ruim, que tem inveja de todo mundo, se tem um feitiço que o povo faz é essa inveja”. Mesmo tendo pessoas “ruins” a qualidade destaca por ela é a caridade (Rogéria, mulher, 84 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 22/03/2013).

As qualidades que são destacadas pela população, apresentam uma possível ligação com a sua formação histórica. Tal formação se deve pela convergência de dois fatores: a experiência/vivência rural na vida cotidiana, juntamente com a religiosidade católica.

Como já visto inicialmente, a cidade está afastada de grandes centros urbanos, a população que lá se encontra é herdeira de antepassados que viviam da exploração da terra. Seja no trabalho braçal do garimpo, na lida com o gado ou na plantação e colheita de alimentos. Mesmo as pessoas que vivem na zona urbana de Presidente Kubitschek têm essa vivência e conhecimento. Destaco essa vivência, pois credito a ela essa relação parental existente entre toda a população – uma das motivações que engrandecem e enchem os velórios.

Torna-se importante ressaltar que não cabe a esta pesquisa entrar em discussões criteriosas sobre os limites entre o rural e o urbano<sup>23</sup>, portanto não haverá indagações que se referem a questionar se pequenos municípios podem ou não ser considerados cidades, e se são urbanos ou rurais<sup>24</sup>. Neste trabalho é importante e necessário diferenciar o rural do urbano no sentido de esclarecer qual o contexto de vida dos habitantes, para assim esclarecer o que chamo aqui de experiência/vivência rural da população. A diferenciação entre o que é rural e o que é urbano pode, algumas vezes, ser pensada como dispersão e aglomeração respectivamente ou mesmo designar o rural como uma condição de vida pretérita, que vem sendo superada material e culturalmente (ENDLICH, 2010), mas apenas avaliar dessa forma torna o conceito muito simplista. Outras análises avaliaram a densidade demográfica, e até

---

23 Rosa e Ferreira(2010), realizaram um levantamento e análise de bibliografia que procurou compreender como as categorias de campo, cidade, rural e urbano foram trabalhadas pelas Ciências Sociais. Em seu trabalho destacam autores como (AZEVEDO, 1962), (CANDIDO, 1971), (QUEIROZ, 1978), dentre outros.

24 Como afirma Bernardelli (2010), conceitos como cidade, urbano e rural, não podem ser explorados sem considerar suas particularidades e singularidades geográficas e históricas.

mesmo a ocupação econômica da população (BERNARDELLI, 2010). A partir dessas análises, localidades rurais passam a ser aquelas nas quais se encontra um pequeno número de habitantes, ou uma localidade onde a principal ocupação econômica dos moradores está relacionada a terra, uma relação agrícola.

A cidade de Presidente Kubitschek, assim como tantas outras pequenas cidades do interior, apresenta uma relação particular de vivenciar o rural e o urbano. As entrevistas revelaram as dificuldades vividas pela população anos atrás. Os moradores mais antigos relataram diversas delas, como a falta de médico – esse muitas vezes tinha que ser buscado em municípios vizinhos em caso de urgência –, a dificuldade de celebrar missas – o padre, muitas vezes, só conseguia chegar montado em uma mula. E no enterro dos mortos – corpos de pessoas mortas que se perderam no caminho do cemitério<sup>25</sup>.

Lá iam levando uma pessoa pra enterrar em Andrequicé, enterravam lá. Chegaram dois negão numa altura medonha, um falou com o outro: Segura? E ouviu a resposta: Tá seguro até de mais. E desapareceram com o corpo. Não chegou lá... Foi caso acontecido... Depois passaram a enterrar dentro da Igreja de Presidente Kubitschek, ou ao redor dela. Quando chovia, descobria aquela terra, apareciam os ossos. Dentro da igreja tinha até as tabuas riscadas com as iniciais. (Romeu, homem, 85 anos, aposentado. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 21/03/2013).

Esse relato é significativo para demarcar as dificuldades vividas anteriormente, a vida precária marcante nas cidades do interior, principalmente nestes locais afastados dos centros urbanos<sup>26</sup>. A cidade tinha, em 1991, uma taxa de urbanização de 55,83%, passando para 58,86 em 2000 e 68,16 em 2010 (PNUD, IPEA e FJP, 2013). A população mais velha consegue apontar tais dificuldades para remeter as facilidades dos dias de hoje. Destacam que até o final da década de 1990 só era possível chegar a cidade por uma estrada de terra, havia poucos horários de ônibus intermunicipais, não existia posto de gasolina e poucas linhas de telefone se encontravam no município. Tecnologias como a internet e, principalmente, o celular são recentes no local.

As características do meio urbano se fazem presentes ali, nos dias de hoje, não só pela presença de uma prefeitura ou câmara municipal, mas pela possibilidade de chegar por

---

25 Não foi possível datar os acontecimentos, mas inicialmente os corpos que não eram enterrados nas cercanias da Igreja de Nossa Senhora das Dores em Presidente Kubitschek eram enterrados no cemitério de Andrequicé, o vilarejo pertencente a Presidente Kubitschek, mas que tem o ano de fundação anterior, este fica localizado a 18km da cidade.

26 Muitos dos moradores mais velhos de Presidente Kubitschek, viveram parte de suas vidas nas roças ao redor da cidade, este é um município jovem, que a cinquenta anos atrás, era uma localidade rural pertencente a Diamantina – vale lembrar que esta ainda é a maior cidade da região e que conta com pouco mais de 40 mil habitantes nos dias de hoje.

uma estrada asfaltada, de encontrar escola, creche, posto de Estratégia Saúde da Família (ESF) – com médicos, enfermeiros, assistentes sociais, dentista e psicólogos –, há pouco tempo o único posto bancário era o banco postal, no correios, hoje a cidade já tem uma agência bancária, mesmo que pequena.

Houve uma modernização da cidade mesmo que não completa. Digo isso porque nem tudo o que pode ser encontrado em uma cidade de médio ou grande porte, pode ser encontrado numa cidade pequena. Em uma das conversas que tive com Valéria que viveu a vida toda em Presidente Kubitschek, essa me contou de forma jocosa o comentário de um estagiário vindo da Universidade Federal do Vale do Jequitinhonha e Mucuri em Diamantina, ele dizia gostar muito da cidade, mas reclamava por não encontrar em nenhum comércio da cidade o “passatempo”, seu biscoito favorito. Como bem observa Baudel Wanderley (2001), mesmo se ressaltando as semelhanças entre os dois extremos e a continuidade entre o rural e o urbano, as relações entre o campo e a cidade não destroem as particularidades de cada um, não representando o fim do rural. O continuum se desenha entre um polo urbano e um polo rural, distintos entre si e em intenso processo de mudança em suas relações.

A singularidade do município esta em mesclar características do meio urbano com a sua cultura rural, sendo importante pensar no meio rural como um universo socialmente integrado ao conjunto da sociedade brasileira não supondo a existência de um universo isolado, autônomo em relação ao conjunto da sociedade e que tenha lógicas exclusivas de funcionamento e reprodução, mas o mundo rural mantém particularidades (BAUDEL WANDERLEY, 2001). O rural se apresenta em Presidente Kubitschek nos dias atuais se afastando da imagem de miséria e isolamento do passado e aproximando-se como alternativa para uma melhor qualidade de vida. Mesmo com as mudanças no decorrer dos anos, o pequeno continua sendo integrante do meio rural.

Dando continuidade as descrições das localidades pesquisadas, apresento a seguir o vilarejo do Cemitério do Peixe, uma localidade rural que se formou no período de extração de Diamantes e que não desapareceu devido à fé em São Miguel Arcanjo e nas almas dos mortos ali enterrados.

### **1.1.2 O Vilarejo do Cemitério do Peixe**

Durante o mês de julho de 2012, enquanto realizava a pesquisa que envolve o ritual funerário na cidade de Presidente Kubitschek, fui indagado se eu conhecia a festa no Cemitério do Peixe. Procurei me informar melhor sobre o lugar e fiquei surpreso ao saber que

se trata de uma vila com um cemitério, uma Igreja Católica, diversas casas fechadas e que conta com apenas uma família de moradores, mas todos os anos no mês de agosto, recebe milhares de pessoas para o Jubileu de São Miguel e Almas. Tais características me causaram profunda curiosidade, então decidi participar do Jubileu para conhecer mais sobre a devoção aos santos, no caso de São Miguel e a devoção às almas, que é também um culto aos mortos. A pesquisa que inicialmente iria ser realizada apenas em Presidente Kubitschek, passa a ser realizada em outro nível de abordagem, agora com observação de uma festa em prol das almas<sup>27</sup>.

A pesquisa foi realizada nos anos de 2012 e 2013, acompanhando o Jubileu de São Miguel e Almas (festa do Peixe) no mês de agosto e o “Peixinho” no dia de São Miguel Arcanjo no mês de setembro. Fiquei acampado em frente à casa de um tio-avô, tendo sua casa com suporte, pude tomar banho e alimentar-me, meu tio e sua esposa também ajudaram nos primeiros contatos com os frequentadores da festa. O vilarejo, conhecido como Cemitério do Peixe, é cercado por fazendas e pertence à cidade de Conceição do Mato Dentro<sup>28</sup>. O pequeno vilarejo – com duzentas casas, uma pequena Igreja Católica e um cemitério – chama atenção pelo fato de contar com apenas três moradores. Embora todos os anos, na primeira quinzena de agosto, receba milhares de pessoas dentre romeiros, turistas e festeiros que vão celebrar e festejar o jubileu de São Miguel e Almas. Já no dia 29 de setembro ocorre o “Peixinho”, festa semelhante ao Jubileu, mas em uma menor proporção com menos dias de festa e menos pessoas. O Cemitério do Peixe é uma pequena vila integrada ao mundo rural contendo suas particularidades históricas, culturais e sociais.

---

27 A atual pesquisa sobre o Jubileu de São Miguel e Almas no vilarejo do Cemitério do Peixe é importante pela falta de trabalhos acadêmicos sobre o local. Assim a quase totalidade dos dados apresentados foram recolhidos por meio do trabalho de campo realizado durante a festa.

28 O vilarejo do Cemitério do Peixe fica a 70km da cidade de Conceição do Mato Dentro e a cidade mais próxima do vilarejo é Gouveia a 40km.



FIGURA 3 – VILAREJO DO CEMITÉRIO DO PEIXE



FONTE: Foto do autor (15/08/2012)

As casas do vilarejo ficam fechadas praticamente o ano inteiro, recebendo visitas esporádicas de seus donos – moradores da região e devotos das almas e de São Miguel –, esses visitam o vilarejo em datas especiais, como o dia de finados (02 de novembro), o Jubileu de São Miguel e Almas (segunda quinzena de agosto) e o dia de São Miguel Arcanjo (29 de setembro).

O cemitério pequeno, mas muito bem cuidado, é cercado por um muro branco repleto Coroa-de-cristo<sup>29</sup>), tem na entrada uma porta de grade azul. No interior do cemitério se encontra uma pequena capela – durante o Jubileu um dos padres ficava ali o dia inteiro recebendo fieis para confissão. Dentre os diversos túmulos, é interessante destacar a presença de covas recentes – houve um enterro 15 dias antes da minha chegada – uma grande cruz azul fica situada no centro do cemitério, com um cofre para depósito de dinheiro e no meio da cruz uma placa com os dizeres:

Os devotos do Cemitério do Peixe, aos seus entes queridos, cujos corpos aqui se encontram, se pudessem nos falar assim os diriam: Ó tu que vens a este cemitério, medita um pouco nessa campa fria: Eu fui na vida o que tu és agora, eu sou agora o que serás um dia. (Padre Carvalhais<sup>30</sup>).

29 Planta arbustiva e espinhosa muito usada para decoração e usada como cerca viva.

30 Missionário Redentorista que organiza o Jubileu de São Miguel e Almas.

FIGURA 4 – CEMITÉRIO DO PEIXE



FONTE: Foto do autor (15/08/2012)

As celebrações se iniciam na quarta-feira atingindo seu ápice no final de semana – com a chegada de cavaleiros, o levantamento do mastro e a procissão – a festa representa a religiosidade e o catolicismo “popular” trazendo peculiaridades nas suas formas de manifestação da fé. A festa apresenta a relação íntima entre vivos e mortos, onde romeiros celebram e agradecem as graças que teriam sido concedidas pelas almas. O Jubileu tem a característica de uma grande reunião de fé e, assim como a romaria, é um mergulho coletivo num acontecimento social total e não apenas uma sensação subjetiva e individual da continuidade da vida (STEIL, 1996).

Quando se chega antes da festa, é quase impossível ver movimento de pessoas, afinal de contas são apenas três moradores. Durante o Jubileu o ambiente se transforma com muitas pessoas, carros, ônibus e barracas que estão por toda a parte. O ambiente de tranquilidade cede espaço a um ambiente de efervescência, seja pelo lado religioso que foi o primeiro a atrair pessoas, seja pelo ambiente de festa que atrai um tipo diferente de visitantes.

Existem diferentes histórias sobre a criação do Cemitério do Peixe, essas viraram “causos” e mitos que rondam o imaginário dos habitantes da região, o vilarejo situado às margens do rio Paraúna e cercado pela Serra do Espinhaço, foi segundo moradores da região uma importante rota de tráfico de Diamantes, durante os séculos XVIII e XIX. Próximo ao vilarejo existia um quartel de soldados do governo na intenção de coibir o contrabando que

saia da região de Diamantina. Nesse período, soldados e escravos que viviam nessa localidade quando morriam eram enterrados por ali mesmo. Dessa história surgem diversos mitos sobre a fundação do cemitério, durante os dias em que estive no vilarejo escutei algumas dessas versões.

Nos mitos de origem registrados por Silva (2008) e também relatados a mim por frequentadores do Jubileu três personagens aparecem em destaque: soldados, escravos e peixes (que estão em todas as versões). Em relação aos soldados duas narrativas diferentes são contadas: na primeira versão os primeiros a serem enterrados ali seriam soldados do quartel que se alimentavam dos peixes do rio Paraúna, que fica a aproximadamente 200 metros do cemitério, em uma destas pescarias teriam ingerido peixes estragados (SILVA, 2008); na segunda versão que eu escutei os peixes na verdade estariam envenenados. Em relação aos escravos as histórias são um pouco diferentes entre si. A primeira conta de um escravo, com nome Peixe, que tentava fugir com uma boa quantidade de dinheiro e que teria sido morto por um soldado (SILVA, 2008). A outra narra sobre um escravo que teria morrido engasgado com o espinho de um peixe, sendo o primeiro a ser enterrado no local. A última narra a história de um escravo que morreu com um peixe supostamente envenenado pelo seu dono.

O local onde esses soldados e escravos eram enterrados se transforma em cemitério quando, no final do século XIX, o fazendeiro dono das terras, conhecido por Canequinha, resolve cercar e criar o Cemitério do Peixe – antigamente os túmulos eram cercados apenas por pedras. Desde os primeiros mortos o local já recebia devotos que vinham rezar pelas almas. Com o auxílio de Canequinha e com a construção da Igreja de São Miguel o cemitério passou a receber missões uma vez por ano. Em 1890 já era rezada uma missa todo dia 15 de agosto. Em 1915 iniciou-se o Jubileu de São Miguel e Almas.

A fé nas almas era tão grande que Canequinha doou em testamento as terras do cemitério para as Almas do Peixe. Desde então quem administra o terreno são os devotos que já haviam construído suas casas em volta do cemitério e a Igreja Católica por meio dos padres redentoristas. Outras pessoas que, eventualmente, desejem construir no Cemitério do Peixe precisam da autorização destes administradores para construir uma nova casa e essa deve ser semelhante às casas já existentes.

O culto as almas no Peixe, possivelmente, está relacionado ao sofrimento e a pobreza dos que ali morreram. Esse tipo de culto, a mártires, é uma prática semelhante a que é realizada para os santos, além de ser um a projeção da própria vida dos devotos. Esse ponto será trabalhado no item a seguir, quando será exposta a questão da religiosidade popular. Assim como ocorre em alguns cultos a homens ilustres e heróis nacionais, alguns dos mortos

eleitos para devoção terminam sendo alçados a outra condição, em grau de sacralidade muito maior (FREITAS, 2003, p.11). Almas, como a de Maria da Lapa em Presidente Kubitschek e as Almas do Peixe, alcançaram essa sacralidade, pessoas com mortes consideradas trágicas e que envolvem grande sofrimento, passam a ser lembradas e relacionadas a santidades.

As pessoas observam na vida dos que morreram características semelhantes à delas próprias, sendo que agora as almas destas pessoas se encontram em um patamar mais elevado, próximo de Deus. Podendo assim realizar milagres para os seus semelhantes. O milagre proferido pelas almas ou pelo santo é uma mostra da relação de troca entre devoto e divindade, com a ajuda ou não de uma igreja e de mediadores humanos ou sobrenaturais. A rotina do milagre faz com que, em qualquer área confessional do domínio popular, uma grande parte dos momentos de oração pessoal, familiar ou comunitária seja para pedi-lo ou para agradecê-lo (BRANDÃO, 1980). A doação de Canequinha representa bem essa religiosidade e devoção às almas.

É importante destacar que o culto às almas é uma marca da religiosidade popular (CASCUDO, 1985). As pessoas já frequentavam o cemitério na intenção de visitar os mortos ou para pedir alguma graça às almas, mas com a participação da instituição católica, a construção da Igreja de São Miguel e criação do Jubileu em 1915 passam a ocorrer o culto, não apenas para às almas, mas também a São Miguel Arcanjo. Tal escolha pode estar relacionada ao papel que São Miguel detém no imaginário católico popular. Segundo Cascudo (1985, p. 27) São Miguel faz o papel de Anúbis – o Deus da morte na mitologia egípcia que dirigia as pompas mortuárias, última homenagem ao cadáver, detinha a custódia dos defuntos, defendia-lhes a morada –, após a morte a alma comparece perante o arcanjo São Miguel, que coloca em sua balança as obras boas e más feitas em vida tomando em seguida sua decisão. Quando não existem obras más, a alma vai diretamente para o céu; quando são poucas, devem se purificar no purgatório e quando não tem nenhuma obra boa vai diretamente para o inferno.

Conhecendo as duas localidades e a forma de vida da população é possível, no próximo item, trabalhar o tema da vivência popular do catolicismo, sobre a constituição dessa forma peculiar de religiosidade que tem como elemento central o culto aos santos e a vivência coletiva da religiosidade.

## 1.2 A RELIGIOSIDADE CONCRETAMENTE VIVIDA

A seguir enfatizarei o tema do Catolicismo no Brasil, tendo como foco principal o catolicismo popular tradicional. Inicialmente será apresentada a instalação do catolicismo no

Brasil e posteriormente as expressões religiosas populares oriundas do mesmo. Partindo de um viés antropológico, analisarei as representações populares do culto aos santos, através das orações, promessas e festas. Utilizarei o conceito religiosidade popular apontando para o fato de que há várias maneiras possíveis de uma religião ser concretamente vivida. É necessário destacar que existe uma série de relativizações sobre o conceito de religiosidade popular, tanto em relação ao seu alcance, quanto à sua ambiguidade (MENEZES, 2003). Fernandes (1984) ao analisar a bibliografia sobre as religiões populares produzidas no Brasil até os anos 80, nota a existência de diversas obras, o que deixa dúvidas sobre o conceito de religião popular, esse aparecendo com pelo menos três sentidos diferentes: 1º A maioria da população, em oposição à minoria; 2º Pertencente a extratos inferiores da população, por oposição a práticas da elite; 3º Extra oficial, no sentido de estar fora do controle ou da regulamentação da autoridade instituída, oposição a uma religião oficial<sup>31</sup>.

No decorrer deste capítulo o leitor irá se deparar com um texto que mescla teoria com a descrição etnográfica. A primeira se refere à Semana Santa e aos relatos sobre uma santa popular de Presidente Kubitschek. A segunda descrição será utilizada no último capítulo com a apresentação do diário de campo durante o Jubileu de São Miguel e Almas, no Cemitério do Peixe.

O catolicismo está presente no Brasil desde a chegada dos primeiros portugueses, apresentando duas formas distintas. A primeira é o catolicismo da elite portuguesa, detentora do poder monetário e político na colônia, conhecido como catolicismo patriarcal, é marcado pela ligação de bispos e padres com a coroa portuguesa, em outras palavras, pela relação de troca entre a Igreja Católica e o Estado – regime de padroado. Dessa forma, a Igreja Católica tem o apoio do Estado, que vai sustentar economicamente o clero, as ordens religiosas e os conventos. Em contraponto, o governo português conseguiu manter em suas mãos a instituição do padroado e o controle institucional da religião (AZZI, 1977). A segunda forma de catolicismo é conhecida por catolicismo popular tradicional, que chega ao país através dos portugueses pobres e é estabelecida principalmente nas zonas rurais. Ela vai ficar marcada pela sua porosidade devido à relação entre os colonos pobres, os índios destribalizados, os escravos e todos os tipos de mestiços. Com o tempo, essa forma de catolicismo se torna a mais comum no Brasil. Como observa DaMatta (1986), o catolicismo é um dos pilares

---

31 Como bem lembra Cruz (2010) compreender o Catolicismo Popular é um trabalho amplo e inesgotável, pois esse não é um fato coisificado nem um “sistema religioso”, mas um processo histórico, no qual se desenvolvem expressões de fé e de organização, que por sua vez agregam características específicas e elementos universais do Catolicismo.

formadores de nossa sociedade e vai apresentar uma forma pessoal de relacionar os devotos com os santos, forma que é intimista e até mesmo familiar.

O elemento central na vivência popular do catolicismo é o santo<sup>32</sup>. A concepção popular sobre os santos vai além da noção pregada pela Igreja Católica. Os santos são pessoas – isto é, seres individuais, dotados de liberdade, vontade, qualidades próprias e uma biografia – habitam o céu, estando junto de Deus e, por isso, tem poderes sobrenaturais. Mas ao mesmo tempo também estão presentes na Terra através de suas imagens, que equivalem à própria pessoa do santo, é como se a imagem estivesse viva (OLIVEIRA, 1983). Na experiência popular se busca uma figura humana capaz de ouvir seus apelos e resolver seus problemas (PASSOS, 2002). Nesse contexto se dá a relação pessoal entre o fiel e a imagem do santo, com ela se conversa, enfeita, acende velas e são agradecidos os milagres alcançados. A imagem sai à rua, participa de procissões, recebe e faz visitas. A imagem do santo tem um lugar de evidência no culto popular.

O milagre realizado pelo santo é outra mostra da relação de troca entre devoto e divindade. Em Presidente Kubitschek, Marta me contou sobre a tristeza de saber da doença de uma jovem, disse ter chorado muito, mas que se apegou ao Divino Pai Eterno e entregou a jovem nas mãos dele, todos os dias ela abraça a imagem e pedia para tomar conta da menina. No dia em que a jovem iria operar, Marta rezou para que ela sobrevivesse e entre os seus pedidos fez uma oração aos pés da imagem do Divino Pai Eterno da seguinte maneira: “Faz com que não seja os médicos que vão fazer a cirurgia nela, é vós que vai fazer a cirurgia”. Marta encerrou dizendo que o corpo até “arrupeia” só de lembrar. A cirurgia foi um sucesso e, para Marta, foi uma obra da santidade.

Os santos são importantes no ciclo da vida do indivíduo, a proteção dos santos era sempre invocada para as passagens:

no parto, no batismo, no casamento, na doença e na morte –, ocasiões em que a pessoa atravessava um período de transição de um estado socialmente definido para outro, durante o qual deixava de operar o controle da sociedade. Ao estabelecer essas fases “liminares” como áreas sob o controle dos santos, tentava-se ordenar a experiência dentro delas. (ZALUAR, 1983, p.91).

---

32 O catolicismo popular tradicional é marcado pela fidelidade ao passado. Dentro dessa mentalidade, subsiste uma concepção histórica como um processo cíclico, sem ser essencialmente estática. Esta mentalidade está muito ligada a periodicidade da natureza, ao ciclo das estações, aos tempos de chuva e sol, à época do plantio e da colheita. Neste contexto compreende-se a força sobrenatural, através das devoções para ajudarem nos problemas de saúde, trabalho e alimentação. (PASSOS, 2002, p.175).

Freitas (2003), ao analisar cultos celebrados em dois cemitérios no Rio Grande do Norte – Natal e Mossoró –, destaca aqueles cultos oferecidos aos “mortos que fazem milagres”<sup>33</sup>, estes recebem tratamento semelhante aos recebidos pelos santos católicos. O culto aos santos no Ocidente teve início como uma espécie de culto funerário, a partir do culto aos mártires, pessoas que morriam de um modo tão sofrido que causava comoção na opinião pública local. Isso os tornavam “mortos especiais”, sagrados, santificados e redimidos.

Em Presidente Kubitschek existe o caso da pedinte Maria da Lapa<sup>34</sup>, que viveu e morreu entre meados do século XX, ela sempre é lembrada nas orações pelas almas, encomendadas nas missas e principalmente no dia de finados. Segundo moradores, depois de sua morte ela passou a realizar milagres:

Maria da Lapa, era uma mulher que ninguém sabe de onde ela veio, ficava sentada perto da igreja... O povo gostava muito dela. O povo faz pedido e alcança milagres... São celebradas missas para agradecer os milagres. (Romeu, homem, 85 anos, aposentado. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 21/03/2013).

Sua História é de uma vida simples, morava de baixo de uma lapa (pedra que sobressai a uma rocha formando um abrigo natural), nas proximidades da cidade. Segundo relatos, era uma pedinte, vivia de esmolas. Andava sempre com uma saia preta e uma blusa branca. Os seus pedidos eram sempre feitos da mesma forma:

Ô dona, você não tem uma santa folha de couve para me dar. Ô dona, você não tem um santo vidrinho de querosene para me dar. Tudo dela era santo. (Carla, mulher, 74 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 19/03/2013).

---

33 A autora analisa dois casos de mortes cruéis, o primeiro é do Cangaceiro José Leite Santana (Jararaca), do grupo de Lampião, morto em 1927 em Mossoró, ele teria sido enterrado vivo. O segundo caso é de João Rodrigues Baracho, morreu em 1962 com 22 tiros após uma fuga da cadeia (FREITAS, 2003, P.9).

34 O interessante é notar que ouço sobre a história sobre Maria da Lapa de forma informal. É importante destacar oralidade da população, pois é através da oralidade da vivência popular de religiosidade que as narrativas míticas são transmitidas, no famoso de boca em boca que se da de modo difuso no cotidiano, mantendo assim essas histórias por anos.

FIGURA 5 – TÚMULO MARIA DA LAPA, PRESIDENTE KUBITSCHKEK



FONTE: Foto do autor (17/03/2013)

Quando perguntei sobre Maria da Lapa, Rogéria me disse: “aí você vai puxa de uma pessoa que sabe de tudo”, Maria da Lapa morreu em torno de sessenta anos ou mais. Sua morte aconteceu após um incêndio na lapa em que morava, seu corpo só foi encontrado dias depois e já estava em um estado avançado de putrefação, mas o que chamou a atenção das pessoas que a encontraram foi o fato que seu corpo queimado não revelou suas genitálias – as roupas grudaram nas suas partes íntimas, tendo sido considerado um sinal de respeito e proteção para com a morta que era muito religiosa. Pelo estado que se encontrava o corpo, ela não pode ser levada a cidade e foi enterrada ali mesmo.



FIGURA 6 - TÚMULO DA MARIA DA LAPA, PRESIDENTE KUBITSCHKEK



FONTE: Foto do autor (17/03/2013)

Essa mulher é a representação de uma mártir popular, tinha uma vida sofrida, que é reconhecida pela população mais velha, era muito religiosa e sua morte ocorreu com extrema violência e sofrimento, porém suas partes íntimas foram resguardadas. Mais adiante, ao apresentar os cultos coletivos do catolicismo, falarei mais sobre Maria da Lapa, pois a crucificação de Cristo na encenação da Semana Santa é feita em cima da lapa onde Maria viveu e morreu.

Diversas são as formas de culto aos santos, esses podem ser públicos ou domésticos. Os cultos privados ou domésticos são simples e têm como elemento estrutural a relação direta e pessoal entre o devoto e o santo. Os cultos públicos envolvem um grande número de pessoas e podem ser vistos claramente nas romarias e festas dos santos.

Normalmente, o espaço reservado para o culto doméstico é o oratório presentes nas casas. O oratório doméstico, ou algumas vezes uma pequena capela, é o local de devoção da família, ali as pessoas realizam, de forma mais simples, o culto aos santos que é a oferta de um dom. Esse dom pode ser uma coisa – enfeites ou velas – ou mesmo uma a oração. O oratório ou a capelinha são adornados em prol do santo ou santos. Ali o dom é colocado na forma de estampas coloridas, enfeites, fotografias e onde são acesas as velas na intenção de louvor ao santo ou no momento da oração. O dom é ofertado principalmente por ocasião das promessas. Essas são um trato feito entre o devoto e o santo onde ambos têm a obrigação de

pagar o que foi “acertado”. O devoto sob a pena de não ter descanso eterno e o santo sob pena de sofrer represálias do devoto que nele confiou.

Os deveres com o santo, especialmente o pagamento de promessas feitas para obter sua proteção em caso de doença, continuavam a valer mesmo com a morte do indivíduo que fez a promessa, sendo que parente próximos deviam retomá-las. O descanso de sua alma dependia do cumprimento de suas promessas não-pagas pelos que lhes estavam próximos neste mundo. (ZALUAR, 1983, p. 85).

As graças a serem pedidas nas promessas e as formas de pagamento são variadas, no entanto, há certa equivalência entre elas: quanto mais difícil a graça, maior será o sacrifício prestado pelo devoto. Como já dito são diversas as formas de pagamento das promessas, dentre as mais comuns estão: fazer uma romaria e levar ao santuário um ex-voto<sup>35</sup>, vestir-se de modo especial na procissão do santo, difundir a devoção ao santo, dar ao filho o nome do santo, participar como festeiro ou folião na festa do santo ou doar dinheiro para a mesma, promover uma reza em casa.

O dom não vem sozinho, ele normalmente é acompanhado por uma oração. De acordo com Cascudo (1985), existem dois tipos de orações: familiares e tradicionais. Familiares são as do convívio cristão, como: Padre-Nosso, Ave-Maria, Salve-Maria e Credo, além daquelas orações em intenção aos santos ou a Deus para pedir-lhes alguma graça, para agradecer ou para demonstrar a sua fé. As orações tradicionais são umas tantas outras orações de uso reservado e comum, não aprendidas na intenção católica, mas destinadas quase a impor à divindade a custódia protetora contra todos os males, fórmulas de imprecação irresistível aos poderes sobrenaturais. Ocultas, independiam da leitura para a eficiência generosa (CASCUDOCASCUDO, 1985). As orações podem ser recitadas em qualquer hora do dia ou da noite. E no caso de orações mais complexas, de difícil memorização, torna-se necessário a presença do rezador que “puxe” a reza para que esta seja acompanhada pelo coro de devotos.

Oliveira (1983) ressalta que não há mediação na relação entre devoto e santo, o contato é direto, são relações entre dois amigos, estando um no céu e o outro na terra. O culto aos santos é uma forma de expressão da religiosidade popular, na qual não existe uma conotação de contestação religiosa contra a Igreja Católica, o catolicismo popular tradicional apresenta gestos próprios, que representa uma liberdade expressiva dos devotos e não se

---

35 Os ex-votos, também chamados de promessas ou milagre, elementos materiais ofertados aos santos, concretizavam o agradecimento e eram posteriores a graça recebida – O pagamento ao santo feito a partir de objetos que representam a benção atingida, fotografias representando a pessoa doente, modelagem das partes do copo afetadas por uma doença e curadas. O ex-voto é, portanto, também um símbolo do oferecimento pessoal e direto aos santos. (ZALUAR, 1983).

coloca como um culto paralelo ao culto institucional. No universo dos cultos populares, há uma inversão curiosa: “aqui temos religião sem igreja e temos muitos preceitos para ver e falar com os deuses, mas não temos tratados teológicos nem direito canônico” (DAMATTA, 1986, p.142). Assim como nos cultos domésticos, nos cultos coletivos o santo é o elemento nuclear e existe uma relação direta e pessoal entre santos e devotos. O espaço onde acontece o culto se modifica, sai das casas e direciona-se ao espaço público.

Nas pequenas cidades o espaço religioso para culto aos santos é a capela, muitas vezes, nas Ermidas – designação da primitiva capela no Brasil. A construção podia ser a iniciativa de um indivíduo particular ou pela vontade da própria comunidade local. Sua construção podia representar diferentes objetivos, como expressar publicamente a fé católica, cultuar um santo de particular devoção, cumprir uma promessa ou até mesmo garantir a proteção divina na hora da morte (AZZI, 1977).

A capela é o centro em redor do qual se organiza o culto coletivo aos santos. Dentro dela pode ser encontrada a imagem do padroeiro e dos santos de devoção da comunidade. Os fieis se reúnem nesses locais para rezar novenas, celebrar festa dos santos, orar pelas almas e para participar de missas celebradas por padres que estão de passagem pela comunidade. Oliveira (1988) observa que as pessoas encarregadas de animar o culto são os rezadores, mas é possível notar a presença de diversos animadores religiosos, entre eles: festeiros, foliões, beatos e cantadores. Todos esses animadores são leigos que assumem esse papel, não por escolha ou imposição do poder eclesiástico, mas por opção espontânea da própria população local. Nesse contexto, as irmandades têm muita importância, pois são fundadas para funcionar como agentes de solidariedade grupal, congregando, simultaneamente, anseios comuns frente à religião e perplexidades frente à realidade social (BOSCHI, 1986).

Aglomerando o maior número de devotos estão os santuários<sup>36</sup>, com frequência esses centros de devoção tiveram origem em uma simples cruz, oratório ou capela. O culto a cruz ou a uma imagem devota se torna progressivamente eixo da piedade popular, já o oratório ou a capela se transforma num centro de romaria. (AZZI, 1977). Marcado por ser a casa de um santo de grande devoção popular, atrai um grande número de romeiros, que seguem para o local para demonstrar sua fé, cumprir promessas, levar ex-votos ou participar da festa do santo. A ida ao santuário é um momento de grande importância na religiosidade popular e

---

36 Assim como nas capelas, também no santuário, o culto aos santos populares organizava-se através de animadores leigos. Tendo os sacerdotes da Igreja Católica uma atuação bem esporádica em relação ao catolicismo popular.

marca a vida do devoto. Durante a romaria, os devotos de diferentes localidades se juntam para demonstrar sua fé, a religiosidade popular cria, nesse momento, laços de solidariedade entre os romeiros, que têm em comum a mesma crença e as mesmas graças alcançadas, devido ao intermédio do santo de devoção. A romaria representa um dos atos mais sagrados da devoção popular. As pessoas deixam a sua vida cotidiana e expõem-se ao sacrifício da viagem, muitas vezes por vários dias, para ir venerar o santo em sua casa (AZZI, 1977).

Para o homem do interior, que vive isolado em sua pequena comunidade rural ou na pequena cidade, a experiência da grande festa do santo, com a afluência de uma massa de devotos é, certamente, uma experiência marcante. Uma romaria que culmina com a festa do santo de devoção é certamente inesquecível! (OLIVEIRA, 1988, p. 117).

Na romaria encontram-se os mesmos gestos rituais encontrados tanto no culto doméstico quanto no culto coletivo. A romaria é um gesto religioso que marca um tempo forte na vida do devoto e a sua finalidade principal é a busca de proteção junto ao santo. Araújo (2009) observa que a romaria detém um caráter festivo, o peregrino que dela participa e encaminha-se para pagar sua promessa é favorecido por um espaço de convivência onde se encontram costumes, na variedade de elementos convergentes, produzindo, assim, um clima favorável à normal exteriorização humana das relações sociais.

Pensando na romaria e na manifestação das relações sociais, destaco como a religiosidade na cidade de Presidente Kubitschek fica em evidência no período da Semana Santa, as pessoas se mobilizam para organizar as celebrações e fazem questão de participarem das encenações da Paixão de Cristo. Marta fala que faz de tudo para ajudar e servir à Igreja Católica e lembrou com muito orgulho de como é elogiada e solicitada para ajudar nos preparativos da Semana Santa, contou que, em 2013, não poderia cantar na procissão do enterro, mas os organizadores insistiram dizendo que só se ouve a voz dela, que ninguém tem a voz como a dela, ela muito alegre concordou em participar e disse-me sorrindo que foi escolhida pelo padre para guardar as matracas (instrumento musical) utilizadas na encenação de crucificação.

No mês de março, acompanhei a realização da Semana Santa em Presidente Kubitschek, essa teve início no dia 22/03/2013, com uma missa e com a procissão das Dores. Foi possível constatar a religiosidade da população, que se fez presente em grande número, destacando a participação de jovens e adultos<sup>37</sup>. A procissão realizou sete paradas em sete

---

<sup>37</sup> Nossa Senhora das Dores é a padroeira da cidade.

altares montados em frente algumas casas. As pessoas que não acompanhavam a caminhada ficavam aguardando de suas janelas.

No domingo de Ramos, dia 24/03/2013, no início da manhã foi realizada a benção de ramos, na ponte que dá acesso ao município, em seguida ocorreu à procissão de Ramos até a Igreja de Nossa Senhora das Dores, onde foi finalizado o dia de celebração com a Santa Missa. No decorrer da semana ocorrem as demais celebrações, durante os dias ocorreu a adoração do santíssimo sacramento, missa dos enfermos, confissões e outras celebrações.

Contudo, o dia que chama mais a atenção é o sábado, dia 29/03/2013, esse é o dia da Via Sacra, no qual houve a encenação da crucificação de Cristo. Mesmo com o frio e com a fina e constante chuva muitas pessoas se concentram em frente à Igreja Católica. Pouco depois das nove horas da manhã iniciou-se a procissão que relembra a caminhada de Cristo até a sua crucificação. A montagem foi completa, figurantes se apresentaram com roupas e papéis definidos. Os cavaleiros romanos, alguns montados em seus cavalos, ditavam a velocidade da caminhada, escutando as orações e os dizeres do padre. Todos realizando suas penitências e seus esforços pela fé. A caminhada longa deixou a cidade e seguiu por uma estrada de terra, a maioria das pessoas estavam a pé, sendo possível notar vários carros seguindo a procissão.

A procissão que saiu da Igreja de Nossa Senhora das Dores, local da Instituição da Igreja Católica, seguiu em direção ao local onde morava, morreu e foi enterrada Maria da Lapa. Ali onde estava o corpo da alma milagrosa e santa de Maria foi também o local escolhido para crucificar Jesus. Destaco esse momento pela mistura de crença institucional com a crença popular. Maria da Lapa recebeu as orações, assim como Cristo crucificado. Ao chegar até lapa, as pessoas acendiam velas e rezavam em frente o túmulo de Maria da Lapa.

FIGURA 7 – VIA SACRA, ENCENAÇÃO DA CRUCIFICAÇÃO DE JESUS CRISTO DURANTE A SEMANA SANTA, PRESIDENTE KUBITSCHEK



FONTE: Foto do autor (29/03/2013)

O culto aos santos mobiliza a ação coletiva, um sistema de representações que têm a função de criar coesão social. A romaria ao túmulo de Maria da Lapa e o Jubileu de São Miguel e Almas, são rituais coletivos que apresentam um sentido de solidariedade grupal que é afirmado e intensificado, naquilo que Durkheim (1989) chamava de efervescência coletiva. O culto aos santos na vivência popular do catolicismo e a festa religiosa marcam a união entre os membros do grupo, no caso dos devotos, que em momentos extraordinários das suas vidas prestam homenagens e demonstram sua fé nos santos que também são Homens que entendem e ditam o fluxo da vida de cada um. Embora a relação possa parecer ser simplesmente entre o santo e o indivíduo, ela de fato remete às relações dos Homens entre si. As obrigações para com os santos eram, em última análise, dentro das tradições do catolicismo popular, obrigações para com seus semelhantes (ZALUAR, 1983).

Os elementos do culto aos santos que proporcionam a união entre os membros do grupo podem ser encontrados também nos momentos de liminaridade, nos momentos de crise da vida, como a morte. Quando indivíduos de um grupo passam por transições sociais importantes, as cerimônias tem o caráter de reafirmar a solidariedade grupal, principalmente no ritual funerário, no qual as pessoas ligadas ao morto são forçadas a se adaptar a uma nova organização social que geralmente marca grandes mudanças em suas vidas. Os rituais fúnebres comprovam que os valores do grupo permanecem mesmo com a passagem de

determinados indivíduos para outra vida e, assim, proporcionam um meio para pessoas enlutadas se adaptarem as novas circunstâncias (GIDDENS, 2012).

A religiosidade popular tem por essência a prioridade da vida coletiva e a festa<sup>38</sup> envolve toda a comunidade. Cabe ao festeiro ou a comissão de devotos, mobilizar a comunidade para a preparação da festa do santo<sup>39</sup>. A festa necessita de uma grande preparação – podendo durar vários dias – e representa o grande momento da comunidade local, Durante a festa algumas posições aparecem com destaque<sup>40</sup> e esses agentes religiosos são escolhidos de forma livre pela comunidade local. Ao analisar a festa do santo, Oliveira (1983) nota seis diferentes categorias de gestos de culto nos rituais religiosos: enfeites, rezas, música, refeição, reverências aos santos, danças e encenações.

A festa é uma presença marcante na vida do devoto, as festas destinadas aos santos devem ser coloridas, marcadas com diversos enfeites, bandeirinhas, flores e velas. O principal enfeite é o mastro com a estampa do santo, erguido na fase de preparação da festa para anunciar o local e o santo festejado. A festa é toda marcada pelas rezas, e a oração está em diversos momentos, pois sua essência é o contato dos devotos com o santo. Durante a festa são encontradas as orações mais comuns. Pai-Nosso, Ave-Maria, o terço, as ladainhas e as orações próprias de cada santo. A música faz parte de todas as festas, assim como os enfeites e as rezas, são músicas que veiculam mensagens religiosas, que louvam ao santo e compõem as rezas, as danças e as procissões. A refeição quando presente nas festas é um elemento importante para a coesão do grupo, pois é o momento em que são arrecadadas doações de toda vizinhança, O momento de comer é o encerramento da festa, no qual todos se alimentam juntos. Em algumas festas, é trocada por comidas e bebidas que são consumidas individualmente.

As reverências aos santos ou às procissões fazem parte do cerimonial, no qual o santo sai a rua carregado pelos devotos e onde são prestadas as reverências ao santo, seja de forma individual – beija-se o altar, a cruz, a imagem do santo ou a fita que pende da imagem – , ou coletiva – caminha-se junto, orações e músicas são entoadas pelos devotos e, algumas vezes, danças e encenações religiosas são realizadas.

---

38 As festas religiosas e as procissões são as atividades urbanas mais antigas do Brasil (PEREZ, 2002).

39 A mobilização por parte dos festeiros tem dois objetivos específicos: a preparação material da festa e a preparação religiosa.

40 Festeiro, guardião do santo, rezador, organizador da folia, violeiro, leiloeiro e tantos outros agentes religiosos (OLIVEIRA, 1983).

Como já foi dito as festas, as romarias e as procissões são muito importantes na relação entre o devoto e santo e normalmente são realizadas como forma de pagamento de promessas. Todas essas formas de expressão religiosa marcam e tocam de forma expressiva a vida de cada indivíduo. Além disso, são momentos significativos que relacionam o devoto com sua comunidade.

Quando precisava cumprir uma promessa, um indivíduo chamava os familiares, os parentes ou os vizinhos para rezar e dançar com ele, ou participava das danças e das festas organizadas na localidade em que vivia, oferecendo seu trabalho ou parte de seus bens ao santo festejado. Ao fazê-lo, não estava apenas se aproximando do santo e, através da mediação deste, da entidade suprema ordenadora do universo. Também estava se aproximando dos seus semelhantes e reforçando os laços que os uniam aos que faziam parte da rede de suas relações. (ZALUAR, 1983, p. 95).

Essa passagem de Zaluar mostra a necessidade do devoto em dividir sua fé com as outras pessoas da comunidade em que vive. Não se festeja, nem se reza sozinho, o grupo é muito importante na construção desses momentos. A festa do santo é um culto coletivo, no qual todos estão celebrando a imagem do santo, buscando agradecer pela graça concedida, pagando ou realizando novas promessas.

A festa é o momento no qual o sagrado se revela no ritual – “delírio” coletivo – com os indivíduos reunidos num momento de exaltação e efervescência assim como nos períodos de liminaridade, descritos por (TURNER, 2008). A festa do santo representa as *communitas*, é na liminaridade que elas surgem, senão como expressão espontânea de sociabilidade, ao menos como forma cultural e normativa – ao enfatizar a igualdade e o companheirismo como normas. No momento da festa todos são iguais, independente da origem ou posição social. (TURNER, 2008). A *communitas* irrompe nos interstícios da estrutura, na liminaridade; nas bordas da estrutura, na marginalidade; e por baixo da estrutura da inferioridade. Em quase toda parte a *communitas* é considerada sagrada ou “santificada”, possivelmente porque transgride ou anula as normas que governam as relações estruturadas e institucionalizadas, sendo acompanhada por experiência de um poderio sem precedentes (TURNER, 1974).

A festa do santo detém uma função eminentemente restauradora das funções sociais e das relações de devoção, aproximando o indivíduo religioso dos seus semelhantes, reforçando os laços que os unem. Proporcionando, dessa forma, o acesso ao sagrado, conservando e dando nova vida a ele. Essa função poderá ser notada no último capítulo, com a descrição do Jubileu de São Miguel e Almas no Cemitério do Peixe, onde foi possível acompanhar a vivência de *communitas* e a relação entre os festeiros.

Fica claro que o catolicismo e sua vertente popular, estão no Brasil desde a vinda dos portugueses. A forma popular do catolicismo dá vida aos santos e guia o dia a dia dos fiéis,



estabelecendo sua relação com o sagrado e fortalecendo as relações de reciprocidade entre a comunidade de devotos. Após esta exposição sobre o catolicismo popular torna-se importante ressaltar que o catolicismo popular tradicional, teria passado por uma série de transformações, provocadas por mudanças internas na Igreja Católica e por mudanças na sociedade brasileira.

As mudanças mais significativas na Igreja Católica estão relacionadas primeiramente com o processo de Romanização, que centraliza a Igreja Católica em torno de Roma, processo que ganha fôlego a partir de meados XIX. A romanização ganha firmeza no Brasil com a proclamação da República, separação entre Igreja e Estado e em seguida, com o *Concílio Vaticano II*, a partir dos anos 60, que promove a renovação pastoral e litúrgica. Há, durante o mesmo período, transformações pontuais da sociedade brasileira provocadas pelo processo de modernização, industrialização, urbanização e migração.

Segundo Menezes (2004), essas transformações não teriam eliminado totalmente o catolicismo popular, permanecendo ainda “núcleos” ou “bolsões de resistência” junto às classes populares, que preservariam as práticas consideradas tradicionais. Porém, é difícil afirmar se o caso de Presidente Kubitschek remete a esses “bolsões de resistência”, mas cabe aqui ressaltar a característica religiosa presente nessa população. O catolicismo permanece nessa localidade, com seus valores nucleares e com a capacidade de influenciar na forma de vida da população. A partir dessas concepções que conciliam a religiosidade à experiência de vida ligada ao meio rural, a pesquisa se direciona a apontar como a relação desses modos de vida tornam, tanto a cidade de Presidente Kubitschek, como o vilarejo do Peixe, um campo propício para relações de sociabilidade.

### 1.3 A SOCIABILIDADE ENTRE UM POVO SOLIDÁRIO

Até aqui a pesquisa aponta para características e aspectos peculiares e próprios das localidades, dentre eles ressalto dois: a vivência e a religiosidade local. Esses dois aspectos são influenciados pela localização e formação histórica da região. Presidente Kubitschek e o vilarejo do Cemitério do Peixe têm em comum as experiências pessoais com a fé – a religiosidade católica conciliada a uma vivência originada do meio rural. Como visto anteriormente, a primeira é uma cidade de pequeno porte, afastada de grandes centros urbanos e a segunda uma localidade de peregrinação anual de origem religiosa.

Relembro esses pontos para apontar neste subcapítulo questões importantes propostas por esta pesquisa. As pessoas das localidades estudadas podem ser vistas como uma comunidade, utilizo esse termo para remeter a uma proximidade entre as pessoas que

carregam entre si relações de parentesco, vizinhança e amizade. Essas relações proporcionaram à pesquisa fazer dois tipos de análise, a primeira se refere a estrutura sociológica da sociabilidade<sup>41</sup>, tem-se ali uma comunidade de pessoas solidárias, com reciprocidade mútua entre os moradores<sup>42</sup>. Essa experiência pôde ser acompanhada no dia a dia dos moradores. A segunda análise passa pela concepção da Dádiva, proposta por Mauss (2007), essa é passível de análise, após conhecer as histórias que revelam as relações entre vivos e os mortos através dos sonhos.

Uma das perguntas realizadas durante a pesquisa de campo indagava sobre qual a qualidade da população de Presidente Kubitschek, a maioria das respostas remetia ao de aquele ser um povo solidário.

Graças a Deus a gente tem um relacionamento muito bom. Aqui a gente não é de frequentar, de estar na casa do outro todo dia. Mas precisou todo mundo está junto. (Carla, mulher, 74 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 19/03/2013).

As pessoas ainda ressaltavam que essa qualidade é vivenciada, principalmente, nos momentos de dificuldades. A população se mobiliza para auxiliar aqueles que necessitam de ajuda financeira/econômica, mas como lembrou Rafaela, em anos anteriores, eram mais pessoas necessitadas, que pediam roupa, dinheiro e comida. Hoje, segundo ela, já não tem tanta gente pobre na cidade, sem fonte de renda, como havia antigamente. Em Presidente Kubitschek, a extrema pobreza (que é calculada pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$70,00) diminuiu de 38,85%, em 1991, para 12,27%, em 2010. Já a porcentagem de pessoas consideradas pobres caiu de 66,69%, em 1991, para 29,85%, em 2010 (PNUD, IPEA e FJP, 2013). Mas a solidariedade continua existindo e manifesta-se, principalmente, nos momentos de tristeza, doença e perda (morte).

Às vezes não só na dor na morte, mas na dor. Se você adoecer e ficou internado três dias, quando você voltar pra casa pode ter certeza que recebeu algumas visitas, e de pessoas não tão próximas, a família acaba te ligando, te perguntando como você está. Mas outras pessoas também vão (procurar saber sobre sua saúde). Filho de fulano esteve internado e eu ainda não fui lá. E no momento da morte é muito maior (a preocupação com as pessoas). É um povo muito solidário. E mesmo depois do ato de velório as pessoas continuam indo, passados dias a pessoas continuam indo

---

41 Segundo Simmel (1968) a sociabilidade surge como uma estrutura sociológica muito peculiar. Aqueles que comungam dela não podem trazer para dentro do grupo atributos próprios – riqueza, posição social, cultura, fama, méritos e capacidades excepcionais – esses atributos estão proibidos de participar, podem existir como meras nuances de caráter.

42 Ainda segundo Simmel (1968), interesses e necessidades específicas certamente fazem com que os indivíduos se unam em associações, que podem ser econômicas, irmandades de sangue, sociedades religiosas.

(visitar a família do morto). (Paula, mulher, 26 anos, enfermeira. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 25/03/2013).

No início do capítulo, quando reforço o fato da vivência rural da população de Presidente Kubitschek, estou reforçando o que já havia sido dito por Brandão (1980), o autor afirma que a cultura camponesa tem como traço a necessidade de estar junto. O traço marcante da cultura camponesa é a partilha, é estar unido para fugir da solidão. A vida no meio rural é organizada em torno da família, vizinhos e grupos de interesse. As pessoas evitam a solidão, são solidários nos momentos de dificuldades e são festeiros nos momentos de festas. (LEMOS; JUNIOR; RODRIGUES, 2011). Assim a vivência dessa cultura ruralizada deixa, no âmago da população, a necessidade de socialização sendo a cortesia um traço caracteristicamente sociável de comportamento (SIMMEL, 1968).

Assim, durante a pesquisa, foi possível apreciar como se relacionam as pessoas nessa cidade, o tratamento sempre é muito cortês e íntimo, e a cordialidade existe não só entre a população, mas com as pessoas vindas de fora da cidade. Quando se vai à casa de um kubitschekense a conversa não tem hora para acabar. O visitante deve estar preparado para ouvir e contar histórias. A conversa normalmente é acompanhada de uma quitanda (lanche). Mesmo nas casas mais simples, não se pode sair sem antes de se alimentar.

Peixoto (2000), em seu estudo sobre envelhecimento, realiza um levantamento das obras sociológicas e antropológicas que abordam a questão da sociabilidade. Destaca que essa manifestação social pode, por sua vez, existir de dois modos: sociabilidade direta ou espontânea e uma sociabilidade reflexa ou organizada. Essas duas formas, segundo a autora, não se opõem mais do que se superpõem na vida real dos grupos sociais, a sociabilidade espontânea se insere na sociabilidade organizada, construindo as múltiplas maneiras de estar vinculado pelo todo e ao todo (PEIXOTO, 2000).

Na maioria das pesquisas, o termo sociabilidade é o conjunto de relações sociais tecidas pelos indivíduos, sendo que essa noção pode ser aplicada a todas as situações sociais em que o indivíduo estabelece uma relação com o outro indivíduo. Essas situações sociais se dão em diferentes formatos, as que são estabelecidas entre dois indivíduos – primárias ou informais – e as relações coletivas – secundárias ou formais. Porém se os formatos se diferenciam, uma característica é comum: as relações são estabelecidas com interações face a face, uns com os outros. (PEIXOTO, 2000).

Por essa razão quando resalto o fato da vida em comunidade quero destacar a relação de proximidade entre as pessoas, muito mais do que uma socialização criada a partir de experiências de grupos, ela aparenta ser uma socialização pré-existente naquelas pessoas.

São indivíduos sociáveis por natureza. Assim como na vivência popular do catolicismo, a vida da população de Presidente Kubitschek tem por essência a prioridade de vida em grupo, ou seja, coletiva.

A coletividade esta presente nos momentos festivos e religiosos. Durante a Semana Santa, a cidade se une em torno da Igreja, todas as celebrações contam com um grande número de participantes. Em outubro a cidade se organiza para homenagear os moradores que não mais vivem na localidade. O Kubitschekense Ausente é uma festa que movimenta a cidade, as casas estão cheias e a união é marcante, todos no meio da multidão são amigos. Mas essa coletividade se expressa principalmente nos momentos de dificuldade, as pessoas se aproximam umas das outras em momentos de doença e de morte. Essa ultima consegue reunir pessoas que há anos não viam. Muitas pessoas preferiam ou não tinham a possibilidade de ir aos momentos festivos, mas nos momentos de dor se fazem presentes.

Segundo Valéria, no dia a dia é comum dividir as dificuldades com os vizinhos, porque essa é uma população solícita e caridosa. Valéria é esposa do meu tio, e auxiliou muito em minha pesquisa, faço aqui esse destaque porque ela foi citada em uma das entrevistas. Quando foi entrevistada, Carla ressaltou que Valéria era uma pessoa muita boa e que ajudava a todos, destacando-se por organizar doações, por procurar saber quais pessoas estão passando necessidades. Dentre as pessoas que ela ajudou ressaltou a seguinte história: Uma senhora que trabalhava como diarista com baixa fonte de renda, acumulou uma dívida e, sem dinheiro para pagar, acabou cometendo suicídio, tal morte sensibilizou muitas pessoas. Valéria então buscou parcerias, arrecadou doações e negociou as dívidas da senhora morta. Mesmo depois da pessoa morta houve a preocupação de evitar que a dívida recaísse sobre a família que já passava dificuldades<sup>43</sup>.

Ainda em relação à morte, os funerais representam o reflexo dessa população unida, é um momento de efervescência, primeiramente por gerar movimento em uma localidade de vida pacata, os velórios atraem amigos e parentes vindos de outras cidades. Praticamente toda a população da cidade vai participar do velório, é o momento que não existem diferenças, o morto é velado em casa, sua casa é o local aonde ele vai se despedir de todos. A vida caridosa está presente ali, quando se chega a um velório, busca-se cumprimentar os parentes do morto, para, em seguida, oferecer ajuda. As pessoas se prontificam a ajudar, se falta alguma coisa,

---

43 Esse acontecimento tem relevância também por outro motivo, duas pessoas posteriormente – após o pagamento da dívida – sonharam com a morta agradecendo pelo pagamento, mas lembrando de que ainda havia outra dívida. Como será exposto no item adiante temos aqui a comunicação entre mortos e vivos.

oferecem para buscar algo, também podem se oferecer para preparar um lanche, almoço ou jantar, dependendo da hora, ou mesmo oferecem a própria casa para hospedar pessoas vindas de fora.

Nesse contexto de sociabilidade, o parentesco também tem grande importância, até pela identificação dentro de um grupo. Ali se conhece o indivíduo através da construção rápida de sua árvore genealógica. Quando se tem parentes na cidade, você não se apresenta apenas com seu nome, pois nesse tipo de apresentação você é apenas um no meio de diferentes pessoas, para que você seja reconhecido e absorvido para dentro do grupo é necessário dizer quem são seus pais e muitas vezes até quem são seus avós, como retrato no exemplo a seguir: “Meu nome é Thiago, filho de Célia. Célia, filha de Mariano e Zita”.

O exemplo que eu menciono acima representa a minha própria experiência, já que meus avós viveram em Presidente Kubitschek. Os laços que eles estabeleceram, enquanto estavam vivos, permanecem na memória do grupo e as pessoas que conversavam comigo e que os conheceram deixavam claro o carinho que tinham pelos meus avós. Essa relação pré-existente facilitou minha inserção naquele meio, mesmo eu não sendo um nativo eu detinha alguns símbolos que eram familiares aos meus entrevistados<sup>44</sup>. Dessa forma, posso enaltecer a presença contínua dos laços de sociabilidade e afirmar que nesse grupo os laços permanecem mesmo após a morte, eles não se rompem e, na verdade, fortalecem-se.

Na constituição da sociabilidade existe uma relação entre o pertencimento local e a identidade local. De acordo com Peixoto (2000), a identidade local se revela como uma das formas de percepção do indivíduo sobre seu apego aos lugares, para a autora, a identidade tende sempre a visar, investir e mesmo a delimitar um território. Utilizando-se de Goffman, a autora destaca que a identidade local é uma das dimensões da identidade social. “Desse ponto de vista, a identidade local nos permite entender, por meio da referência ao território como espaço de pertencimento, as estratégias individuais ou coletivas de inserção num dado lugar”. (PEIXOTO, 2000, p. 48)

Aqui utilizo novamente a compreensão de *communitas* de Turner, nessa localidade ou nesse grupo em questão, a *communitas* se revela como uma expressão espontânea de sociabilidade, o laço de amizade e semelhança – não só entre parentes –, mas entre vizinhos e amigos em geral, sendo essas relações estabelecidas de forma primária. Já as relações

---

44 Mesmo as relações de parentesco ganham destaque. As relações entre pessoas pouco próximas ou até desconhecidas ganham relações de intimidade pelo fato do parentesco. O fato de serem parentes ou de terem uma herança familiar em comum faz com que as pessoas se insiram em um mesmo grupo.

secundárias dão-se nos grupos de oração, nas atividades estabelecidas a partir da religião, sua maior marca. Essa experiência de *communitas* fica ainda mais evidente nos momentos de suspensão dos papéis sociais. Seguindo as concepções propostas por Turner, Dawsey (2005) salienta que, nos momentos de suspensão das relações cotidianas, é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas.

Despojadas dos sinais diacríticos que as diferenciam e as contrapõem no tecido social, e sob os efeitos de choque que acompanham o curto-circuito desses sinais numa situação de liminaridade, pessoas podem ver-se frente a frente. Sem mediações. Voltam a sentir-se como havendo sido feitas do mesmo barro do qual o universo social e simbólico, como se movido pela ação de alguma oleira oculta, recria-se. (DAWSEY, 2005, p. 166).

As *communitas* são exemplos de uma reunião social, no qual os participantes tem uma relação exclusiva, tendo seu caráter determinado pelas qualidades pessoais – cordialidade, amabilidade, simplicidade e outras mais. As relações de sociabilidade tem sucesso devido a não exaltação, ao fato dos participantes não realçarem de maneira demasiada suas características pessoais, como afirmou Simmel (1968). Ali se dá uma relação/interação entre iguais. A sociabilidade é então, para Simmel, um jogo no qual se “faz de conta” que são todos iguais e, ao mesmo tempo, faz-se de conta que cada um é reverenciado em particular, essa é uma característica de cortesia, na qual o indivíduo forte e extraordinário não só se nivela aos mais fracos, mas age como se o mais fraco fosse superior e mais valoroso.

Esse jogo de “faz de conta”, que inverte e iguala os papéis sociais, é identificado por Turner na experiência liminar de uma determinada sociedade. No espelho mágico de uma experiência liminar, a sociedade pode ver-se a si mesma a partir de múltiplos ângulos, experimentando, num estado de subjetividade com as formas alteradas do ser. No espelho da antiestrutura, figuras vistas como estruturalmente poderosas podem mostrar-se como sendo extremamente frágeis. Inversamente, personagens estruturalmente frágeis transformam-se em seres de extraordinário poder (Dawsey, 2005)<sup>45</sup>.

Até aqui ressaltei essa vivência em *communitas*, esses laços de sociabilidade presentes nas relações entre a população de Presidente Kubitschek, mas, a partir de agora, irei apontar para mais uma hipótese, essa que dará continuidade a essas relações sociáveis. Digo isso, pois as pessoas desse local continuam se relacionando com seus mortos, seja visitando os

---

45 Dawsey (2005) ainda destaca em seu texto e na interpretação desse trecho as diferenças entre a abordagem de Goffman e a de Turner. Ao passo que Goffman apresenta-se como um observador do teatro da vida cotidiana e Turner se interessa particularmente pelos momentos de suspensão de papéis, ou seja, pelo meta-teatro da vida social

túmulos ou rezando pelas almas. Nas rezas por essas almas ocorre mais uma representação da ligação entre as pessoas. Aqui quero ressaltar as obrigações, a dádiva existente entre vivos e mortos, a obrigação dos que permanecem em vida com as almas. Existindo, assim, uma dupla relação que se ordena pela reciprocidade:

Essa se estabelece da seguinte forma: 1ª As almas que pedem orações e os vivos que se veem na obrigação de atender; 2ª Os que permanecem em vida que pedem para aqueles que habitam o transcendente que intercedam por eles, para que assim possam atingir seus objetivos (proteção, saúde, prosperidade). Assim, no item a seguir serão expostas as relações existentes entre vivos e mortos que são estabelecidas a partir dos sonhos.

### **1.3.1 A dádiva e a comunicação entre vivos e mortos**

Segundo Brandão (1987), o imaginário católico popular estabelece relações de interferência entre vivos e mortos, sendo que esses últimos dependeriam mais do que interfeririam sobre os primeiros. O destino da alma estaria provisoriamente não definido com a morte, podendo ser o céu, o purgatório e até mesmo o inferno<sup>46</sup>. Ainda segundo o autor, nesse imaginário, os mortos saem pessoalmente da sociedade dos vivos, porém não é possível saber o lugar do seu destino, assim ocorrem tanto orações individuais quanto cultos coletivos para a salvação das almas.

Apesar de diversas crenças sobre almas penadas, Brandão considera que, nas relações estabelecidas entre vivos e mortos, apenas boas ações podem ser realizadas de um para com o outro. Os mortos salvos, que já estão no céu, ou aqueles a espera de salvação no purgatório, só podem fazer bem aos vivos<sup>47</sup>. As pessoas que eu entrevistei, em nenhum momento, relataram acreditar na existência de “almas penadas” ou da aparição dos mortos, pelo contrário, por vezes diziam rezar para um dia poder ver o pai ou a mãe que já faleceram. Os mortos não podem voltar a ter a forma de pessoas, caminhar sobre o mesmo plano dos vivos, porém os entrevistados relataram na possibilidade do contato através dos sonhos.

---

46 Brandão (1987) define dois pontos da relação vivos e mortos segundo a Igreja: 1) mortos e vivos só podem comunicar-se através do bem; 2) mortos são excluídos da sociedade terrena e ocupam provisoriamente no caso do purgatório, definitivamente no caso do inferno ou do céu, uma das três sociedades sobrenaturais a eles reservadas pelo que foram e fizeram enquanto vivos.

47 No livro *A casa & a Rua*, DaMatta (1987) descreve uma viagem realizada por ele a Portugal, lá ele se depara com uma lápide que apresentava o seguinte pedido: rezar uma Padre-Nosso e uma Ave Maria pela minha alma “por amor de Deus”. Segundo o autor ali está uma situação que sesese coloca abertamente a possibilidade de juntar vivos e mortos, presente e passado, conhecido e desconhecido.

Um caso absolutamente frequente de crença em mortos que não saem da terra ou que voltam a ela para se comunicar com um vivo em especial é o de sujeitos não necessariamente reconhecidos como pecadores, mas que morreram em falta com algum santo a quem fizeram promessas não pagas durante o ciclo da vida do morto. Sob a forma de visão ou em um sonho, o morto – quase sempre um familiar – aparece a um vivo e passa a ele, como uma súplica, o dever de tornar cumprida a promessa, condição para que ele possa deixar de vagar, pelo mundo e possa comparecer diante de Deus para ser finalmente julgado. (BRANDÃO, 1987, p.40).

Os sonhos não acontecem necessariamente com pessoas que apresentam dons mediúnicos, qualquer um pode ter esses sonhos, nos quais o morto pode estar pedindo por orações ou deixando recados para os vivos que atendem prontamente com missas pela alma ou com orações individuais realizadas prontamente após o acontecido. O pedido feito por uma alma não pode ser negado, assim como as almas não negam um pedido realizado por um fiel. Existe aqui uma relação de reciprocidade, uma dádiva<sup>48</sup> entre vivos e mortos. Não ajudar uma alma, pode ser visto como a perda do cerne da religiosidade popular que é o dom da caridade, da essência da vida em comunidade a união, o companheirismo.

As almas podem apresentar. Eu falo porque eu já sonhei com quem já morreu. Muitas vezes porque eu ficava pensando sobre aquela pessoa. Mas não sonha como se a pessoa tivesse morrido. Só sonha como a pessoa que morreu assim, como ela tá viva, como se não morreu... Pedem orações, porque elas precisam muito, uma oração serve muito. Um padre-nosso e uma ave-maria que reza pra elas serve muito, elas pedem oração. (Romeu, homem, 85 anos, aposentado. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 21/03/2013).

Sonhar eu sonhava muito com muitas pessoas que já morreram, muitos sonhos seguidos. Mas alma aparecer não. Mas através do sonho é tanto pedido que a gente recebe... Sonhei que no lote tinha um pé de abobora, com muita abobora. E fui lá panhar... Fui baixar pra pegar e fiquei olhando pra ver se vinha alguém, quando olhei pra cima vi que Maria Pedesmola. Lá ia descendo. Aí eu corri pra casa. Fiquei da porta da sala olhando. Quando abri a porta ela tava lá. Aí gritei. Ô mãe, Maria Pedesmola tá pedindo esmola (e ela em vida não gostava que chamasse ela assim). No sonho ela falou: to pedindo esmola não é pro corpo não, é pra alma. Aí acordei e rezei pra alma dela. Aí pai colocou intenção na alma dela, quando teve missa. (Carla, mulher, 74 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 19/03/2013).

A própria pessoa realiza a interpretação dos seus sonhos, relaciona a “aparição” dos mortos com uma necessidade de comunicar-se, seja para pedir ajuda ou para ajudar. Essa leitura religiosa que fazem sobre os sonhos gera uma relação de interação com as almas.

---

48 De acordo com SOUROBIN (2009) as prestações de dádiva correspondem ao que foi identificado por Mauss como o “fato social total”, na medida em que as relações de reciprocidade implicam o ser humano (indivíduo ou grupo) em sua totalidade, tanto do ponto de vista material (econômico) quanto simbólico e social. A troca realizada por clãs ou famílias não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas uteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente... São prestações e contraprestações de forma voluntária, mas no fundo rigorosamente obrigatórias (MAUSS, 2007, p. 191).



Dessa forma, há a obrigação de uns para com os outros, que se revela muitas vezes em rituais de passagem como apontarei no segundo capítulo, mas que, por agora, destaco a relação de reciprocidade.

Sabourin (2009), analisando a teoria da reciprocidade de Dominique Temple, nota que esse segue na esteira de Mauss, partindo da mesma constatação da dialética da dádiva. Segundo o autor, Temple constata que a dádiva não é desinteressada, porém é motivada primeiramente pelo interesse pelo outro, pelo reconhecimento do outro. Na dádiva recíproca, o ato prevalece sobre a coisa, porque satisfaz o interesse de cada parceiro. A reciprocidade envolve a preocupação pelo outro, ou seja, valores afetivos, tais como a paz, a confiança, a amizade e a compreensão mútua.

A reciprocidade é a matriz do sentido que dá significado à dádiva: o de ser um ato sem contraparte, um ato de absoluta gratuidade. Devemos fazer a distinção entre a reciprocidade, condição da dádiva, e a própria dádiva, cujo o único sentido consiste em ser uma dádiva. Quando você se lembra das condições que dão sentido à dádiva, quer dizer, quando você tem certeza de que o outro sabe o que significa dar (porque ele mesmo participa de uma relação de reciprocidade das dádivas), então você pode dar livremente. Assim, quanto mais se insere em uma estrutura de reciprocidade mais rigorosa, mais pura pode ser a dádiva, ou seja, caracteriza-se mais como princípio. Para dissipar a ilusão de uma antinomia entre reciprocidade e dádiva pura, é preciso considerar a dádiva como uma palavra, ou seja, como a expressão de um sentimento nascido da reciprocidade. (TEMPLE *apud* SABOURIN, 2009, p. 57).

Existe então uma relação de reciprocidade entre os habitantes do mundo terreno e do transcendente, como nas prestações econômicas das sociedades tradicionais estudadas por Mauss, nas localidades em que foi realizada a atual pesquisa foi possível constatar a prestação total de reciprocidade com a obrigação de dar, receber e retribuir. No vilarejo do Peixe, por exemplo, durante os dias do Jubileu, diversos alimentos foram depositados ao pé da cruz situada no interior do cemitério. Segundo os romeiros, os alimentos representam o agradecimento e pedido às almas, ali estão os grãos de uma boa colheita e após a doação consegue-se a proteção da toda a roça de origem do grão. Essas oferendas são as representações das graças atendidas.

Como apontado até aqui, tais comunidades se destacam pelas relações sociáveis entre os habitantes, pela religiosidade que marca a vida cotidiana. O objetivo até aqui não foi santificar a população e dizer que não existem conflito, mas apontar como uma vida de dificuldades relacionada com uma religiosidade internalizada em cada um promove um grupo coeso que vai se unir e apoiar-se nos momentos de crise de vida. Tal religiosidade marca também a relação de reciprocidade com os mortos, esses que se comunicam através dos sonhos e que necessitam de cultos pós-morte. No capítulo a seguir mostrarei que não existem

apenas esses cultos de reciprocidade para com as almas, mas também rituais de passagem, que pensam na transição completa do morto para sua “nova vida”.

## 2 OS RITUAIS EM TORNO DA MORTE

O objetivo inicial neste capítulo é apresentar as transformações históricas sofridas pelo ritual funerário. No decorrer dos séculos ocorreram inúmeras transformações nas atitudes do homem perante a morte, tais mudanças coincidem com as reformulações que a própria estrutura da sociedade sofreu. Muitos traços ainda lembram os costumes dos séculos anteriores, mas nem sempre tendo os mesmos sentidos. A partir da obra de autores como Ariès (1977); Reis (1991,1997); Rodrigues (1983) e Elias (2001), e introduzindo dados colhidos na pesquisa de campo, será possível constatar que a distribuição dessas mudanças não é uniforme, principalmente quando se observam as zonas rurais, as camadas modestas e menos modernizadas da sociedade e em famílias mais religiosas.

Serão apresentadas as atitudes dos vivos diante dos mortos na Europa e no Brasil chegando posteriormente ao caso específico de Presidente Kubitschek. A observação do estudo de caso enfatizará, principalmente, às formas de participação e a realização do enterro. Como foi possível notar, as pessoas se esforçam para participar dos funerais e, como me disse Marta, na cidade “o povo dá frequência mesmo nos velórios”. Essa frequência e a tranquilidade para lidar com os mortos me fizeram pensar em realmente como as mudanças da sociedade moderna atingem com menos intensidade estas localidades pequenas e afastadas.

No segundo item deste capítulo, a abordagem central será apontar como a religiosidade na hora da morte é importante para proporcionar o ritual de passagem, a religiosidade faz com que alguns rituais não desapareçam e continuem a ser executados mesmo com um novo formato. Durante o velório as orações servem para auxiliar a alma na sua transição e também para confortar aqueles atingidos pela perda, como me disse Rafaela as orações e a religiosidade no momento da morte “são muito importantes, porque o conforto maior que a pessoas pode ter é o conforto de Deus, se não você acha que acabou tudo, se tiver a religião, uma fé viva, você pensa, eu perdi uma pessoa que não está mais aqui, mas ela está com Deus, muito melhor”.

### 2.1 AS TRANSFORMAÇÕES DOS RITUAIS FUNERÁRIOS

A consciência da morte está ligada à domesticação, à vida em sociedade humanamente organizada. O Homem tem consciência de que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera. Assim, a consciência da morte é uma marca da humanidade, um produto das relações sociais. As imagens que os cristãos fizeram da morte, da vida e da imortalidade

variaram no tempo (RODRIGUES, 1983, p. 116). O momento da morte é carregado por um rico e complexo ritual, que remete a vida coletiva e suas transformações. Os eventos que sucedem a morte e os sentimentos ao seu redor são ritualizados e socialmente propostos (ARIÈS, 1977; RODRIGUES, 1983). Dessa forma, constata que a morte é um produto da história, contendo mudanças que, embora lentas, sempre existiram. Inicialmente, as cerimônias funerárias apresentavam um caráter mais civil, eminentemente leigo e com elementos pagãos. Com o passar dos séculos, a Igreja Católica definiu maior participação nas cerimônias fúnebres e os funerais se tornaram cada vez menos civis e mais religiosos. Mudanças mais drásticas se deram no advento da modernidade, levando a uma laicização dos funerais (TAVARES, 2011).

A compreensão das atitudes do homem perante a morte passa necessariamente pela obra de Ariès (1977), o autor traça o processo histórico das práticas diante da morte começando na Idade Média e chegando ao século XX. Ele observa que durante esse período os modos de agir do homem em relação à morte se transformaram. De acordo com tais mudanças, Ariès denominou as atitudes diante da morte da seguinte forma: morte domada, morte de si mesmo, morte do outro e morte interdita.

Na primeira fase da Idade Média, o autor observa que a morte era simples, uma cerimônia pública e organizada. As pessoas tinham consciência de quando iam morrer, seja por signos naturais ou por convicções íntimas. Para que ocorresse uma “boa morte” era necessário esperar a morte no leito, de modo que as pessoas se preparavam para recebê-la como se preparavam para dormir. No quarto do enfermo era importante a presença de parentes, amigos e vizinhos. O detestável, nessa época, era morrer em segredo, sozinho, inesperadamente e sem cerimonial. O próprio moribundo organizava a cerimônia, não havia caráter dramático ou gestos de emoção excessivos. Após a morte começavam as exéquias, que eram compostas de quatro partes:

- 1) luto – as manifestações de dor apareciam logo após a morte, o único momento dramático do ritual;
- 2) absolvição geral dos pecados – reduzia-se a uma repetição da absolvição dada em vida;
- 3) cortejo – submetido a algumas regras com certo itinerário, certas paradas ou pequenas demoras, acompanhado por parentes e amigos;
- 4) enterro – muito breve e sem solenidade, era necessário ter uma nova absolvição geral. Os corpos eram confiados a igreja e deveriam ser mantidos dentro dos limites

sagrados (dentro das igrejas, próximo ao altar ou das imagens dos santos e nos cemitérios que ficavam nos arredores das igrejas). Esse período ficou conhecido como morte domada.

Já na segunda fase da Idade Média, a partir do século XI e XII, surgiram modificações sutis nas atitudes diante da morte. As cerimônias eram basicamente as mesmas, mas passa a existir a preocupação do que irá acontecer após a morte. Ninguém mais estava seguro da salvação e o episódio da morte se transformava na encenação de um tribunal onde o céu e o inferno adentravam ao quarto do moribundo, de modo que cada acontecimento da vida era pesado na balança do bem e do mal (RODRIGUES, 1983). Durante o velório, monges recitavam o ofício dos mortos e passaram a ocorrer missas de corpo presente – antes do enterro o corpo passa a ser colocado diante o altar das igrejas, ali ocorrem missas cantadas em intenção do falecido. O cortejo tinha a presença não só de amigos e parentes, mas de figurantes, clérigos, religiosos e leigos. A partir desse momento é preciso prevenir-se para o “Além” com garantias espirituais, e são necessários rituais de absolvição e orações. Os testamentos se tornam um meio religioso no qual o homem pode garantir missas, preces e atos de caridade, doando seus bens. Esse período é denominado a morte de si mesmo. Foi também durante esse período que começaram a ocorrer diferenciações entre os funerais de ricos e pobres. Quanto mais rico e poderoso o defunto, mais padres, monges e pobres participavam do cortejo fúnebre. A partir do século XVI as confrarias, que tinham como objetivo praticar todos os tipos de caridade passa também a dar assistência nas exéquias, os associados passam a contar com as preces feitas pelos confrades e a ter um cortejo fúnebre com um maior número de pessoas.

Duby (1995) narra à experiência da morte de Guilherme Marechal, o importante cavaleiro coordena todo o seu ritual de morte, com a participação de familiares e amigos, é realizado um verdadeiro teatro, rodeado de espectadores. O Conde Guilherme distribui suas riquezas e indica o local e a forma adequada para que ocorra seu funeral e seu sepultamento, naquele momento cabia ao agonizante designar o lugar da sua última morada e aos vivos obedecerem a seus últimos desejos. Todo o espetáculo da morte dura mais de dois meses, até que o corpo do moribundo se desprenda da terra e siga sua passagem.

O período entre o início do século XVIII a meados do século XIX será conhecido como a morte do outro. A morte passa a ser exaltada e dramatizada, não desejável, mas admirável por sua beleza – a morte romântica. Aqui se encontra um ritual agitado pela emoção. Deve-se suplicar, gesticular e chorar pelo morto. A cena da morte deixa de

apresentar a serenidade dos séculos anteriores. Os últimos momentos de despedida são agora dilacerantes, uma emoção quase incontrolável que aflige os espectadores. Existe a necessidade de exibir a dor (RODRIGUES, 1983), nos períodos anteriores, a morte provocava tristeza que era perfeitamente controlada. O luto romântico remete a dificuldade dos que sobrevivem em aceitar a morte do próximo.

Assim como foi na Europa católica, existia no Brasil a mesma preocupação com a pós-morte. Os rituais de passagem, o destino da alma e o local do sepultamento estavam presentes no cotidiano dos brasileiros. As cerimônias e a simbologia que envolvia a morte eram produzidas para promover uma boa viagem para o outro mundo (REIS, 1997). A morte era assistida e acompanhada pela população. As pessoas eram veladas em casa e enterradas em solo sagrado, nas cercanias das igrejas – muitas vezes pertencentes as suas irmandades<sup>49</sup> –, estando assim mais próximos de Deus e da salvação eterna. Os cortejos fúnebres cortavam a cidade, as casas se iluminavam com lanternas e castiçais, os acompanhantes levavam tocheiros acesos e cantavam rezas apropriadas à ocasião (MORAES FILHO apud REIS, 1991, p.104). As pessoas se preparavam para a morte, dessa forma, tentavam evitar que ocorresse de forma abrupta. Para “bem morrer” era necessário prestar contas aos que continuavam em vida e dar instruções de como seu corpo deveria ser tratado após sua morte.

Uma das maneiras de se preparar para a morte era através do testamento. Por meio dele os indivíduos podiam preparar o seu ritual fúnebre e também demonstrar seus arrependimentos, doavam seus bens, realizavam atos de caridade, garantiam missas pela sua alma e, algumas vezes, tentavam arrumar a vida de pessoas próximas ou reparar erros cometidos em vida. Um bom exemplo no Brasil oitocentista são os testamentos nos quais senhores de escravos reconhecem seus filhos bastardos. A hora da morte não era o momento de mentiras, pois a realidade não poderia ser escondida na hora do julgamento de Deus (REIS, 1991). Para ter uma boa morte, essa não poderia acontecer de maneira solitária, o moribundo não ficava isolado num quarto de hospital, esperava-se a morte em casa, cercado por

---

49 Os primeiros homens a migrar para Minas Gerais, foram atraídos pela ilusão da riqueza fácil, este período inicial foi marcado por um clima de insegurança e instabilidade, tendo os homens, a característica de aventureiro. “O Estado, no princípio, não estabeleceu, em linhas precisas, uma política para região”, mesmo assim, proibiu a entrada de religiosos regulares, alegando que eles eram responsáveis pelo extravio de ouro e por insuflar a população a não pagar os impostos. Dessa forma, a vida religiosa em Minas Gerais passou a ser acionada pelas associações leigas (Irmandades), estas eram destinadas a agremiar fiéis de todas as raças e condições sociais, que a ela quisessem pertencer. O termo irmandade tem sentido genérico, sendo sinônimo de confraria, arquiconfraria e ordem terceira. De acordo com Fritz Teixeira de Salles, as irmandades religiosas constituíram a mais viva expressão social da capitania, da Província e mesmo do Estado (BOSCHI, 1986, p.1).

familiares, amigos, vizinhos, padres e rezadeiras. Esse era um momento público que, por vezes, tinha a presença não só de conhecidos, mas também de desconhecidos. A morte era uma manifestação social (REIS, 1997). Sempre que possível os moribundos recebiam os sacramentos da Igreja Católica. Padres se dirigiam ao local onde se encontrava o enfermo e ministravam a comunhão e a extrema unção. Tais sacramentos tinham como objetivo perdoar os pecados pendentes do indivíduo.

Na hora da morte punha-se na mão do moribundo uma vela acesa para que fosse ao encontro de Deus como “filho da luz” liberto das trevas do pecado pela comunhão eucarística recebida como viático, isto é, como provisão espiritual e mística da viagem para eternidade. A ministração da extrema-unção, agora designada como sacramento dos enfermos destinado a lhe tirar o sentido agourento tão temido, completava as condições do trânsito para o outro mundo... Fechar os olhos do recém-falecido, juntar-lhe as mão segurando um crucifixo ou rosário, estender-lhe as pernas, vesti-lo com uma roupa formal, preta ou escura, cobrir-lhe o rosto com lenço eram outros gestos desse rito de passagem... Abriam-se as portas e as janelas para “facilitar a saída da alma”. (AZEVEDO, 1987, p. 61).

Assim como na Europa, o local do enterro era de grande preocupação dos católicos brasileiros, a preferência era ser enterrado em solo sagrado, lugar que ficava situado nas igrejas e em suas proximidades. Nesse contexto, as confrarias tiveram grande importância aqui no Brasil – principalmente as irmandades em Minas Gerais nos séculos XVII e XVIII. As irmandades mineiras coloniais surgiram como instituições nas quais as pessoas buscavam estabelecer laços sociais e apoio mútuo. Em seus primórdios, diante de uma realidade naturalmente instável e insegura, elas serviram como ponto de apoio tanto para os indivíduos, como para os aglomerados urbanos que se formavam. Num momento em que o Estado ainda não se fizera presente, foi no interior dessas associações leigas que o habitante da região mineradora encontrou ajuda espiritual e material. Mesmo quando o Estado implantou e consolidou-se, as irmandades não perderam a sua função social (BOSCHI, 1986). Essas eram um importante local de sociabilidade e solidariedade, podendo representar negros, brancos ou pardos. Nelas, a solidariedade, muito importante no caráter geral das confrarias, expressava-se com a ajuda aos membros da organização, como assistência na doença ou pobreza e exerciam encargos assistências e espirituais. Pertencer a uma irmandade era condição indispensável, mesmo depois da morte, pois nem todos possuíam sepultamento garantido (BORGES, 2005). Havia a concepção de quanto mais próximo de locais sagrados (igrejas) o corpo estivesse enterrado, mais próximo de Deus estaria o morto. Ser enterrado na igreja também concedia à pessoa uma sensação de ser constantemente lembrado, tendo mais chance de receber orações. A distribuição espacial das sepulturas seguia uma determinada hierarquia, quanto mais importante o “irmão”, mais próximo ficava o defunto de locais de maior sacralidade –

próximo ao altar ou de imagens de santos. O cuidado, o respeito com os mortos e a preocupação com o “bem morrer” eram evidentes nas irmandades, todos participavam do culto ao morto:

Não participar do préstito fúnebre era motivo para repreensões de toda comunidade confrarial, já que uma boa morte dependia da solidariedade dos vivos. Nesse sentido, o sino das igrejas teve uma importância fundamental, funcionava como uma linguagem, transmitindo de forma rápida e eficiente a mensagem da morte do membro da família confrarial a toda a “comunidade”. Dependendo do toque, ficava-se sabendo se o defunto era adulto, criança, mulher ou homem. (BORGES, 2005, p. 165).

Assim como na passagem de Borges (2005), em Presidente Kubitschek o sino da Igreja Católica anunciava a morte, mas desde um problema na caixa de som os avisos foram interrompidos.

As irmandades fazem parte de um importante período histórico da formação do povo brasileiro, em Presidente Kubitschek ela também se fez presente, o senhor Romeu é, por exemplo, membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento. O Brasil foi um país em que ocorreu um grande caldeamento étnico, sendo portuguesas, africanas e indígenas suas matrizes formadoras. Esse povo novo<sup>50</sup>, fortemente miscigenado, gerou uma incrível cultura sincrética que pode ser observada nas mais diversas manifestações sociais. Como foi observado por (REIS, 1991), até mesmo na morte é possível notar elementos africanos e portugueses nos rituais fúnebres brasileiros, ambos tinham a ideia de que o indivíduo deveria se preparar para a morte. Tal miscigenação pode ter sido a principal formadora do catolicismo popular no Brasil. Nessa vivência popular, existem diversos componentes mágicos e pagãos, sendo possível notar uma grande elaboração sobre o mundo dos mortos.

A cidade de Presidente Kubitschek apresentava no início do século XX características semelhantes às descritas a cima, as pessoas se mobilizavam para realizar o funeral, viajavam quilômetros para enterrar seus mortos. Inicialmente as viagens se direcionavam ao cemitério do povoado de Andrequicé<sup>51</sup>, depois os enterros passaram a acontecer na própria cidade nas cercanias da Igreja de Nossa Senhora das Dores, até a construção do cemitério municipal que continua sendo o único da cidade.

Eu era chamado quando morria uma pessoa. Me chamavam, eu juntava os amigos, chamava um por um para encontrar com o povo. Pra ajudar a carregar, era o

---

50 Denominação dada por Darcy Ribeiro em O povo brasileiro.

51 Os primeiro habitantes Andrequicé eram de escravos e ex-escravos que buscavam ouro. A origem do nome está ligada a um escravo de nome André que fabricou uma faca de arco de barril que ele a chamava de quicé, com a junção dos dois nomes deu origem ao nome do distrito (RODRIGUES; PINTO, [2013?]).



costume. Isso é uma caridade, um dever. (Romeu, homem, 85 anos, aposentado. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 21/03/2013).

Enterrar os mortos próximos à Igreja era uma forma de estar mais próximo da salvação. Durante os séculos XVIII e XIX, a Igreja Católica fornecia manuais com as formas de “bem morrer”, que tinham como objetivo organizar um imaginário social fundamentado pelo temor acerca da morte. Dessa forma, o medo da morte era uma aprendizagem diária, sendo que a Igreja Católica transmitia aos seus fiéis a possibilidade de salvarem ou não suas almas, de acordo com certas atitudes. O padre português Bernardo Queirós recomendava em seu manual que os católicos, na hora da morte, não se esquecessem de seus parentes mais necessitados e aconselhava que não morressem deixando qualquer bem indevidamente adquirido (REIS, 1991).

Segundo Ariès, em meados do século XVIII, começa a surgir uma preocupação dos médicos higienistas quanto à proximidade de vivos e mortos. Inicia-se, aos poucos, o processo de “medicalização” da morte, os médicos passam a substituir os homens da igreja na cabeceira dos moribundos, ficando junto deles apenas familiares mais próximos e amigos íntimos. Dessa forma, a morte no leito é menos pública. Outra mudança se dá no local dos enterros quando, sob o impulso de uma ideologia higienista, inicia-se a laicização dos cemitérios e sua separação das igrejas. Nesse momento, os mortos passam a ser retirados das igrejas e transferidos para cemitérios fora dos centros urbanos. A medicalização é um dos fatores que provoca as maiores mudanças das atitudes em torno da morte. Na segunda metade do século XIX, muda-se a imagem da morte. A partir de então o decoro proíbe toda referência à morte. Ela é consequência, faz-se de conta que não existe, existem apenas pessoas que desaparecem e das quais não se fala mais – talvez se fale um dia, bem depois do acontecido, quando se tiver esquecido que morreram (ARIÈS, 1977).

A partir da metade do século XIX até os dias atuais, o ritual em torno da morte é chamado de morte interdita. As imagens da morte são cada vez mais raras. Um fato familiar no passado começa a desaparecer. Inicialmente a proximidade da morte já não é mais contada ao enfermo ou moribundo, que passa a ser poupado de tal dor. A morte em casa passa a ser rara, morre-se no hospital, local onde são prestados os cuidados que já não podem ser prestados em casa. O hospital esconde os aspectos repugnantes da enfermidade. Se antes a presença de familiares e amigos no leito do moribundo era imprescindível, hoje em dia já não é mais possível, devendo-se respeitar o silêncio e evitar a contaminação, sobretudo nos hospitais, um local para especialistas. O tratamento dos moribundos e dos cadáveres e o cuidado com as sepulturas saíram das mãos da família, parentes e amigos e passaram para

especialistas remunerados. A morte se profissionalizou, a família transferiu o moribundo para o hospital, que, por sua vez, transferiu o morto para as empresas funerárias (RODRIGUES, 1983). O defunto passa a ser tratado como mercadoria, hospitais e funerárias trabalham juntas e os familiares já não sabem como lidar com o corpo, não sabem quais providências devem tomar, e veem nas empresas funerárias uma maneira rápida e fácil de resolver o seu “problema”.

Nos costumes modernos cada vez menos se tolera a presença do corpo (doente ou morto) em casa, seja por motivos de ordem higiênica, seja por falta de condições psicológicas para enfrentar a realidade. Tudo isso contribuiu para empurrar a agonia e a morte, mais que nunca, para longe do olhar dos vivos e para os bastidores da vida. Nunca antes as pessoas morreram tão silenciosa e higienicamente como hoje em nossas sociedades e nunca em condições tão propícias à solidão (ELIAS, 2001). O corpo morto já não vai para a igreja para que aconteça a missa de corpo presente, como também não é velado em casa. Ele é levado para um salão funerário, conhecido nos Estados Unidos por *funeral home*, ali é criado um novo ambiente, com regras a serem seguidas. A emoção e o choro em excesso são deixados de lado, podendo aparecer nos semblantes dos amigos e familiares mais próximos. O morto acolhe seus convidados após todo o traço da morte ter sido eliminado do seu corpo – ele já foi lavado, embalsamado, cuidadosamente vestido e maquiado. Os funcionários desses *funerals homes*, cuidam da restauração do defunto, para apagar qualquer traço de agonia e sofrimento, poupando assim os vivos e “respeitando a imagem dos mortos”. Os cemitérios foram laicizados, separados da Igreja. Alguns são construídos no formato de cemitérios-parques, onde muitos dos frequentadores vão buscar lazer, passeio, conforto e, às vezes, até aproveitar a ocasião para meditar sobre um túmulo (THOMAS, 1993).

Contudo é necessário compreender que a “distribuição dessas mudanças não é uniforme sendo menos acentuada nos meios mais conservadores das zonas rurais e das camadas modestas e menos modernizadas da sociedade assim como em famílias mais religiosas” (AZEVEDO, 1987, p. 61). No caso de Presidente Kubitschek, as mudanças se intensificaram no final na virada do século XX para o XXI. Quando perguntei sobre as mudanças no ritual funerário, o primeiro fato a ser destacado, principalmente pelos entrevistados mais idosos, era enfatizar a dificuldade para realizar um enterro, deixando claro desconforto ao se lembrarem da forma como era transportado e enterrado o defunto. Algumas vezes o defunto era carregado apenas envolto em um lençol, posteriormente mais duas formas de transporte eram destacadas: 1) a padiola, com formato semelhante a uma escada era usada principalmente para transportar o corpo do defunto da zona rural para a cidade; 2) o caixão de

pano roxo que era um caixão fino, o fundo era composto de tábuas finas e um pano mais grosso já a parte de cima apenas coberta por um pano roxo.

Quando eu cheguei aqui tinha que fazer o caixão, não encontrava a urna pronta, roupas para pessoas, era uma dificuldade em tudo. Meu sogro tinha loja, morria uma pessoa eles vinham de madrugada, batiam na porta pra pegar tecido, tinha o tecido próprio... E arranjar madeira para fazer o caixão... Graças a Deus com a evolução encontra tudo pronto, até as coroas era uma dificuldade... Tia saía às pressas procurar flores para fazer coroa, agora não, a gente encontra coroa de flores naturais, artificiais é aquela facilidade, muito melhor hoje, antigamente coitados, até para morrer era mais difícil (Rafaela, mulher, 69 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 07/11/2013).

Outra característica do ritual funerário se refere ao tratamento direto com o cadáver, no processo histórico apresentado anteriormente destacam-se como principais fatores de alteração nos cuidados com o morto o desenvolvimento da medicina, o processo de modernização e racionalização da sociedade. Em Presidente Kubitschek, o tratamento dado aos cadáveres era realizado diretamente pelos familiares, é notório nas entrevistas e conversas o quão significativo é para as pessoas o “morrer em casa”. Não se trata apenas de uma atitude, representa uma prática reconhecida socialmente, que inspira dignidade à família – sendo os indivíduos próximos ao morto os sujeitos “habilitados” no trato com a morte e pela solidariedade com o moribundo –, tomando para si o encargo com o processo mórbido. Nesse momento a rede social mobilizada reforça a solidariedade para com a família. Nos dias atuais, muitos corpos já chegam preparados ao velório devido à mão de obra especializada das casas funerárias. Frequentemente, os moribundos se encontram fora da cidade, em hospitais da região, voltando para Presidente Kubitschek somente após a sua morte, o corpo chega “preparado” para o funeral transportado em veículo próprio da empresa funerária. O velório desde os tempos de dificuldade descritos pelos entrevistados sempre ocorreu na casa do próprio defunto, se o morto fosse da zona rural o corpo poderia ser velado na casa de algum parente ou amigo, caso não tivesse esses lugares o corpo era velado na Igreja de Nossa Senhora das Dores. Nos dias de hoje já se pode velar o morto no Velório Municipal.

O corpo ficava mesmo em casa, Esse povo de fora vinha e trazia o corpo para Igreja, mas os daqui ficavam em casa mesmo... A diferença é grande, mudou muito. Hoje já tem o lugar certo pra colocar. A pessoa leva o corpo pra lá e fica lá mesmo. De primeiro era nas casas. O povo da roça geralmente ia pra Igreja. (Romeu, homem, 85 anos, aposentado. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 21/03/2013).

Não tinha lugar, ficava nas casas. Às vezes tinha lugar que nem jeito certo de velar tinha, o cemitério muito ruim. Agora mudou muito, mudou como atendimento mesmo. Tem tudo direitinho, quem pode comprar um melhor compra (caixão), tem tudo aí, coroa, tudo direitinho. E tem a casa do velório. E boa! Cozinha que só você vendo. Tem geladeira, fogão, dois banheiros, camas, muito arrumadinhos. (Ana,

mulher, 67 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 20/03/2013).

O velório municipal, fruto da administração política 2008 – 2012 é o responsável pela principal mudança no culto ao morto, a modificação do local do velório. A construção do velório municipal apresenta, inicialmente, todas as características apontadas por Ariès, Rodrigues e Elias, de ser um local de higienização da morte e mudança do local do velório. Algumas pessoas o veem com estranhamento, preferindo ainda ser veladas na própria casa quando morrerem, mas, devido ao tempo de sofrimento de anos atrás, elogiam o lugar, tendo uma relação mais íntima se comparada à relação das pessoas com os velórios municipais em cidades maiores.

O necrotério é do lado do cemitério, independente do local da cidade onde morava, tinha que levar a pessoa até na Igreja pra depois voltar com ela pro cemitério mesmo que passasse na porta do cemitério ia para a Igreja. Hoje as ministras já falam que vão até lá (velório municipal). Tem a questão das imagens, meio que você se segura... A maior diferença é a questão do local, que muda tudo. As pessoas aqui assim, elas vão para o domicílio, quando era antigamente era no domicílio. Ainda tem a preferência, meu tio faleceu em agosto do ano passado e minha tia fez questão. Ele que fez essa casa é o último lugar que ele vai estar é aqui na casa dele. Foi a fala dela quando eu fui perguntar aonde seria.

(Paula, mulher, 26 anos, enfermeira. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 25/03/2013).

O velório municipal apresenta características singulares, tem ligação com a religião católica e, tanto a fachada, quanto o interior do imóvel se assemelham com uma casa convencional. A entrada tem uma porta grande, no interior do velório uma sala ampla e arejada, possui oito janelas que deixam a luz e o ar circular, dois banheiros completos, um quarto grande com três camas, além de uma cozinha ampla e mobiliada. O velório foi construído dessa forma para melhor receber a população, ele é usado principalmente por quem é da zona rural ou que não teve condições de realizar o velório em casa, mas nele as pessoas podem se comportar como se aquele lugar fosse a própria casa, durante o velório as pessoas ligadas ao morto têm bastante autonomia sobre a condução do espaço da casa. O quarto possibilita que aqueles que estejam mais cansados possam dormir, a cozinha tem fogão, geladeira, panelas e vasilhas para que as pessoas possam cozinhar, fazer café e lanches para os participantes do velório, o fato de todos os cômodos serem grandes possibilita a participação de muitas pessoas como o de costume na cidade.

Antigamente era tudo numa simplicidade danada, morria uma pessoa era enterrada de qualquer maneira. Hoje não, todo mundo que morre o velório é entupido de gente, é aquele conforto, pode ser pobre, se ele for pobre o povo acolhe tudo. Antigamente era tudo uma pobreza, simplicidade. Hoje tem muito mais conforto. Lá tem cozinha, tem tudo, o pessoal dorme lá no velório, é café a noite inteira é quitanda é tudo. Quando o padre ta aqui ele celebra, o corpo que é velado lá não leva

na Igreja. (Marta, mulher, 74 anos, dona de casa. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 22/03/2013).

O que também diferencia o velório municipal de outros velórios é a ligação religiosa, esse elemento faz diferença principalmente pelo fato da população de Presidente Kubitschek ser em sua maioria católica. O nome do velório já indica essa relação, Velório Municipal Maria da Lapa, portanto ele foi batizado com o nome da “santa local”, outro símbolo da demarcação de território pelos católicos se refere à realização da encomendação das almas feita pelo padre ou pelas ministras no velório além da missa do dia de Finados que também foi no velório municipal, nesse dia, por exemplo, o local se encontrava completamente cheio, as pessoas viam e ouviam a missa de dentro do velório, ao seu redor, do lado de fora e de dentro do cemitério.

FIGURA 8 – VELÓRIO MUNICIPAL MARIA DA LAPA, PRESIDENTE KUBITSCHEK



FONTE: Foto do autor (26/03/2013)

Importante ressaltar que as pessoas continuam sendo veladas em casa, o diálogo entre duas entrevistadas mostra a maneira jocosa como a morte é tratada em certos momentos e o desejo de “ficar em casa”:

Carla: Eu quando morrer não quero ir para o velório lá não. Vou ficar na minha casa.

Valéria: Eu também gastei tanto (dinheiro na construção da casa). (riso).

Valéria: Na época que eu nasci era Tijucal, nem era Tijucal era Pouso Alto. Um senhor falou comigo: Ô dona, to achando que você vai pra lá mesmo (velório municipal) sua casa é muito grande para subir.

Carla: A casa da gente é mais aconchegante, o defunto fica mais quentinho. (risos)

Contudo mesmo com as mudanças destacadas acima, algumas características permanecem muito marcantes, a casa continua sendo o lugar para morrer ou pelo menos ser velado, por ser o local que está mais perto dos que podem realizar os rituais necessários para o encaminhamento da alma, para a salvação, para a vida além-túmulo. Mesmo com as transformações no cuidado com o morto, o aparato simbólico religioso e as formas com que as pessoas se relacionam persistem. Preocupações com o tempo mínimo de velar o morto, as velas, as rezas, as missas de corpo presente ou do sétimo dia, o dia de finado e a preocupação com a sepultura são coisas que as famílias sabem. Velar o morto continua sendo um importante momento de intensificação das relações sociais. A morte propicia um momento de aproximação das pessoas, primeiro devido à sensação da perda, esta gera uma maior comoção entre os participantes e segundo por angariar a participação de todo um conjunto de pessoas que conheciam o morto ou que vêm em solidariedade a algum amigo ou parente do falecido. Em uma roda de conversa, escutei a seguinte frase: “Na hora da morte você vai encontrar pessoas quem você na via há anos”. Mesmo nesse contexto de transformações e de fronteira tênue entre o rural e o urbano, a vida e a morte aparentam manter suas dimensões integradoras, de expressão e de ressignificação das relações sociais daquela população (LEMONS; JUNIOR; RODRIGUES, 2011).

## 2.2 OS BASTIDORES DA VIDA E OS RITUAIS DE PASSAGEM

Tendo em vista a maneira com que as pessoas lidam com a morte é necessário saber, contudo, que muitas dessas atitudes estão ligadas à religiosidade, o trato com o morto está estritamente relacionado com a passagem da alma para outra vida, portanto os ritos na morte são rituais de passagem. Para compreender tal ligação é importante revisitar alguns autores e esclarecer alguns aspectos das teorias sobre rituais e rituais de passagem.

O rito de passagem está representado no início da puberdade ou mesmo na passagem de uma faixa de idade para outra – os rituais de passagem dentro do catolicismo demarcam as mudanças da infância para a adolescência, dessa para a juventude e, em seguida, à vida adulta. A existência dos seres vivos é balizada por processos e fases de formação, nascimento, crescimento, maturação, reprodução e extinção. Essas etapas sucedem-se a diferentes ritmos, cumpridas necessariamente para que os indivíduos se realizem e as espécies durem e evoluam na sucessão do tempo, cada uma ao longo de determinado período (AZEVEDO, 1987).

A vida de um indivíduo religioso é marcada por cerimônias de inclusão ricas em bens simbólicos que proporcionam rituais de passagem ao longo da vida. Segundo Pereira

(2012), são vários os ritos de passagem no catolicismo, sendo sete os momentos de agregação da vida social dos religiosos – batizado<sup>52</sup>, primeira comunhão<sup>53</sup>, confissão<sup>54</sup>, crisma<sup>55</sup>, casamento<sup>56</sup>, ordenação<sup>57</sup> e preparação para a morte<sup>58</sup>.

Tais momentos marcam a entrada do indivíduo no mundo religioso, na vivência do sagrado. A partir desses momentos se marca também a entrada do indivíduo na sociedade e intensificam-se as relações de sociabilidade dentro de seu grupo, além de demarcar as diversas etapas da vida – infância, adolescência, idade adulta e a velhice. Contudo destacando e chamando a atenção para os rituais presentes no momento da morte, os rituais relacionados aos mortos, identificados como ritos de passagens, adquirem significados expressivos onde a morte é vista como momento de transição. Os ritos de passagem desempenham um papel importante na vida do homem religioso (ELIADE,1992). Posteriormente o tema da morte continuará a ser discutido no capítulo seguinte através da apresentação de dados colhidos nos funerais observados em Presidente Kubitschek.

Existem ritos de passagem no nascimento, no casamento e na morte, sendo que esses também se tratam de uma iniciação que envolve uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social. Quando acaba de nascer, a criança só dispõe de uma existência física; não é ainda reconhecida pela família nem recebida pela comunidade. São os ritos realizados imediatamente após o parto que conferem ao recém-nascido o estatuto de “vivo” propriamente dito, é somente graças a esses ritos que ele se integra à comunidade dos vivos (ELIADE, 1992).

Foi o etnógrafo e folclorista Van Gennep (2011) quem elaborou as principais ideias sobre o que constitui um ritual de passagem e sobre como o ritual se organiza para dar sentido

---

52 O batizado – rito de passagem, iniciação ou inserção, que tem o caráter inclusivo de uma cerimônia de afiliação religiosa

53 Momento cerimonial no qual a criança recebe a hóstia consagrada, o corpo de Cristo.

54 O sacramento da confissão (sacramento da penitência/reconciliação), desempenha a função de promover a conformidade entre o fiel, a Igreja e Deus, mediante o reconhecimento de que um preceito religioso foi infringido e tal violação significa uma ruptura com Deus. A reparação dessa ruptura se dá por meio da confissão. (PEREIRA, 2012).

55 Sacramento que tem por função ratificar o pacto realizado anteriormente por pais e padrinho durante o batismo e pela própria criança durante a primeira comunhão

56 O sacramento do matrimônio (casamento) é definido como aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda (CaIC, 1993, p.439, 1601). Esse sacramento também é um ritual de passagem, configurando o casal em um novo status.

57 Esse sacramento confere ao sacerdote o poder de consagrar e isso presume a configuração da essência do poder simbólico da religião. Os graus do sacramento da ordem estão disponibilizados na seguinte ordem: diaconato, presbiterato e episcopado, que são conferidos através da cerimônia de ordenação. (PEREIRA, 2012).

58 A função da unção, as exéquias, os cuidados com o corpo, os ritos de passagem e a inclusão do morto ao seu destino final.

ao seu conteúdo social. O rito seria, senão a chave, pelo menos um dos elementos críticos da vida social humana (DAMATTA, 2011, p. 10). O ritual pode transformar as pessoas, permanente ou temporariamente. Os ritos de passagem estão associados ao nascimento, à puberdade, ao casamento e à morte. São rituais de expressões dramatizadas da ordem social que fortalecem a integração tanto dos iniciados como dos espectadores. (ERIKSEN; NIELSEN, 2001). Mas Genep ressalta que estes não são apenas ritos de passagem, porque

além de seu objetivo geral, que consiste em assegurar uma transformação do estado ou a passagem de uma sociedade mágico-religiosa ou profana para outra, estas cerimônias têm cada qual sua finalidade própria. Assim, as cerimônias do casamento admitem ritos de fecundação; as do nascimento comportam ritos de proteção e de previsão; as dos funerais, ritos de defesa; as de iniciação, ritos de propiciação; as de ordenação, ritos de apropriação pela divindade, etc. (VAN GENNEP, 2011, p. 30).

Genep foi o primeiro a tomar o rito como fenômeno a ser estudado possuindo um espaço independente. Ao comparar rituais em diversas sociedades notou a existência de uma estrutura que se repetia em todos os rituais, principalmente naqueles que chamou de ritos de passagem. Em sua principal obra esclarece que todo ritual se dá numa sequência com começo, meio e fim e que cada etapa tem suas próprias características (GOMES, 2011). O rito é observado por Genep como fenômeno dotado de certos mecanismos recorrentes (no tempo e no espaço), e também de certo conjunto de significados, o principal deles sendo realizar uma espécie de costura entre posições e domínios, pois a sociedade é concebida, segundo o autor, como uma totalidade dividida internamente (DAMATTA, 2011, p. 15).

Segundo Genep (2011), em todos os lugares os indivíduos demarcam a passagem de um estágio da vida a outro. O autor estava interessado na dinâmica de mudanças que o ritual fornecia. Para ele, os rituais de passagem seriam todos os ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade. Em sua pesquisa notou que esses rituais de passagem consistem em três fases:

- 1) separação ou ruptura – fase inicial, compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo ou do grupo;
- 2) margem ou liminar – durante esse período o estado do indivíduo é ambíguo, um espaço de trânsito, ocorrendo a suspensão de papéis;
- 3) agregação ou reintegração – o indivíduo volta a estar na condição estável, com direitos e deveres definidos.



O rito de passagem procura refazer a ordem social que é posta em jogo em cada nova etapa do ciclo biológico humano (VAN GENNEP, 2011). Assim, todo ritual se inicia impondo um corte nos eventos anteriores. A fase inicial, afastamento, requer um novo tipo de atitudes e comportamento, é um corte em relação ao que estava acontecendo. Em seguida, na fase intermediária, fica evidente que algo diferente está acontecendo. Essa fase se evidencia pelo contraste com os eventos corriqueiros – liminar, é o momento em que tudo parece estar indefinido, suspenso das regras sociais normais. Essa fase, em muitos rituais, suscita ações fora do padrão, ações perigosas e, às vezes, inesperadas, mas que são aceitas pelo fato de ser um momento ritualístico. Um indivíduo que está vivendo essa fase, na qual sua condição normal está suspensa, está em perigo social e, só ao final do ritual, no momento da conclusão que o indivíduo terá um novo status social – se o ritual for um rito de passagem – ou então voltará de forma segura aos status anteriores, sendo feita, dessa forma, a reintegração ou agregação (GOMES, 2011). Numa palavra, pode se dizer que a existência humana chega à plenitude ao longo de uma série de ritos de passagem, em suma, de iniciações sucessivas (ELIADE, 1992, p.87).

As pesquisas de Gennep influenciaram o antropólogo Victor Turner, que, por sua vez, observava os rituais de passagem destacando o período de “antiestrutura”. O período de liminaridade ou “antiestrutura”, como dito anteriormente, faz parte dos rituais de crise de vida ou dramas sociais, são momentos de grande importância para o desenvolvimento social do indivíduo, como já destacado por Gennep, Turner também observava que o nascimento, o batismo e a morte seriam exemplos desses rituais que marcam a transição de uma fase da vida ou de um status social para outro (TURNER, 1974). Esses momentos de dramas sociais não dizem respeito somente ao indivíduo que ocupa o lugar central no ritual, mas também acarreta mudanças nas relações das pessoas que estejam fortemente ligadas a ele por algum tipo de vínculo, seja ele sanguíneo, matrimonial ou político.

Turner (1974) retoma o que Van Gennep chamou de fase liminar dos ritos de passagem, que são ritos que acompanham toda mudança de lugar, estado, posição social ou idade. Turner enfatiza que os ritos de passagem ou transição, são compostos por três fases: separação, margem (limen) e agregação. A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico, que significa o afastamento do indivíduo ou de um grupo. Em seguida, durante o período limiar ou intermediário, as características do sujeito ritual (o “transitante” ou “passageiro”) são ambíguas; passam através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro. Na terceira fase (reagregação ou reincorporação), consuma-se a passagem, nesse momento, o sujeito ritual,

seja ele individual ou coletivo, encontra-se num estado estável mais uma vez e, em virtude disso, têm direitos e obrigações perante os outros de tipo claramente definido e estrutural, e dele se espera um comportamento de acordo com certas normas costumeiras e certos padrões éticos (TURNER, 1974, 2005).

O momento de liminaridade se destaca no velório. O morto está no estado ambíguo, seu corpo ainda está entre os vivos e sua alma só concluirá a transição depois dos rituais das exéquias. Além disso, a morte acarreta uma quebra, uma descontinuidade na vida dos familiares do morto. A família se encontra num estado liminar, tendo que se reestruturar após o enterro ou no fim do período de luto, no qual ocorre uma nova organização familiar para suprir a perda de um dos membros da família.

Com sua atenção voltada para o momento de margem, no qual Turner denomina como momento de liminaridade, o autor observa que os atributos de liminaridade ou de pessoas liminares são necessariamente ambíguos. As entidades liminares não se situam nem aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial (TURNER, 1974). A liminaridade, então, poderia ser comparada a morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, a falta de sexo ou a um eclipse do sol ou da lua (TURNER, 1974, p. 117). As entidades liminares, (neófitos nos ritos de iniciação ou puberdade), podem ser representadas como se nada possuíssem, sendo seres liminares não possuem status. Esses indivíduos podem ser considerados como uma *prima materia* humana (TURNER, 2005).

Os indivíduos em liminaridade apresentariam um comportamento normalmente passivo e humilde, “é como se fossem reduzidas ou oprimidas até a uma condição uniforme, para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida” (TURNER, 1974, p. 117). Os iniciados ou neófitos tendem a criar entre si a camaradagem e o igualitarismo. Os fenômenos liminares oferecem uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem, o grupo liminar é uma comunidade ou um comitê de camaradas, e não uma estrutura de posições hierarquicamente arranjadas (TURNER, 2005).

Apresentam-se então dois tipos principais de liminaridade: a primeira que caracteriza os ritos de elevação de status e a segunda que é encontrada no ritual cíclico ligado ao calendário. Nos ritos de elevação de status o sujeito do ritual, ou o noviço, é conduzido irreversivelmente de posição mais baixa para outra mais alta. A segunda, pode ser denominada como ritual de inversão de status, geralmente de tipo coletivo, no qual, em determinados pontos culturalmente definidos do ciclo das estações, grupos ou categorias de

pessoas que habitualmente ocupam baixas posições na estrutura social são positivamente obrigadas a exercer uma autoridade ritual sobre seus superiores, devendo esses, por sua vez, aceitar de boa vontade a degradação ritual (TURNER, 1974).

A partir das observações dos períodos de liminaridade, percebe-se a existência de duas formas de correlacionamento humano, justapostas e alternantes. A primeira é a estrutura (realidade cotidiana, modelo básico de sociedade) e a segunda é a "antiestrutura" (momentos extraordinários, definidos pelos dramas sociais) (SILVA, 2012). No primeiro modelo a sociedade se apresenta como um sistema estruturado, diferenciado e, frequentemente, hierárquico, com diversos tipos de avaliação, que separam os Homens de acordo com avaliações de "mais" ou "menos". O segundo, surge de maneira clara no período liminar da sociedade, como um "comitatus" não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado, uma comunidade de indivíduos iguais que se submetem em conjuntos à autoridade de anciãos rituais. "A liminaridade implica que o alto não poderia ser alto sem que baixo existisse, e quem está no alto deve experimentar o que significa estar em baixo" (TURNER, 1974, p. 119).

Os conceitos de Turner podem ser exemplificados no momento da morte, esse implica na mudança estrutural da comunidade local, é o momento extraordinário, a perda proporciona mesmo que momentaneamente a suspensão dos papéis sociais, que só voltarão a estar organizados ao fim do velório ou do estado de luto. No momento em que o morto realiza sua passagem para a outra vida, os indivíduos que permanecem em vida se reestruturam dando um novo formato a sociedade. Em uma comunidade pequena como Presidente Kubitschek, esses processos de reestruturação são mais nítidos, já que os laços sociais são mais próximos, a influência dos mortos na vida social leva a considerar que a sociedade se compõe de vivos e ancestrais, por isso a morte é afirmada como uma condição provisória – liminar –, através da qual o indivíduo ascende à posição social de ancestral (LE MOS; JUNIOR; RODRIGUES, 2011).

Dessa forma, a estrutura possibilita a "antiestrutura", na medida em que a sociedade, ao lidar com suas crises, estabelece as *communitas*, período liminar, no qual as pessoas e até mesmo grupos representam, simbolicamente, papéis que correspondem a uma posição invertida em relação ao status que habitualmente possuem. É o momento no qual os indivíduos encontram-se em posição ambígua, não se situam nem lá nem cá, não possuem "status". Posteriormente, a "antiestrutura" tende a contribuir para a revitalização da própria estrutura social. A antiestrutura configura o espaço liminar, momento especial instituído pela própria sociedade, visando lidar com as próprias contradições, conflitos e crises. Ainda para

Turner, a vida social é um tipo de processo dialético que abrange a experiência sucessiva do alto e do baixo, de *communitas* e estrutura, igualdade e desigualdade. Para um indivíduo subir na escala social antes deve descer às posições mais baixas. E nos ritos de passagem os Homens são libertados da estrutura e entram na *communitas*, apenas para retomar a estrutura, revitalizados pela experiência da *communitas* (TURNER, 1974).

Rituais são mais que estruturas e funções; eles podem também ser experiências poderosas que a vida tem a oferecer. Em um estado liminar, as pessoas estão livres das demandas da vida diária. Elas sentem o outro como um de seus camaradas e toda diferença pessoal e social é apagada. Pessoas são elevadas, arrastadas para fora de si. Turner chamou a liberação das pressões da vida ordinária de “antiestrutura” e a experiência de camaradagem ritual de “*communitas*” (SCHECHNER, 2012, p. 68).

Turner (1974) observa ainda que a liminaridade não é a única manifestação cultural da *communitas*, o bobo da corte, os “mendigos-santos”, os movimentos milenaristas (homogeneidade, igualdade, anonímia, ausência de propriedade) e os hippies são exemplos da formação de *communitas* dentro da sociedade estruturada.

Os neófitos na fase liminar ritual, os autóctones subjulgados, as nações pequenas, os bufões da corte, os mendigos santos, os bons samaritanos, os movimentos quiliásticos, os “vagabundos darma”, a matrilinearidade nos sistemas patrilineares, a patrilinearidade nos sistemas matrilineares e as ordens monásticas, são sem dúvida um feixe de fenômenos sociais que não combinam bem! No entanto, todos têm a seguinte característica comum: são pessoas ou princípios que (1) se situam nos interstícios da estrutura social, (2) estão à margem dela, ou (3) ocupam os degraus mais baixos (TURNER, 1974, p. 152).

Turner nota que, nos momentos de suspensão das relações cotidianas, é possível ter uma percepção mais funda dos laços que unem as pessoas e, em trabalhos posteriores, desenvolve um novo modelo de estudos dos rituais de passagem. Ao observar a vida social dos Ndembu, Turner percebe a sua propensão ao conflito, o autor cunha o termo dramas sociais. Dramas sociais são, segundo Turner (2008, p. 33), “unidades de processo anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito”. Tipicamente, possuindo quatro fases, que serão expostas conforme propôs Turner em *Dramas, Campos e Metáforas*.

1) Separação/Ruptura de relações sociais formais, regidas pela norma. Tal ruptura é sinalizada pelo rompimento público e evidente ou pelo descumprimento deliberado de alguma norma crucial que regule as relações. É “um estopim simbólico de um confronto ou embate”. (TURNER, 2008, p.33).

2) Crise crescente/Intensificação da crise que ocorre caso a ruptura não seja rapidamente isolada para dentro de uma área limitada de interação social. Há uma tendência de que a ruptura se alargue, período também chamado de “escalada da crise”. “Este segundo

estágio, a crise, é sempre um daqueles pontos de inflexão ou momentos de perigo e suspense, quando se revela um verdadeiro estado das coisas, quando é menos fácil vestir máscaras ou fingir que não há nada de podre na aldeia”. Toda crise pública apresenta características liminares. (TURNER, 2008, p.33).

3) Ação corretiva tem como função limitar a difusão da crise, certos mecanismos de ajuste e regeneração são operacionalizados por membros da liderança ou estruturalmente representativos do sistema social perturbado. “A regeneração também possui seus traços liminares, sua condição *“betwixt and between”*, e, assim, fornece uma réplica e uma crítica distanciada dos eventos que compuseram e levaram à crise”. (TURNER, 2008, p.34).

4) Reintegração do grupo perturbado ou no reconhecimento e na legitimação do cisma irreparável entre as partes em conflito. Representa a união ou separação total do grupo em conflito. “É uma oportunidade para se fazer o balanço”. (TURNER, 2008, p.37).

Partindo das teorias desses autores é possível pensar a questão da passagem nos rituais funerários. No catolicismo a morte é concebida como uma passagem de um mundo para outro, havendo obrigações entre vivos e mortos, esses últimos estando num momento de liminaridade. O indivíduo deve se preparar para a morte e, após o seu acontecimento, cabe aos vivos a preparação do ritual de passagem que proporcione a transição tranquila do morto que, em espírito, deverá seguir em direção ao seu destino final, para outra vida (TAVARES, 2011). Dessa forma, a posição social e o futuro do morto são incertos e causam dúvidas, pois, ao mesmo tempo em que está entre os vivos – iguala-se aos mortais em presença –, ele também está partindo, dessa maneira sendo diferente daqueles que ficam (na qualidade de ancestral). O cadáver permanece durante o velório numa situação marginal, deslocado e excluído do padrão social tem seu status indefinível. O futuro do morto também é ambíguo (lugares misteriosos), tanto “céu” quanto “inferno” são lugares que não existem concretamente (SURERUS, 1997).

As cerimônias funerárias fazem parte de ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação desses últimos ao seu destino no “Além”. Os rituais funerários são mais elaborados e adquirem significados expressivos em sociedades onde a morte é vista como momento de transição, onde o morto é agregado ao mundo dos mortos:

Os indivíduos para os quais não foram executados os ritos fúnebres, assim como as crianças não batizadas ou que não receberam nome, ou não foram iniciadas, são destinados a uma experiência lamentável, sem poder jamais penetrar no mundo dos mortos nem se agregarem à sociedade aí construída. São os mortos mais perigosos, porque desejariam reagregar-se ao mundo dos vivos, mas não podendo fazê-lo

conduzem-se como estrangeiros hostis. Não dispõem dos meios de subsistência que os outros mortos encontram em seu mundo, e, por conseguinte devem procurá-los à custa dos vivos. (VAN GENNEP, 2011, p.138).

Existem, no funeral, diferentes ritos que frequentemente se superpõem e até se confundem. Os ritos podem ser de separação, incorporação e reagregação. Os ritos de separação são aqueles que dão conta dos bens do morto, do seu túmulo, o transporte do cadáver, das unções – que são também ritos de purificação (GENNEP, 2011). Ritos de incorporação são aqueles dirigidos a propiciar a reunião do morto com aqueles que o seguiram antes, como, por exemplo, a comida servida para sua viagem, a extrema-unção, o próprio enterro do cadáver (REIS, 1997). Os ritos de reagregação: refeições consecutivas aos funerais, que tem a função de ligar novamente os membros do grupo sobrevivente (GENNEP, 2011). O ritual funerário é, portanto, um ritual que possui muitas significações simultâneas (REIS, 1997).

O momento de liminaridade da morte faz com que preocupações como a cerimônias de purificação, sepultamento, garantia de unção dos enfermos e missas pela alma (como as missas de 7º dia, de 30 dias e de 1 ano) sejam realizadas para todos os mortos de Presidente Kubitschek. Segundo Martins (1983, p.264), “assim como os ritos da agonia são ritos de tempo, são de tempo os ritos da morte, os ritos relativos ao morto são ritos de espaço”, é o que diferencia a morte e o morto. Uma das primeiras providências é a reza, para separar a alma do corpo, as orações que acontecem são com a motivação de auxiliar a alma a realizar sua travessia, segundo Romeu, no funeral sempre há orações. Muitos gostam de rezar o Terço, Pai Nosso, Ave Maria, Gloria ao Pai. Essas orações são complementadas pela encomendação da alma e a aspersão de água benta para purificação do corpo, a encomendação é um dever eclesiástico previsto no direito canônico e até hoje utilizado em Presidente Kubitschek na intenção de abrir os caminhos para o céu e anunciar a vida eterna para todos que se fazem presentes, enfatizando ser aquele um momento de passagem. A encomendação da alma é muito importante para os participantes do funeral, que encontram ali palavras de apoio no momento difícil da despedida. A religiosidade se mostra como um elemento ativo dentro da cultura local, por isso a solidariedade, a morte e o cuidado com os mortos são características centrais na religiosidade da população kubitschekense. Assim como foi observado por Durkheim (1989) sobre a necessidade social da existência de uma religião, dificilmente será possível encontrar uma sociedade que não apresente algum tipo de ritual funerário ou culto ao morto.

Muitas são as sociedades nas quais prevalece a noção de que a realização de rituais funerários adequados é fundamental para segurança de mortos e vivos. Se o morto passa ao outro mundo feliz e plenamente, ele poderá interceder pelos vivos junto aos Deuses, inclusive facilitando-lhes a futura incorporação na comunidade dos mortos (REIS, 1997). Daí existe, nas pessoas, todo interesse em cuidar bem de seus mortos, assim como da própria morte. Essa relação também pode ser vista quando, no capítulo anterior, foram apresentados relatos de habitantes de Presidente Kubitschek que se comunicavam com as almas através dos sonhos, ali o morto surge pedindo por orações para concluir assim sua travessia para o paraíso.

Da mesma forma que uma pessoa pode interceder por você junto à outra pessoa as almas fazem a mesma coisa, já cumpriram a missão delas na terra, estão junto a Deus e podem interceder por nós. (Marta, mulher, 74 anos, dona de casa. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 22/03/2013).

Os rituais de passagem presentes durante o momento da morte ficarão mais claros no próximo capítulo desta dissertação, a partir da etnografia e de histórias orais, será possível evidenciar com mais clareza como se constitui o ritual funerário em Presidente Kubitschek, cidade que se enquadra na descrição de Martins (1983), onde a salvação e o destino, depois da morte, na tradição sertaneja, não constituem um problema pessoal e privado de quem morre. Constituem, na verdade, uma preocupação e um direito social dos vivos, por isso toda a preocupação e necessidade de auxiliar a família do morto.

### **3 MUDANÇAS E CONTINUIDADES DO RITUAL FÚNEBRE NO VALE DO JEQUITINHONHA**

Como já visto anteriormente, no momento da morte se destacam as relações sociais entre os participantes do funeral e as formas de lidar com a morte e o morto, tendo a religiosidade papel fundamental. A produção fúnebre interessa, sobretudo, aos vivos, que por meio dela expressavam suas inquietações e procuravam dissipar suas angústias. Pois, embora variando em intensidade, toda morte tem algo de caótico para quem fica (REIS, 1991). O capítulo a seguir se constrói pela história oral da população e pela etnografia realizada, com o objetivo de transplantar para o papel o que foi vivido e acompanhado por moradores e por esse pesquisador para, assim, conhecer o ritual funerário em Presidente Kubitschek e a religiosidade e devoção às almas no Cemitério do Peixe.

No primeiro item apresento os três rituais funerários que pude acompanhar, onde tive que superar a timidez e participar de um momento que, para muitas pessoas, é íntimo da família. Em todos os casos fui tratado como mais um espectador que estava ali prestando suas homenagens ao morto. Nenhum dos três funerais pôde ser acompanhado em sua totalidade, mas, ainda assim, foram momentos de efervescência com diversos elementos simbólicos de constituição do ritual. A participação nestes rituais possibilitou completar possíveis lacunas deixadas pelas entrevistas realizadas. Os velórios que serão descritos no decorrer desse capítulo ocorreram no ano de 2013, e apresentam semelhanças e divergências em relação ao local do enterro e a participação da população. Os mortos são do sexo masculino, sendo uma criança, um adulto e um idoso.

No segundo item apresento, a partir das anotações no caderno de campo, a pesquisa sobre o Cemitério do Peixe, uma localidade que congrega as teorias e os temas levantados nesta dissertação, a religiosidade popular e a devoção ao santo e às almas. O vilarejo me cativou por vários motivos, dentre eles a exuberância das suas belezas naturais e a incrível transformação que o espaço sofre com o começo do Jubileu. As demonstrações de fé são diversas e pude acompanhá-las nos dias de festa, as pessoas se organizam para estar ali e se orgulham de dizer que nunca faltaram, que frequentam o Peixe desde quando estavam na barriga da mãe e que aquele vai ser o lugar onde vão ser enterrados depois de mortos. Naquele cemitério serão sempre lembrados como as Almas do Peixe, assim nunca faltando orações para a nova vida que segue após a morte.



### 3.1 O NOVO E O ANTIGO NOS RITUAIS FUNERÁRIOS DE PRESIDENTE KUBITSCHKEK

No momento da morte é realizado o último ritual de passagem para os católicos. Durante o velório o morto se encontra em uma posição ambígua, nem lá nem cá. Sendo necessários ritos que providenciem a passagem tranquila da alma do plano terreno para o paraíso no transcendente. O ritual funerário é um rito de passagem, uma condição de trânsito para o outro mundo, é, portanto, também um rito de inclusão no transcendente (PEREIRA, 2012).

Os ritos de inclusão no mundo dos mortos são realizados não somente após o fatídico momento da morte, mas são iniciados antes mesmos dela acontecer. Os ritos preliminares, que são realizados na agonia e na aflição, fazem parte de um conjunto de ritos conhecidos como piaculares, que são também os ritos das exéquias, da missa de sétimo dia e do dia de luto (PEREIRA, 2012). Durkheim (1989) define como piaculares os ritos que se celebram na inquietação e na tristeza. Contudo antes de falar dos rituais celebrados após a morte, é importante destacar a unção dos enfermos, que consiste num sacramento, sendo os demais ritos fúnebres.

A unção tem como função aliviar e salvar. Os trâmites da unção fazem parte da “economia da salvação” (CaIC, 1993, p.412). Sua função é aliviar a dor, recorrendo aos rituais, cuja incumbência é exorcizar o infortúnio da morte. Até o *Concílio Vaticano II*, era conhecido como extrema-unção, porque era dado somente quando a pessoa estava em perigo de morte. Na crença católica, se a morte chegar sem que o doente a tenha recebido, poderá acarretar penas à sua alma (PEREIRA, 2012).

Segundo as regras da Igreja, ao enfermo se devia ministrar a comunhão, se sua condição física permitisse, e a extrema-unção. Esta última era uma espécie de empurrão final para fora do ciclo da vida. A igreja explicava sua função: “Auxílio na hora da morte, em que as tentações de nosso comum inimigo costumam ser mais fortes e perigosas, sabendo que tem pouco tempo para nos tentar”. O sacramento perdoava os pecados pendentes do enfermo, culpas esquecidas durante a confissão, mas podia também resultar em sua recuperação física “quando assim convém ao bem da alma”. O ato, os objetos e os atores eram também definidos. Só um pároco ou, em seu impedimento um “sacerdote aprovado” podia administrar a extrema-unção. Os objetos do rito: “sobrepeliz, estola rocha, levando nas mãos os Santos Óleos em sua ambula com toda a decência” (Reis, 1991, p. 103).

A unção dos enfermos tem o propósito de diminuir o sofrimento e livrar a pessoa enferma da condenação eterna. O período adequado para receber a unção dos enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença,

debilitação física ou velhice (CaIC, 1993, p. 415, 1514), uma espécie de empurrão final para a outra vida. A Igreja Católica explicava sua função: “Auxílio na hora da morte, em que as tentações de nosso comum inimigo costumam ser mais fortes e perigosas, sabendo que tem pouco tempo para nos tentar”. O sacramento perdoava os pecados pendentes do enfermo, culpas esquecidas durante a confissão, mas podia também resultar em sua recuperação física “quando assim convém ao bem da alma” (REIS, 1991). Existia a crença de que o enfermo que viesse a falecer sem o sacramento da unção teria dificuldade de se salvar, por causa dos supostos males praticados durante a vida. A unção, similar à confissão, é um rito apagador de pecados. Durante o período colonial tal sacramento tinha tanta importância que a Igreja Católica recomendava que ao doente que recusasse a extrema-unção, “por desprezo, ou contumácia”, fosse negada a sepultura em solo sagrado (REIS, 1991), a unção era obrigatória. Juntamente com o recebimento da unção é levado ao doente o viático – comunhão eucarística –, quer dizer, o sacramento da comunhão, ministrado em casa aos enfermos impossibilitados de sair ou aos moribundos (PEREIRA, 2012), é a provisão espiritual e mística da viagem para a eternidade (REIS, 1991).

A unção dos enfermos se caracteriza como rito de socialização da agonia, na qual é necessário participar da vida do doente e de seus familiares, como por exemplo, através das visitas, orações e missas pela sua saúde. Segundo Reis (1991), uma boa morte era sempre acompanhada por especialistas em bem morrer e solidários espectadores. Ela não podia ser vivida na solidão (REIS, 1991). O momento da morte, principalmente no interior, é um esforço coletivo de se estar junto. Dona Rafaela descreve os últimos momentos de vida da minha tia-avó, que morreu com quase 100 anos, mas já estava de cama há alguns anos antes de morrer:

Nós colocamos a imagem na mão dela e fomos rezando. Na hora dessa passagem a gente deve fazer oração, colocar um crucifixo na mão da pessoa (ou uma imagem) e pedir pra ela passar em paz dessa vida para outra. O ritual é esse: rezar pai-nosso, ave Maria, salve rainha, as orações que você souber, qualquer oração você pode fazer naquele momento pedindo a Deus pra levar à alma da pessoa até ele. (Rafaela, mulher, 69 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 07/11/2013).

Mas os ritos da unção dos enfermos, como todos os demais ritos sacramentais e seus cerimoniais, não tem apenas como função a possibilidade de dar uma boa morte aos católicos, servem, também, para manter viva a pertença à Igreja Católica. O viático, as exéquias ou encomendações da alma, a missa de sétimo dia e o luto são ritos para o corpo e a alma, com

características sociais que contribuem para afugentar o medo do passamento e, ao mesmo tempo, fortalecer grupos sociais na hora da dor da perda (PEREIRA, 2012, p.164).

No Catolicismo, logo após a confirmação do óbito, ocorre a cerimônia fúnebre, mais conhecida por velório, que é o ritual de preparação para o sepultamento. Trata-se, portanto, de um evento coletivo no qual as pessoas permanecem velando o defunto exposto durante as horas que precedem a inumação. Cabe aos familiares realizar os trâmites legais e assegurarem o funeral do parente. Quando a morte acontece a informação se espalha rapidamente pela cidade, os avisos sobre o infortúnio ocorrem, em sua maioria, de boca em boca, mas podendo acontecer também pela rádio. Anos atrás a Igreja anunciava o acontecido, mas desde um mau funcionamento nas caixas de som “o sino não dobra mais”, como relataram os moradores, assim a Igreja parou de divulgar a informação do óbito. As mortes que resultaram nos três funerais que pude acompanhar não ocorreram em Presidente Kubitschek, em duas delas os moribundos se encontravam em outra cidade e a terceira ocorreu na zona rural.

Os corpos foram velados em locais diferentes. O primeiro, de uma criança, passou por uma quase romaria até o local de sepultamento, a criança estava internada em um hospital em Belo Horizonte, onde aconteceu o óbito, e foi velada em outras duas localidades. Fui informado sobre a morte durante a procissão de Nossa Senhora das Dores e o lamento era grande por todos que davam e recebiam a notícia. O corpo não foi para Presidente Kubitschek, de Belo Horizonte o cadáver da criança foi levado para a residência da mãe, no vilarejo de Andrequicé, o corpo foi velado durante a madrugada, na parte da manhã o corpo seguiu para o distrito de Costa Sena (pertencente à cidade de Conceição do Mato Dentro), ali foi velado por mais algumas horas na Igreja de São Francisco de Assis até a chegada do seminarista que realizou a missa de corpo presente.

O velório do senhor idoso teve menos alarde, menos propaganda (esse é um termo utilizado pela população para se referir à divulgação de uma morte) em relação ao da criança. O que pode ter motivado essa diferença é o fato dos corpos terem feito caminhos inversos, a criança foi levada para a zona rural, para junto de seus semelhantes, já o corpo do idoso foi trazido do meio rural para a cidade. Mesmo vindo da zona rural, a população local sabia que no Velório Municipal estava ocorrendo um velório e de onde era originário o defunto. O corpo chegou a Presidente Kubitschek durante a madrugada e foi velado até o meio dia. Segundo parentes, ele havia nascido à meia-noite, morreu meia-noite e iria ser enterrado ao meio-dia.

O terceiro caso de óbito foi de um senhor de meia idade, vítima de câncer. Dos funerais acompanhados, esse foi o que teve maior participação da população. O senhor estava

em tratamento médico fora de Presidente Kubitschek, a população recebeu a notícia da sua morte no início da tarde e no instante da confirmação do óbito os moradores já se dividiam entre as casas dos parentes do morto, prestando solidariedade e ajuda. Chego à casa da família do falecido às 22 horas, onde muitas pessoas já aguardavam pelo velório, em torno de 80 pessoas, que são informadas que o corpo tinha o horário de chegada previsto para as 2 da manhã. Mesmo com a noite chuvosa e sabendo do horário em que o corpo chegaria, as pessoas permaneceram no local e continuaram a se solidarizar umas com as outras. A casa onde o velório aconteceu fica próxima ao Velório Municipal e ao cemitério, a escolha da família de velar o morto em sua própria casa remeteu a fala de duas entrevistadas. Amanda me disse que quem fica no velório são as pessoas mais simples, porque a maioria das pessoas não tem coragem de levar seu morto para o velório municipal, tem que ser velado em casa. É o momento das lembranças, de contar os casos. Já Paula falou que mesmo entre os mortos velados próximos ao cemitério, os familiares faziam questão de levar o defunto para a missa de corpo presente na Igreja, quando pudessem contar com a presença do padre. Ela me lembrou de que nem sempre é possível a presença do padre, que não mora na cidade, vindo apenas celebrar as missas de quinta-feira às 19 horas e domingo às 08 horas. Esse foi um velório que exemplificou a fala das entrevistadas, aconteceu próximo ao Velório Municipal e ao cemitério, mas, mesmo assim, o corpo percorreu toda a cidade para chegar até a Igreja Católica.

Assim que a morte se confirma a casa onde o morto vai ser velado fica rodeada de pessoas, diversos grupos se dividem e, independente do horário, é possível ver crianças, jovens, adultos e idosos. Nos rituais fúnebres que ocorrem durante o dia, as crianças costumam sair da escola e ir direto para o velório. A casa permanece aberta e as pessoas entram e saem, os comportamentos são variados, alguns permanecem mais tempo próximos do corpo, outros já preferem os grupos de conversa. Uma atitude recorrente entre os participantes do velório é ter como primeira atitude cumprimentar as pessoas que estão ao redor da casa e, nesse momento, se informar sobre os detalhes que envolvem a morte, o morto e a situação da família. Ao entrar na casa o gesto é semelhante, as pessoas se entreolham, conversam em tom de voz baixo e se cumprimentam. Existe sempre a procura de se aproximar das pessoas mais intimamente ligadas ao morto para desejar-lhes conforto. Em frente ao caixão, normalmente param e observam, é o momento de reflexão, de despedida, da oração individual. Alguns choram outros só observam e tocam levemente o defunto. Os que permanecem durante mais tempo, e com maior emoção, ao lado do corpo são os membros da família. O ritual funerário é um rito social, tendo como sentido e objetivo dar uma solenidade

especial ao cumprimento de modos coletivos de vida, solenidade essa que infunde respeito e suscita emoções comuns nos membros do grupo reunido (AZEVEDO, 1997).

A casa se torna a extensão da rua, segundo Amanda esse é o dia em que a casa fica cheia de pessoas, não há restrição, a casa com todos os seus cômodos está aberta, não existe a preocupação com bens de valor ou com a desordem. Valéria conta que, quando ajuda a preparar uma casa para receber o velório, a primeira providência a tomar é abrir a casa, entrar nos quartos, e esconder a bagunça dentro de gavetas e armários, o ideal é deixar a casa livre e depois do enterro se organiza a casa. Durante o velório os quartos no entorno da sala são ocupados por pessoas mais idosas ou por aqueles que estão mais cansados e querem dormir ou descansar. Assim como nos outros velórios que pude acompanhar o cadáver é mantido na posição certa para atingir a eficácia simbólica, segundo Cascudo (1985) o corpo deve estar sempre com os pés voltados para a rua e, quando levado para a Igreja Católica ou para o cemitério deve-se manter a posição, o que de fato aconteceu nos velórios acompanhados, o corpo sai para a sepultura com os pés ao inverso de como entrara no mundo (CASCUDO, 1985). No decorrer do velório o corpo permanece rodeado de símbolos religiosos, alguns colocados por familiares – imagens de santos –, outros levados pela empresa funerária, como o esplendor de santo e castiçais com velas que devem ficar acesas o tempo todo, além da decoração de enfeites florais e a coroa de flores. Este é o local de maior comoção e tristeza. O morto nunca fica sozinho, quem está próximo sempre está rezando, essas orações estão encarregadas de auxiliar a passagem da alma, reza-se principalmente o terço, Pai-Nosso e Ave-Maria. O ritual de solidariedade para com o morto se associa à noção de que a boa morte nunca seria uma morte solitária e desprovida de cerimônia.

Fora do espaço em torno do caixão é possível encontrar semblantes mais leves, pessoas rindo, contando casos e recordando histórias. Entre uma cachaça, um café ou um cigarro, as pessoas falam do dia-a-dia, do trabalho e da novela. Aqueles que não se encontram há muito tempo relembram o passado, o funeral, além de tudo, causa um clima saudosista, onde as pessoas recordam dos momentos bons do passado do morto e do seu próprio. Constata-se, nessa situação, o que foi observado por Azevedo (1987), os ritos e as cerimônias são meios eficientes para manter vivo o sentimento de pertença a um grupo, para conservar a adesão a seus modos coletivos, para unir mais intimamente os seus membros e para confirmar e reforçar sua significação e sua estrutura.

As cerimônias fúnebres cumprem a função de unir as pessoas. Durkheim (1989) afirma que quando um indivíduo morre o grupo familiar a qual pertence se sente diminuído e, para reagir contra essa diminuição, ele se reúne. Os efeitos da morte se aproximam a um

acontecimento feliz, na medida em que aviva os sentimentos coletivos que, por conseguinte, levam os indivíduos a se procurarem e a se aproximarem. No velório é possível notar que as pessoas se abraçam, se enlaçam, se apertam o mais possível umas contra as outras. Não somente os próximos, mais diretamente atingidos, trazem para a assembleia a sua dor pessoal, mas a sociedade exerce sobre os seus membros uma pressão moral para que coloque os seus sentimentos em harmonia com a situação.

Os velórios são acompanhados de comida e bebida, os alimentos são biscoitos, pães de queijo e pães de sal, acompanhados por leite e café, estes ficam expostos na cozinha de livre acesso para quem quiser comer. Ritual semelhante ao descrito por Cascudo:

Preparado o corpo, disposto no caixão, acesas as velas, queimando-se incenso, guardam os amigos e a família o morto durante as horas que antecederam ao sepultamento. Atravessam esse período conversando em voz baixa, servindo-se café, biscoitos, massas secas. Se o velório é noturno, leva-se o amigo que está “fazendo quarto ao defunto” para uma ligeira refeição sólida, sanduíches, torradas. Aguarda ao morto é velha tradição oriental e começaria da fase pastoril onde o cadáver seria vigiado pelos da tribo para não ser roubado pelos inimigos. Os alimentos, bebidas frias ou quentes são os vestígios do banquete fúnebre, diante do morto, que o Egito iniciou e divulgou. Os banquetes fúnebres, as refeições no enterro ou durante o velório são universais. (CASCUDO, 1985, pág.19).

Em relação a refeição, Rogéria me disse que, no último velório na sua casa, deu comida para todo mundo, disse que “só não comeu quem não quis”. E continuou dizendo “Como é que você deixa ficar sem uma comida no dia de velório sendo que vem muita gente de fora, Tem condição?” Para ela, nos velórios que reúnem pessoas da cidade fica mais fácil dar apenas um café, mas quando se aglomeram muitas pessoas, principalmente vindas de fora da cidade, deve haver um preparo de refeição maior. Ela me disse também que na época em que a vida era mais difícil e que não se tinha pratos para todo mundo a comida era servida na cabaça de Coité<sup>59</sup>.

Durante o velório as pessoas se revazam para lavar copos e realizar a manutenção da comida, nenhuma função de trabalho é definida previamente, o que me chamou muita atenção enquanto observava o comportamento das pessoas é que elas não se oferecem ou perguntam o que devem fazer, elas simplesmente fazem, por conta própria. Valéria disse que a ajuda deve ser rápida e espontânea, porque a morte muitas vezes deixa os familiares próximos ao morto desorientados, sem saber como agir ou mesmo sem condições de pedir ajuda ou dar ordens, por isso é um momento em que toda ajuda é bem vinda. Ritual semelhante ao descrito por

---

59 Fruto arredondado que nasce da árvore Coité.

Pinto (2005), em Portugal na região da Gavieira, onde as pessoas amigas, familiares mais afastados ou vizinhos é que se oferecem para fazer a comida.

Nos velórios em Presidente Kubitschek é comum a ingestão de cachaça. A bebida, juntamente com os tira-gostos, são consumidos em locais mais reservados, em alguma área externa da casa ou na rua, nos velórios realizados durante a noite são feitas fogueiras que aquecem as noites frias e animam a roda de bebida. A fogueira é um costume que se mantém ao longo dos anos, ela era utilizada no início do século XX com a função de iluminar e aquecer os velórios da zona rural e também da cidade de Presidente Kubitschek, já que a luz elétrica chegou em 1964 de forma parcial, a partir de 1970 funcionando até às 20 horas, e é somente a partir de 1984 que a energia passa a ser fornecida pela CEMIG – Companhia Elétrica de Minas Gerais (RODRIGUES; PINTO, [2013?]). Quando indagados sobre a fogueira, as pessoas diziam repetir a tradição. Vera me contou sobre as fogueiras dando uma gargalhada, disse que as fogueiras são na rua, em frente à porta da casa, “num lugar que dá pra fazer a fogueira pro pessoal ficar a noite no velório, se não, num guenta o frio. Lá que bebe as cachaças, que conta às piadas”.

Na fogueira ficam em sua maioria os homens. As mulheres ficam nas salas, nos quartos, claro que tem algumas mulheres, mais atiradas. No velório você senta perto da urna, levanta vai pro quarto, vai ver como está alguém, se precisa de chá vai em casa e busca uma erva, faz o chá, pega um calmante e leva. Não precisa nem pedir, tem a pessoa que chega e já vai fazendo o café, biscoito. Muita gente leva as coisas de casa. (Amanda, mulher, 54 anos, funcionária pública. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 26/03/2013).

Quando se aproxima o momento do enterro sucede-se, então, o ritual das exéquias, popularmente conhecido como encomendação da alma. Devem fazer-se as exéquias eclesiais aos fiéis defuntos, segundo as normas do direito (PEREIRA 2012). Seguindo o catecismo da Igreja, os funerais cristãos não conferem ao defunto nem sacramento, nem sacramental, pois ele 'passou' para além da economia sacramental (CaIC, 1993, p. 459, 1684). Portanto, o ritual das exéquias não é sacramento, podendo, dessa forma, ser conduzido por uma pessoa que não tenha recebido o sacramento da Ordem. Então, sejam leigos ou sacerdotes, a função dos agentes dos ritos fúnebres é agir em nome de uma instituição que detém o controle dos poderes divinos, buscando mostrar, nesse ato, aquilo que a Igreja Católica recomenda, isto é, tanto exprimir a comunhão eficaz com o defunto quanto fazer a comunidade reunida participar nas exéquias e anunciar a vida eterna.

Independentemente da situação ou região, prossegue o Catecismo da Igreja, os diferentes ritos dos funerais exprimem o caráter pascal da morte cristã, sendo, portanto, de suma importância para passagem, isto é, para a inclusão do morto na vida eterna, auxiliando-o

espiritualmente nesse processo (PEREIRA, 2012). Através desse ritual, espera-se que ocorra a encomendação da alma a Deus, e que ela seja, de fato, recebida no Reino dos Céus. Essa característica inclusiva das exéquias, como rito de passagem, esperança e consolo, encontra-se, à sua maneira, fundamentada e recomendada no Código do Direito Canônico (PEREIRA, 2012).

De acordo com Pereira (2012), é recomendado que as exéquias sejam feitas um pouco antes do sepultamento, o que favoreceria a participação de mais pessoas. Nas horas finais do velório, no momento com mais público, quando se aproxima o momento do sepultamento, o sacerdote, ou na ausência dele uma pessoa designada, dirige o ritual.

Os funerais acompanhados por mim seguiram os ritos católicos, e as exéquias pouco diferenciaram-se entre si, os salmos, a liturgia das palavras, as leituras dos evangelhos e as orações foram semelhantes, se diferenciando um pouco devido ao local da celebração (Igreja Católica e Velório Municipal) e ao celebrante (Padre, ministra da Igreja Católica e seminarista). Em duas dessas celebrações foi possível acompanhá-las totalmente e tendo uma participação mais próxima. As exéquias fúnebres são pautadas por uma invariabilidade de gestos e até de palavras, tendo uma tendência para a repetição das mesmas leituras das Sagradas Escrituras, através das quais se faz apelo ao desapego em relação aos valores materiais, devendo se ter uma vida pautada por valores como: o bem, a justiça, a oração e a humildade (PINTO, 2005). O celebrante enfatizava e reiterava a crença na perenidade da alma, daí o apelo constante a esses valores, tendo em vista a sua salvação. A vida de Jesus Cristo e a dos santos servem como modelos que devem ser seguidos, e aos quais se faz apelo com muita frequência. Essa e outras missas, como a de sétimo dia, constituem um rito de separação, porque cada missa celebrada pela alma de um morto é uma forma de auxiliá-lo a libertar-se mais rapidamente do Purgatório, e caso a alma já tenha sido agraciada com o reino dos céus, as orações se encaminham para almas mais necessitadas, segundo dona Rafaela. Esse é um processo de transição do defunto do mundo dos vivos para o mundo dos mortos (PINTO, 2005).

O morto velado na casa funerária recebeu ali mesmo a encomendação da alma, quem realizou a encomendação foi a ministra da Igreja Católica, Rafaela, nos conhecemos pouco antes da encomendação e, ainda assim, ela me pediu que eu a auxiliasse. Aceitei prontamente o convite, mas sem saber ao certo o que deveria fazer. Pouco antes da encomendação da alma as pessoas se espalhavam pelo Velório Municipal, na cozinha, nos quartos e ao lado do corpo, com a chegada da ministra todos se reuniram para celebração. Dona Rafaela nos apresentou e deu início as exéquias, primeiro com o Pai-Nosso, em seguida ocorre a lamentação da perda



de um irmão, nesse momento ela teceu elogios ao morto e sua família, lembrando que aquele era um senhor religioso, neste momento a viúva, com os olhos lacrimejando, confirmou dizendo que ele rezava todas as noites e que era um homem de muita fé. Durante as exéquias permaneci ao lado de Rafaela, que me pediu para ler a liturgia da palavra. Na hora fiquei muito nervoso, instantes atrás estava apenas sentado observando o velório e naquele momento estava de frente do morto e de seus familiares numa posição central do ritual, respirei fundo e me entreguei ao momento, fiz a leitura da liturgia da palavra e as orações pedidas por dona Rafaela, sempre pensando que aquelas palavras garantiriam a passagem da alma e serviriam de consolo para os familiares. As leituras que se seguiram durante a celebração falavam o tempo todo que aquele não era o fim, que era necessário aos familiares entender que, naquele momento, se iniciava uma nova vida ao lado de Deus. Ao final ainda ajudei no momento de aspersão da água benta no corpo.

O funeral que ocorreu na casa do morto, se diferencia dos outros também pela presença do padre na cidade – como dito anteriormente o padre não mora no município vindo apenas para a celebração da missa (quinta às 19 horas e domingo às 08 horas) –, assim o corpo é levado até a Igreja de Nossa Senhora das Dores, tendo a participação de muitas pessoas. Como se fosse uma romaria o corpo é transportado entre casa/igreja/cemitério, nesse trajeto as pessoas fecham as portas e janelas das casas e do comércio em sinal de luto e respeito para com o morto e a família. A missa de corpo presente na Igreja tem grande importância na socialização durante o ciclo de vida do morto, pois esse é o local onde se começa a vida religiosa. Local onde foram batizados os seus pais, avós, filhos e netos, ali se celebrou a sua primeira comunhão e o seu casamento, e dali sairá definitivamente o seu corpo, um corpo mortal a caminho do cemitério. A Igreja é o último local onde se reúnem os familiares para a despedida, e para ali eles voltam para rezar pela alma durante a missa de sétimo dia. A Igreja representa o cenário dos atos principais dos rituais de passagem no catolicismo, o seu centro emotivo e espiritual e o seu emblema de pertença. Os ritos de transição marcam profundamente, visto que a Igreja e o cemitério não são apenas designadores rígidos, são também comuns à todos da cidade (PINTO, 2005). Durante as exéquias o padre remete para a importância da fé em Deus e da Igreja no momento da morte e apresenta os motivos que levam o morto a alcançar o caminho dos céus. A celebração também é importante para os familiares, que encontram no momento da encomendação da alma palavras de apoio, de ânimo e de esperança em relação ao futuro. Segundo dona Rafaela. “a encomendação é pra levar a alma em paz para Deus. Enquanto o corpo está ali a alma também

está. A gente pede a Deus, os anjos e os santos que recebam a alma. A gente pede aos anjos e santos para levar a alma para Deus”.

A encomendação da alma da criança seguiu as mesmas características, porém a celebração foi realizada por um seminarista. A criança havia sido velada durante a madrugada em Andrequicé, e no começo da manhã do dia seguinte foi levada para Costa Sena. As vilas na zona rural não tem o acesso fácil e não consegui transporte durante a madrugada. Logo pela manhã meu primo tentou me levar de moto para Costa Sena, mas nossa tentativa foi interrompida devido à chuva e tivemos que retornar. Mais tarde conseguimos uma caminhonete e chegamos ao vilarejo. Ao descer do carro sou surpreendido por uma menina que estava sentada em um túmulo em frente à Igreja de São Francisco de Assis, ela me pergunta se sou o Thiago. Muito surpreso e sem entender nada, respondo que sim e caminho junto com ela para dentro da igreja, ao entrar me apresento para a mãe da criança falecida que também me pergunta se sou o Thiago, o seminarista. Quando expliquei quem eu era todos nós rimos da situação, mesmo sendo aquele um momento muito delicado. A verdade é que todos, inclusive eu, se surpreenderam com tamanha coincidência em um local tão isolado. Depois do meio dia o seminarista Thiago chegou e iniciou a celebração. Falou da figura bíblica de Lázaro, que foi ressuscitado por Jesus Cristo, e da dor da morte de um filho, principalmente quando se trata de uma criança, mas que esta passará a ser um anjo de Deus.

FIGURA 9 – IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, DISTRITO DE COSTA SENA



FONTE: Foto do autor (24/02/2013)

O momento da encomendação da alma reflete também o cansaço dos participantes, afinal muitos estão há horas sem dormir, e foi para mim a etapa onde a dor ficou mais exposta, em todos os velórios que acompanhei foi o momento em que pais, mães e filhos permanecem próximos uns aos outros e junto ao corpo. Após as três últimas ave-marias e o pai-nosso, o corpo é bento e em seguida o caixão é fechado, nesse momento a tristeza está presente no semblante de todos, ninguém sorri, não se ouve nenhuma voz, só o choro de alguns. Os sentimentos se assemelham à ocasião em que o corpo chega para ser velado, quando o caixão é fechado ou no momento de ser enterrado. Esses são os momentos em que as pessoas tem a certeza que aquela é a última vez, é a despedida final, por isso a dor é muito mais expressiva e evidente.

Pouco antes do início da encomendação da alma da criança, quando o corpo já estava na Igreja de São Francisco de Assis, as pessoas aparentavam serenidade, poucos choravam, crianças entravam e saíam correndo pela Igreja, algumas estavam jogando bola na quadra em frente, os adultos conversavam e a mãe permanecia ao lado do corpo, se despedindo delicadamente do filho. Após a chegada do seminarista todos acompanham em silêncio. Quando ele encerra a celebração e pede para que o caixão seja fechado ocorre um êxtase entre os participantes, todos começaram a chorar desesperadamente, e ao mesmo tempo se aglomeraram junto ao corpo, eu estava na diagonal, duas fileiras atrás e tinha uma boa visão do caixão, mas as pessoas se aglomeraram tão rápido que não vi como, quando e nem quem o fechou. Até as crianças, que inicialmente pareciam não se importar com o que estava acontecendo, choravam e soluçavam sem parar. Antes do corpo seguir em direção ao cemitério as pessoas se abraçam e choram muito, é para mim o momento em que buscam forças umas nas outras para suportar a despedida. Assim como nos outros enterros, após esse estado de efervescência os ânimos desaceleram, e o corpo segue em procissão até o cemitério – as casas e o mercadinho do distrito permanecem fechados até o enterro –, os sentimentos voltam a ser expressos de forma mais contida, o luto toma conta das ruas por onde o corpo passa, este não segue de carro, mas é carregado por amigos e parentes – anos atrás quem carregava o corpo de uma criança ou “anjinho” eram outras crianças, conforme lembra Amanda, antigamente era “um máximo para outra criança poder participar”, “falavam que tinha um anjinho na Igreja”. Seguindo a procissão do féretro as orações continuam para assegurar a passagem da alma, é o momento em que a coroa de flores ganha atenção pois, segundo o ditado popular local, se a coroa desmancha outra morte acontecerá.

Teve uma vez, não lembro quem era o morto, em frente a pracinha caiu uma palma da folha da coroa, quando foi subindo caiu uma flor. Nossa senhora, hoje a coroa ta despencando. No outro dia morreu uma pessoa.

(Ana, mulher, 67 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 20/03/2013).

Na caminhada até o cemitério, em meio às orações, é possível ouvir duas canções:

Segura na mão de Deus e vai. Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus, pois Ela, Ela te sustentará. Não temas, segue adiante e não olhes para trás. Segura na mão de Deus e vai.

Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus e vai.

Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar Segura na mão de Deus e vai.

Segura na mão de Deus e vai. Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus, pois Ela, Ela te sustentará. Não temas, segue adiante e não olhes para trás. Segura na mão de Deus e vai.

Se as águas do mar da vida quiserem te afogar, segura na mão de Deus e vai.

Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar. Segura na mão de Deus e vai.

Com minha mãe estarei. Na santa glória, um dia, ao lado de Maria, no céu triunfarei. No céu, no céu, com minha mãe estarei. No céu, no céu, com minha mãe estarei (2 vezes)

Com minha mãe estarei. Aos anjos se ajuntando, e hinos entoando, louvores lhe darei.

Com minha mãe estarei. Então coroa digna, de sua mão benigna, feliz receberei.

Com minha mãe estarei. E sempre neste exílio, de seu piedoso auxílio, com fé me valerei.

No cemitério são feitas as últimas orações e despedidas, ocorre à benção da cova e, em mais um instante de grande tristeza, o morto é enterrado. Azevedo (1987) chamou esse momento de ritos de sacralização da passagem, em que o corpo do defunto é posto na terra como semente que ressurgirá no dia do julgamento final. Importante lembrar que a Igreja Católica recomenda vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos, mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã (CIC, 1983, p. 517, cân. 1176, 3).

Após o velório e o sepultamento ocorre o período de luto e as missas pela alma, sendo a missa de sétimo dia a principal. Estes fazem parte do empenho no combate contra as sequelas da perda, configurada no aniquilamento humano, fator da dissolução da vida, cujas consequências são exorcizadas através dos respectivos rituais (PEREIRA, 2012).

Antigamente, segundo Amanda, havia uma vigilância muito grande em cima do tempo que a família deveria ficar triste, enlutada. “Você era obrigada a guardar o luto, mesmo que você não quisesse uma cobrança visceral e virava comentário de cidade. Não esperou nem o morto esfriar”. Valéria fez a mesma observação, segundo ela “antigamente as mulheres se vestiam de preto e os homens usavam um lacinho na camisa”. Hoje o período do luto está marcado principalmente entre o dia da morte e a missa de sétimo dia, esse é o momento em que a família do morto recebe visitas e se mantém mais reclusa.

O ritual da missa de sétimo dia tem estreita ligação com o luto, uma de suas funções é a de delimitar o período de resguardo depois do ocorrido fatídico, período no qual acontece uma transformação na vida da família. A missa, como parte integrante e, talvez, essencial do luto na tradição católica, consiste em um marco simbólico entre o episódio da morte e o retorno à normalidade no cotidiano da vida dos familiares (PEREIRA, 2012). A morte é, portanto, um rito de passagem não apenas para o morto, ele pode ser o elemento central, mas a morte acarreta uma transformação em todos que estavam próximos ao defunto.

O grupo que perdeu um membro sente a impressão de abatimento e é nisso que se encontra, segundo Durkheim (1989), a origem do luto – sua função é, portanto, a de recompor o grupo da perda, fortalecendo-o. Essa condição de vulnerabilidade afetiva faz com que a família se acerque para se reconfortar (PEREIRA, 2012). O período tido como luto perdeu muito dos símbolos mais visíveis, mas permanece ainda caracterizado com certas renúncias, como, por exemplo, evitar festas e outros eventos que possam demonstrar desrespeito para com o tempo de resguardo. Nesse período a missa de sétimo dia se encarrega de dissipar qualquer sintoma que possa impedir a retomada da vida na sua normalidade. Assim como ocorreu nos rituais funerários, elementos simbólicos presentes no luto foram reformulados e adaptados, ganhando características mais seculares, embora continuem com o mesmo perfil, ou seja, de rito de passagem ou como negação da morte (PEREIRA, 2012). Negação da morte porque acreditar na ressurreição como ressurgimento da pessoa é também uma maneira de negar a morte. Pensar na morte como uma passagem, como uma etapa, significa negá-la como fim implacável da vida (PEREIRA, 2012).

Nesse contexto, a missa de sétimo dia faz parte de uma tradição que se formou na história da Igreja, com a intenção de sufragar a alma da pessoa falecida, e cuja origem descende dos antigos ritos mortuários e do costume de celebrar missa por ocasião da morte. Missa esta que a princípio era rezada diante do cadáver da pessoa e chamada de missa de corpo presente – esse tipo de missa ainda ocorre, e pôde ser acompanhada durante a pesquisa de campo. Antes que a missa de corpo presente se tornasse inviável, já se havia instalado no imaginário popular católico a obrigação de mandar rezar missa pelos mortos (PEREIRA, 2012). A missa de sétimo dia simboliza que aquela pessoa, após cumprir sua missão na Terra, poderá agora também descansar. O ritual detém o poder simbólico de exorcizar a morte e fazer as pessoas acreditarem na existência da alma, além da sua inclusão numa outra vida ideal, ou seja, no paraíso, um lugar sem sofrimentos, o que, assim, conforta a dor causada pela perda (PEREIRA, 2012). Após a cerimônia as pessoas ligadas ao morto podem retomar a sua vida cotidiana. Esse é um ritual cuja função é tranquilizar os vivos quanto ao destino dos

mortos, e que na visão popular possibilita a salvação da alma. Além da missa de sétimo dia, outro período marcante na relação entre vivos e mortos ocorre no dia 2 de novembro, o dia de finados.

O dia de Finados, assim como o Jubileu de São Miguel e Almas no Cemitério do Peixe, são datas especiais que visam lembrar, homenagear e agradecer às almas. Primeiramente será abordado o dia de finados e, no item seguinte, a especificidade da devoção às almas do Cemitério do Peixe.

No dia dois de novembro o movimento no cemitério municipal inicia-se cedo, às 7 horas da manhã alguns túmulos já estão lavados e enfeitados, essa é a data em que o cemitério se torna local ritual de comemoração festiva do dia de Finados. Como salientou Martins (2008) o dia de Finados não é, em nossa cultura, propriamente, o dia da morte é o dia das almas. O morto já não se faz presente, com os mortos não há diálogo, mas há um intenso diálogo dos vivos com as almas, uma troca afetiva que traz o conforto do eterno em relação à finitude da vida. Enquanto os mortos podem ser temidos; as almas são amadas, assim, o dia de Finados pode ser situado no calendário dos dias festivos da comunhão e da memória, como o Dia de Natal e o Dia da Páscoa.

Desde o primeiro século os cristãos tinham o costume de visitar e homenagear os túmulos de seus mártires. Segundo Ariès (1977), a piedade pelos mortos, a visita e veneração dos túmulos, resultaram na atual prática e costume funerário de visitar o cemitério em novembro. Entre os séculos XV e XVIII as intercessões pelas almas do purgatório eram feitas no dia de Todos os Santos (1 de novembro), dia instituído para celebrar os santos e mártires, mas a partir do século XIX o dia dois de novembro passa a ser o dia em que as pessoas se dirigem aos cemitérios para rezar nos túmulos de seus mortos.

Araújo (2009) ressalta que os motivos e evidências concretas para saber o que leva as pessoas ao cemitério em Finados devem ser entender o que as pessoas fazem depois que chegam lá. Dessa maneira procurei ir cedo ao cemitério, para acompanhar e participar das homenagens aos mortos, aproveitando para visitar os meus mortos, ou melhor, as minhas almas. Às 8 horas da manhã o cemitério já estava movimentado, pessoas entravam e circulavam entre os túmulos. O cemitério de Presidente Kubitschek tem características muito simples, tendo várias sepulturas que são apenas uma cova simples, identificados somente por uma cruz. Em Finados, no instante em que chegam ao cemitério, as pessoas buscam o túmulo de seus parentes, em seguida limpam e lavam, e depois acendem velas, depositam flores e rezam. As lágrimas eventualmente brotam dos olhos, mas rapidamente são enxugadas e os

sorrisos voltam, a saudade existe, mas aquele é o momento de lembrar, homenagear e agradecer, além de ser um momento propício para confraternização.

No dia de Finados sempre tem a missa, a gente leva flor, reza. Eu vou ao cemitério, quando está chovendo não. Quando não tem a missa (no cemitério) tem na Igreja. Vou de manhãzinha, levo sabão, todo mundo vai limpa, cada um limpa o seu e limpa o de outros também. (Ana, mulher, 67 anos, aposentada. Presidente Kubitschek, entrevista concedida a Tavares, 20/03/2013).

FIGURA 10 – CEMITÉRIO MUNICIPAL, PRESIDENTE KUBITSCHEK



FONTE: Foto do autor (26/03/2013)

No dia de Finados as pessoas realizam uma forma contemporânea de peregrinação, elas saem de suas casas, da sua vida habitual, e seguem em direção à sepultura de seus familiares, local que se torna objeto de culto. Os familiares se tornam devotos, caracterizando o dia dois de novembro e a ida ao cemitério como uma pequena romaria (ARAÚJO, 2009). Os mortos, que independente de como eram em vida são considerados por seus familiares intercessores e protetores, são santos de casa ou, como prefere Araújo (2009), “pequenos santos”. O termo “pequenos” não tem como objetivo diminuir a importância ou menosprezar a santidade, mas definir tal devoção por se tratarem de santos privados, são almas santificadas pelo seu núcleo familiar.

Assim como o velório e os feriados religiosos, o dia de Finados promove o encontro em Presidente Kubitschek. Muitos parentes se juntam para rezar por seus familiares. O fato de

a cidade ser muito pequena faz com que muitos sejam parentes. Enquanto eu realizava o meu culto privado em frente ao túmulo dos meus avós fui indagado algumas vezes de quem eu era filho, após confirmado o parentesco, fui guiado entre túmulos conhecendo e aprendendo sobre minha própria história e sobre a história daquela população que estava ali, prestando suas homenagens, e daqueles que já estavam mortos em corpo mas vivos em alma e nas lembranças.

No dia de Finados o cemitério se assemelha aos santuários durante as romarias, as pessoas circulam dentro do cemitério, conversam entre si e rezam em diferentes túmulos, estes que são bentos durante o sepultamento, são sacramentos, sinais da presença simbólica das almas, o cemitério proporciona assim cultos privados e públicos. Dessa forma as pessoas vão para encontrar, rezar e pedir para os seus “pequenos santos”.

Às 10 horas da manhã, no Velório Municipal Maria da Lapa, se inicia a missa pelos fiéis defuntos. As pessoas se espremem para assistir a missa, que ocorre na sala onde os corpos são velados, para todo lado que se olha é possível ver gente. As pessoas se dividem entre a sala, o quarto e a cozinha, muitos veem a missa do lado de fora e de dentro do cemitério. A missa se inicia com a leitura dos nomes de pessoas que já morreram e que foram lembradas por familiares, que pediram a missa em suas intenções. Eram mais de duzentos nomes que, lidos um a um, faziam referência direta a pessoa, com seu nome e sobrenome, ou a um grupo de mortos, dedicando a missa a todos os mortos da família Gonçalves, por exemplo. Muitos nomes se repetiam e o que mais apareceu foi o de Maria da Lapa, que não têm parentes e também não está enterrada no cemitério, mas seu túmulo também foi decorado e enfeitado no dia de Finados. Durante a missa o padre refletiu sobre a importância de se pensar na morte, cumprir os ritos católicos e se fazer presente durante as missas. Pediu desculpas pelo atraso na hora de iniciar a missa de finados, segundo ele estava em outra cidade participando de uma missa de corpo presente, na qual a morta tinha mais de noventa anos e teve a graça de morrer no dia de Todos os Santos, e ter sua missa de corpo presente no dia de Finados. A missa se encerra com uma homenagem, uma carta foi lida para a comunidade, uma carta da esposa de uma pessoa muito querida por todos da cidade e que tinha morrido há poucos meses. A carta, lida por uma amiga, falava de todo o amor que sentia pelo seu marido, a dor que sentia com a sua falta, o desejo e esperança de que a alma de seu companheiro estivesse junto a Deus, ao final, a mãe do falecido foi chamada a frente e recebeu um buque de rosas. Ao fim da homenagem praticamente todas as pessoas choravam, mostrando a unidade daquela comunidade e a visão que eles têm da sua religiosidade, e das questões que envolvem a vida e a morte, a visita ao túmulo e as orações ofertadas são feitas



com os mesmos sentimentos que fazem a uma pessoa viva, essa é uma visita familiar e o dia de finados um dia de recordações.

A partir do dia de Finados, das relações entre vivos e mortos, possibilita-se que no próximo item sejam expostos os dias vividos na festa de São Miguel e Almas no Cemitério do Peixe, que assim como no dia de finados observado em Presidente Kubitschek, onde as pessoas seguem para homenagear e visitar seus mortos, a festa do Peixe também proporciona a visita dos mortos. Mas, de uma maneira mais ampla, essa homenagem aos mortos se torna uma peregrinação, que tem como objetivo agradecer especificamente as Almas do Peixe e os milagres alcançados durante o ano. Os devotos que seguem em romarias para o Peixe têm como objetivo fazer orações, agradecimentos, demonstrar saudades e encontrar parentes e amigos estando eles vivos ou mortos.

### 3.2 A EXEMPLARIDADE DA FESTA DO PEIXE

O objetivo nesse item é apresentar o trabalho de cunho etnográfico realizado no Cemitério do Peixe, uma localidade que congrega as teorias e os temas levantados nesta dissertação: religiosidade popular, relação entre vivos e mortos, devoção às almas, as *communitas* e os momentos de liminaridade. Apresento aqui o que vivi durante o jubileu, as experiências que tive, e as pessoas que conheci e conversei nos cinco dias em que ocorre a metamorfose do vilarejo, entre a quarta-feira e o domingo.

Tendo em vista Finados como dia para visitar e homenagear os mortos, apresenta-se de forma semelhante o caso do Cemitério do Peixe. O local, como apresentado no capítulo 1, se destaca por ter apenas três moradores, todos da mesma família, mas no mês de agosto recebe cerca de cinco mil pessoas, dentre romeiros, devotos e festeiros, estes chegam ao vilarejo no intuito de rezar, pedir, e agradecer as graças concedidas por São Miguel e as almas. As celebrações se iniciam na quarta-feira, atingindo seu ápice no final de semana – com a chegada de cavaleiros, o levantamento do mastro e a procissão –, a festa representa a religiosidade e o catolicismo “popular”, trazendo peculiaridades nas suas formas de manifestação da fé. A festa apresenta a relação íntima entre vivos e mortos, onde romeiros celebram e agradecem as graças concedidas pelas almas.

O Jubileu de São Miguel e Almas apresenta características fundamentais da vivência popular do catolicismo, a devoção ao santo e às almas, a romaria, a festa e a variedade de cultos, tanto domésticos quanto coletivos. A peregrinação começa no início da semana com a chegada dos padres e dos moradores da região, e se intensifica no final de semana com

romeiros vindos de diversos lugares. Da quarta-feira até o domingo cerca de cinco mil pessoas passam pelo vilarejo, estabelecendo uma espécie de *communitas*, os papéis sociais existentes são suspensos e uma nova vida é criada durante o festejo para as almas. O cemitério passa a ser o ponto de chegada dos romeiros, tornando-se um núcleo de encontro.

De imediato, é possível dizer que foram poucas as diferenças observadas em dois anos de participação do jubileu, mas ficando evidente a quantidade de lixo que é deixada na Rua do Fogo e a demora para se fazer a limpeza. A limpeza parcial só foi feita um mês depois do Jubileu, na véspera das celebrações do dia de São Miguel, 29 de setembro. As entrevistas são complicadas de serem realizadas no período da festa, ficando como objetivo para próximas pesquisas realizar incursões na região fora do período festivo, visitando as casas dos moradores para investigar com mais afinco o evento, as histórias e as relações sociais presentes na festa religiosa.

FIGURA 11 – VISTA DO CEMITÉRIO DO PEIXE



FONTE: Foto do autor (15/08/2012)

Ao observar o espaço físico do vilarejo, foi possível destacar três espaços de sociabilidade e integração entre os frequentadores da festa. Os dois primeiros se referem à parte sagrada do evento – o cemitério e a Igreja Católica –, situados no centro da localidade, estando um de frente para o outro. São os locais em que as pessoas demonstram sua fé e realizam suas celebrações, aqueles que chegam ao vilarejo do Cemitério do Peixe, tem como primeira atitude entrar na Igreja e no Cemitério para fazer suas orações. Nos dias de festa os

devotos transitam constantemente entre os dois espaços, tudo que se refere à parte sagrada – a alvorada, as missas, a chegada dos cavaleiros, as bênçãos e as procissões – são realizadas no espaço entre a Igreja de São Miguel e o cemitério. O terceiro local sinaliza a parte profana da festa religiosa. Conhecido como Rua do Fogo, o local existe graças à formação de uma rua que se dá após a construção de bares e barraquinhas de comida, havendo movimento durante todos os dias de Jubileu. A rua ganhou esse nome devido as suas características principais e marcantes de ter muita bebida, alto som do funk, axé e sertanejo, que surgem de dentro das barraquinhas, ou mesmo de carros com grande poder de som automotivo, e pelo clima de paquera. Muitas pessoas vão para o Peixe apenas para festa da Rua do Fogo, um espaço que destoa da festa religiosa, alguns dos romeiros não se importam, dizem que é um espaço necessário e também de diversão, outros discordam acham que é um abuso e uma profanação do espaço sagrado.

### **3.2.1 A Semana das almas**

O primeiro dia do Jubileu marca também a minha chegada, nos dois anos em que estive presente cheguei na quarta-feira para acompanhar a transformação do vilarejo, este é cercado por cruces vermelhas que demarcam o território doado pelo fazendeiro Canequinha. Minha inserção em campo é feita através do meu tio, que me guia pelo local e me leva até a casa dos únicos moradores, uma mulher com dois filhos adultos. Dona Lotinha é muito simpática e risonha diz que “A festa começou no dia que o Padre chegou”. O Padre Carvalhais não é do local, pertence à congregação redentoristas e já viveu em diferentes cidades, ele é o representante da Igreja e durante anos vem organizando o Jubileu de São Miguel e Almas. Dona Lotinha prefere o “Peixe” em dias normais, sem as milhares de pessoas que participam do Jubileu.

Caminhando pelo vilarejo observo que este ainda encontra-se com poucas pessoas. Na Rua do Fogo, as barraquinhas ainda estão sendo montadas para a comercialização de comidas e bebidas, e a música – funk e sertanejo – já se faz presente. As 19h dá-se início ao Jubileu, uma missa com cerca de trinta pessoas é celebrada na pequena Igreja, contando com a presença de três padres, com muitos cantos e muita conversa, buscando reforçar a religiosidade dos ouvintes em torno de São Miguel, que se encontra no centro do altar.

No segundo dia de Jubileu vou ao cemitério, este pequeno, mas muito bem cuidado, cercado por um muro branco repleto com a planta espinhosa chamada Coroa-de-cristo, tem na entrada uma porta de grade azul. Dentro do cemitério, diversos túmulos, alguns mais antigos e

outros muito recentes. Uma grande cruz azul no centro do cemitério, com um cofre para depósito de dinheiro e no meio da cruz uma placa colocada pelo padre Carvalhais na intenção de fazer as pessoas refletirem sobre a vida e a morte. O cemitério conta também com uma pequena capela, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, uma mesa e duas cadeiras, onde, durante o Jubileu, um dos padres fica durante todo o dia recebendo fieis que fossem confessar.

Encontro com dois senhores que cuidavam de um dos túmulos. Um deles é funcionário de Conceição do Mato Dentro e o outro uma espécie de quebra galho do lugar, sempre estava ajudando alguém, seja o padre ou um devoto, no cemitério, na Igreja e nas casas. Eles me dizem que todos da região tomam conta do cemitério, falam também que o cemitério já foi ampliado e me mostram a marca do antigo muro que o cercava, relatam também sobre uma das histórias da fundação do Peixe. Para eles, todo ano que passa a festa aumenta. Saindo do cemitério, me encontro com o Padre Carvalhais, que contradisse esta última afirmação, lamentando a presença cada vez menor de fiéis durante o Jubileu. Observo um movimento de pessoas não ligadas à devoção, muitas delas mais jovens, que estavam ali apenas voltadas para a festa da Rua do Fogo.

Enquanto conversava com o Padre, um homem “bicudo”<sup>60</sup> pediu que tirasse uma foto sua e de sua família, fui então até sua casa – um exemplo da maioria das casas do Peixe, tem três cômodos: cozinha, banheiro e quarto, tendo uma porta e duas janelas – conheci o senhor Mário, sua esposa, dona Belosina, e outros membros da família. Todos me deixaram muito à vontade para filmar e fotografar além de oferecerem café, cerveja e refrigerante. São moradores da região e frequentadores do Peixe desde que nasceram, fazem da visita ao lugar uma tradição de família, sendo que os jovens não acompanham as celebrações, participam apenas das festas profanas, enquanto os mais velhos e as crianças mantêm os costumes religiosos, estão ali para cuidar dos túmulos dos parentes, rezar pelas Almas e São Miguel e também para se divertir – beber cachaça, cerveja, encontrar familiares e amigos, além de ser o momento em que saem da sua rotina de trabalho. Em nenhum momento vejo as mulheres mais velhas bebendo cachaça ou cerveja, na maioria das vezes estavam realizando trabalhos domésticos. É importante notar que essa família frequenta o peixe durante todo o ano, cerca de uma vez por mês.

---

60 Termo da região para designar pessoas embriagadas.

No final da tarde fui até a casa do senhor Graciliano e da senhora Rosário que, assim como a família do senhor Mário, são moradores da região. Segundo senhora Rosário, eles vêm para o peixe “desde a barriga da mãe”. Muito simpáticos, quando cheguei à casa da senhora Rosário, ela estava depenando uma galinha, que seria levada para o jantar do Padre. Ela me disse que algumas famílias se sentem responsáveis por oferecer algum tipo de ajuda para a casa paroquial durante o Jubileu. Descreveram algumas transformações que ocorreram no peixe ao longo do tempo, como a mudança na estrutura das casas, a chegada da luz elétrica, água encanada e banheiros. Também contaram sua versão da história do peixe. Todos os anos chegam ao Peixe de carro de boi, e tem uma relação íntima com o lugar, querem ser enterrados ali, estão profundamente envolvidos com as tradições do Jubileu, tanto que o senhor Graciliano toca viola no levantamento do mastro. Até o final de tarde o movimento já estava mais intenso, muitas barracas já tinham sido montadas, tanto de acampamento quanto de vendas. Como no primeiro dia, o único ato religioso foi uma missa celebrada às 19 horas.

Na sexta-feira, inicio o dia indo até o quartel do Peixe, local onde supostamente havia uma base do exército para fiscalizar o contrabando de diamantes, umas das possíveis origens do cemitério. Ao voltar para o vilarejo me deparo com um enorme som na porta da Igreja, que é utilizado para chamadas, lembretes, músicas religiosas – na sua maioria em ritmo sertanejo – e também para amplificar a pregação das missas. O som da Igreja parecia ter como objetivo competir com as musicas da Rua do Fogo, que não cessavam um só instante. Foi neste momento que a senhora Maria das Dores começou a conversar comigo e, espontaneamente falou muito sobre o Peixe e sua vida. Mora em Gouveia, mas vem para o Peixe desde a época que “estava no ventre da sua mãe” – esta é uma expressão comum usada pelas pessoas com quem conversei. Faz parte da pastoral dos idosos e há quatro anos auxilia na organização do jubileu, como ela mesmo se define é uma “devota do senhor”. Esse trabalho voluntário foi motivado quando escutou em uma conversa alheia ofensas ao padre por uma suposta desorganização na subida do mastro, ela interveio na conversa e discordou dessas pessoas, a partir de então começou a ajudar na organização da festa, seja limpando a Igreja, organizando tarefas de outras pessoas ou mesmo, ao final do Jubileu, quando recolhe a roupa de cama da casa paroquial e leva para sua própria casa para lavar. Enquanto conversava ela demonstrou um grande apego ao lugar e se disse apaixonada por São Miguel: “A devoção a São Miguel e Almas é, assim, uma paixão”. Maria das Dores reza e pede por seus filhos, já que eles “são do mundo”, para que sigam sempre o caminho certo, além de rezar para se curar de sua doença e por seus familiares ali enterrados. Como todos com quem conversei, Maria das Dores também quer ser enterrada no Cemitério do Peixe, pois “no Peixe você está mais

perto de Deus”. Já ao final de nossa conversa, sua prima, Maria José chegou e também começou a falar sobre suas lembranças e sua relação com o lugar, as duas contaram a mesma versão sobre a história do Peixe.

Andei bastante pelo vilarejo, vi muitas pessoas chegando e armando suas barracas de acampamento, o movimento no cemitério se mostrou ainda mais intenso. Enquanto o sol se punha, ouvi o badalar do sino, corri, então para conversar com o sr. responsável por essa atividade. José Maria toca o sino há cinco anos, mora na região (Camelinho – distrito da cidade de Gouveia) e veio pela primeira vez ao peixe “no bucho da mãe”, toda sua família está enterrada ali. Ao se referir a São Miguel e sua importância diz: “Dai a nós todos vida, saúde e felicidade”, sempre retirando o chapéu ao falar da santidade. Relata como era a festa nos anos anteriores, “sofrimento” é um termo recorrente na fala de quem relembra os anos passados, apesar dessa fala sempre terminar com a satisfação geral das pessoas envolvidas. José Maria costuma vir em tropa de cavalos juntamente com toda a sua família, segundo ele, antigamente, a água era só do rio e a iluminação era à base de querosene, nos dias atuais existe uma caixa de água central e luz elétrica.

Ao voltar para casa do meu tio-avô, onde eu fazia minhas refeições e tomava banho, encontro o senhor Luiz e a dona Anita, o casal de fazendeiros da região que tem um papel importante, pois são tidos como administradores do Peixe (existe também uma associação de moradores/devotos que se reúnem para tomar medidas de prevenção em relação a cemitério e a festa), estavam de saída quando cheguei, mas pergunto para dona Anita sobre os terços e imagens quebrados no cemitério, dona Anita se dispõe a explicar que possivelmente são objetos bentos e, após quebrados, segundo a religiosidade popular, não devem ser jogados em qualquer lugar, sendo sempre depositados em locais sagrados, como cemitérios e cruzeiros. Contudo, dona Anita acha melhor retirar os objetos do cemitério para mantê-lo limpo e bonito. Questiono então, o porquê dos grãos e alimentos deixados ao pé da cruz central do cemitério, ela esclarece que os alimentos são uma forma de agradecimento às Almas pela boa colheita, representam a graça atendida, – no cemitério de Presidente Kubitschek, no cruzeiro próximo a entrada da cidade e no túmulo de Maria da Lapa, também encontrei terços e imagens de santos quebradas, mas somente no Cemitério do Peixe acompanhei a oferta de alimentos. O ritual não se encerra com a oferta do alimento. Outro fiel na intenção de obter a graça pode, por exemplo, retirar os grãos e plantar em suas terras ou pode retirar os alimentos para consumo, desde que deixe uma doação em dinheiro na urna do cemitério, pode até mesmo fazer uma troca de alimentos. Dona Anita ainda afirmou que não existe um valor fixo, o fiel pode deixar somente um real, mas ele sempre vai contribuir com alguma oferta. Em

outra conversa ressaltou que é através do dinheiro arrecadado das doações que sustenta o Jubileu. O Jubileu no ano de 2013 arrecadou um total de R\$11.500,38 (R\$3.300 das barracas, R\$6.365,15 do cofre, R\$1.546,57 da coleta e R\$288,66 de donativos) As despesas em geral da festa foram de R\$ 3.825,38, mais os 12% da mitra e os 18% para a paróquia, gerando um saldo líquido de R\$ 5.3772,50<sup>61</sup>.

FIGURA 12 – ALIMENTOS EM AGRADECIMENTO ÀS ALMAS, CEMITÉRIO DO PEIXE



FONTE: Foto do autor (17/08/2012)

Ainda na sexta feira é possível notar uma diferença entre “o Peixe da manhã” e “o Peixe da noite”, um dos motivos é pela cidade não estar completamente cheia, mas já é possível destacar a distinção marcante entre o sagrado e o profano. O som do funk e o som da Igreja disputam força, entretanto um não impede o outro, mesmo no horário da missa, a música profana continuava. O fluxo de carros e ônibus na estrada de acesso ao Peixe aumenta consideravelmente e junto com eles fogos de artifícios para anunciar a chegada dos romeiros.

A programação do Jubileu começa cedo no sábado, às 5:30 da madrugada o Padre convocava os fieis, através dos amplificadores da Igreja, para comparecerem a celebração da

---

61 Os valores arrecadados foram divulgados pelos organizadores da festa no dia 29 de setembro de 2013 antes da missa para São Miguel Arcanjo, posteriormente uma folha com a prestação de contas foi colada na porta da Igreja Católica.

Via Sacra, que se iniciaria às 6:00 da manhã. Dizeres como “coragem” eram recorrentes nesta convocatória. Ao chegar notei que havia pouquíssimas pessoas, número insuficiente até mesmo para segurar os quadros – quatorze – que representam o trajeto de Cristo do Pretório até o Calvário, tendo o padre que chamar alguns “bicudos” que estavam saindo da Rua do Fogo para terminar de compor a cena da Via Sacra. Além dos padres e dos fiéis que participavam da encenação, não havia nenhum espectador.

Logo em seguida, fui ver o que acontecia na Rua do Fogo. Havia ainda um grupo tocando instrumentos e cantando pagode, algumas pessoas bebendo e outras trabalhando nas barraquinhas. Conversei com Maria do Kobu, ambulante da cidade de Gouveia que frequenta a festa do peixe desde criança motivada pela fé e agora também para ganhar “um dinheirinho”. Maria comercializa salgados e quitutes em geral, inclusive o kobu, que consiste em uma broa de fubá enrolada em folha de bananeira, alimento típico da região. Sua fala reforça as lembranças de sofrimento durante o Jubileu e destaca as melhorias. Maria conta que a partir de hoje (sábado) as pessoas começam a chegar cada vez mais, e até domingo o movimento iria aumentar muito. Ao lado da barraca dois festeiros nos pediram que os filmassem. Diferente de todos com quem conversei, esse homem e essa mulher não possuem nenhuma ligação com o Peixe, ele veio pela primeira vez há nove anos, a convite de um amigo, e ela veio a primeira vez há sete anos, vieram juntos em uma caravana de Belo Horizonte. A festa para eles se resume a Rua do Fogo.

O movimento de carros foi intenso durante todo o dia, ao final da tarde chegaram as cavalgadas de diversas cidades, oriundas de diferentes lugares, algumas vieram pela estrada de terra outras atravessaram o rio. Sempre que uma nova cavalgada chegava era recebida pelo berrante de Madalena – anunciado pelo padre – por devotos e familiares que já os aguardavam. Após desfilarem com seus cavalos entre as pessoas, os cavaleiros perfilaram em frente à igreja, depois um a um receberam a benção.

A noite ocorreu a missa, com o maior número de participantes, está foi realizada do lado de fora da Igreja e foi celebrada pelo quarto padre que havia chegado para celebração. Depois da missa acenderam a fogueira, que ficou rodeada de pessoas se esquentando do frio, logo em seguida ocorreu uma curta procissão, com o estandarte de São Miguel, esse saiu ao lado do cemitério, da casa do mordomo do mastro (cada ano há um mordomo diferente) e foi acompanhado pela folia, que cantava a ladainha de São Miguel. Chegando em frente à Igreja o estandarte foi benzido, em seguida a procissão continuou, parando em frente ao cemitério onde o mastro foi erguido sendo acompanhado pela explosão dos fogos. O ritual estava cheio – nos arredores da igreja e do cemitério – mas a Rua do Fogo também estava e ainda contava



com o som muito alto. O sagrado e o profano convivem juntos ou, melhor dizendo, são separados por poucos metros. Dos bares que surgem na Rua do Fogo apenas um funciona praticamente todos os dias do ano, o bar pertence a Aroldo um senhor muito simpático e bem ao estilo mineiro do interior, uma pessoa que fala pouco e observa tudo que está acontecendo ao redor, durante o dia faz queijo e todas as tardes abre o bar mesmo que não apareça ninguém. Segundo ele aquele barzinho é a alegria dele, que o dia não é o mesmo quando ele não vai até lá, volta para fazenda onde vive a pé, sendo iluminado apenas pela lua.

FIGURA 13 – DOMINGO O ÚLTIMO DIA DAS CELEBRAÇÕES, CEMITÉRIO DO PEIXE



FONTE: Foto do autor (19/08/2012)

O Domingo começa com as orações cedo, às cinco horas da manhã, com a Alvorada, a primeira missa das quatro do dia, a programação segue e às sete horas inicia-se outra missa. A cidade está cada vez mais cheia de romeiros e de comerciantes ambulantes vendendo todo o tipo de produtos – de brinquedos luminosos até roupas íntimas –, expostos sobre grandes pedaços de tecido deitados no chão, também é possível comprar queijos, doces, temperos e fruta. Até o comércio de animais como mulas, cavalos e gado pode ser visto. Às onze horas da manhã é realizada a terceira missa do dia, em intenção aos romeiros, benfeitores e devotos de São Miguel. Em seguida, a casa paroquial serve uma refeição que é vendida aos romeiros. O ápice das atividades de domingo é a celebração de encerramento do Jubileu, que acontece às três horas da tarde com a última missa e, em seguida, a procissão e a bênção final.

FIGURA 14 – MISSA DE DOMINGO, CEMITÉRIO DO PEIXE



FONTE: Foto do autor (19/08/2012)

A procissão composta principalmente por pessoas mais velhas seguiu em duas filas, como ordenou o Padre, os devotos carregaram dois estandartes, uma imagem de São Miguel Arcanjo e outra imagem de Nossa Senhora, a banda do distrito de Tombadouro acompanhou a marcha. O trajeto consiste em uma volta por todo o vilarejo saindo da Igreja e retornando para o mesmo ponto, durante a procissão as pessoas rezavam o terço. Não consegui acompanhar, mas ouvi relatos de uma briga que acontecera na Rua do Fogo em função de uma pessoa que insistia em manter o som de seu carro bem alto no momento da procissão. Ao final da procissão, ocorrem às bênçãos finais, os romeiros levaram alimentos, sementes, chaves, imagens de santos, fotografias e outros objetos que devotos achavam necessário benzer. Em seguida, começaram as despedidas, uma nuvem de poeira toma conta do ar devido aos carros e ônibus que partem do vilarejo, a noite quase não se vê movimento. Da mesma forma em que o Peixe enche de pessoas, ele se esvazia deixando para trás muita sujeira, mas também a tranquilidade esperada por Lotinha.

O Jubileu de São Miguel e Almas é o momento de fé e peregrinação em torno da devoção às almas, semelhante ao dia de Finados, ele transforma o cemitério em local de romaria. A devoção às Almas é também a devoção aos santos de casa, os mortos do cemitério são pais, mães, avôs e avós dos devotos, por isso as pessoas falavam do desejo de serem

enterrados no Peixe, o lugar que frequentam desde o ventre da mãe. A biografia daquelas almas faz parte da biografia de muitos dos devotos que as enxerga como intercessoras e protetoras, almas santificadas que “são de casa”. Os mortos do peixe são mártires, “mortos especiais”, sagrados, santificados e redimidos.

Aqueles que vão para o Peixe com o intuito de rezar e agradecer tem como primeira ação visitar o cemitério. Ali encontram tranquilidade junto daqueles que habitam o céu, estando junto de Deus e, por isso, têm poderes sobrenaturais. No cemitério encontram às almas capazes de ouvir seus apelos e resolver seus problemas, o que em outros cemitérios são pequenos santos em uma devoção familiar, no Jubileu se transforma em uma devoção coletiva, para todos, onde o amor, as orações e os agradecimentos estão divididos em pé de igualdade com São Miguel.

A festa detém todas as características das festas dos santos enfeites, rezas, música, refeição, reverências aos santos, danças e encenações com seus excessivos gestos combinados entre a devoção particular e a coletiva. É toda marcada pelas rezas, e a oração está em diversos momentos, a essência é o contato dos devotos com o santo e às almas. Durante a festa são encontradas as orações mais comuns. Pai-Nosso, Ave-Maria, o terço, as ladainhas e as orações próprias de cada santo. Todos os realizadores do jubileu são leigos que assumem esse papel, não por escolha ou imposição do poder eclesiástico, mas por escolha espontânea da própria população local.

As famílias dos devotos ajudam a manter e a limpar a Igreja, a organizar o Jubileu e, principalmente, a manter limpo e agradável o cemitério. Interessante que as pessoas se organizam para, caso necessário, ajudar algum festeiro sem lugar para se hospedar. Se acabar o gás ou a água sempre é possível recorrer a um vizinho. Os laços entre os romeiros são muito fortes, todos se conhecem e cumprimentam-se. São eles que organizam e fazem a festa. O Jubileu se apresenta como um sistema de comunicação que possibilita aos devotos ou romeiros entrar em contato com sua cultura e reinventá-la com os meios de que dispõem. (STEIL, 1996).

O que foi apresentado no início desta dissertação surge novamente: a compreensão de *communitas* de Turner se aplica ao Peixe durante o Jubileu, a *communitas* se revela como a expressão espontânea de sociabilidade, o laço de amizade e semelhança – não só entre parentes –, mas entre vizinhos e amigos em geral. As famílias com quem tive contato apresentam a mesma característica os seus ancestrais estão enterrados no Peixe, os familiares mais velhos continuam morando na região e muitos dos seus filhos e netos vivem mais distante em cidades maiores, a festa do Peixe possibilita que esses familiares se reencontrem,

reatualizem a história familiar mantendo a visita e os laços com o Peixe uma tradição. O vilarejo é um centro de irradiação do catolicismo popular, torna-se, durante o Jubileu, um lugar de reflexão que desperta no grupo toda sua devoção, assim como as romarias observadas por Steil (1996), é um local de encontro. Nas pequenas casas do Peixe, as famílias se unem num mesmo espaço, seja na pequena casa ou nas barracas que a cercam, cada grande família composta de uma ou várias famílias nucleares dorme, come e bebe junto. As relações familiares se intensificam e a convivência permite uma aproximação entre avós, pais, tios, filhos, primos, netos. A experiência de *communitas* suspende momentaneamente os papéis sociais, durante o jubileu são todos devotos. Ocorre ali uma reunião social, no qual os participantes tem uma relação exclusiva, tendo seu caráter determinado pelas qualidades pessoais – cordialidade, amabilidade, simplicidade e outras mais. No jubileu, cria-se uma rede de sociabilidade que redimensiona as relações familiares e de vizinhança. Assim como numa grande romaria, quando as pessoas se juntam em uma grande caminhada em direção ao sagrado.

Acompanhar o Jubileu de São Miguel e Almas, ver a devoção e a alegria daqueles participantes, o carinho que tratam uns aos outros e o amor que sentem pelo Cemitério do Peixe me fez adquirir o mesmo sentimento que todos com quem conversei, de, um dia, poder ser sepultado nesse cemitério, porque acredito piamente que essas almas nunca serão esquecidas e sempre vão ter a proteção de inúmeras orações.

Todavia, noto que são inúmeras as análises que podem ser exploradas sobre a religiosidade e a vivência dos devotos e festeiros no Cemitério do Peixe, assim como nas experiências e formas de lidar com a morte da população de Presidente Kubitschek. Dessa maneira, apresento a seguir as conclusões que cheguei neste trabalho, tendo certeza da existência de falhas que passaram despercebidas por mim durante a produção desta pesquisa, mas que com certeza serão solucionadas em próximos trabalhos. As demonstrações de fé são diversas e pude acompanhá-las nos dias de festa, as pessoas se organizam para estar ali e se orgulham de dizer que nunca faltam, que frequentam o Peixe desde quando estavam na barriga da mãe e que aquele vai ser o lugar onde vão ser enterrados depois de mortos. Naquele cemitério serão sempre lembrados como as Almas do Peixe, assim nunca faltando orações para a nova vida que segue após a morte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa procurou investigar o ritual funerário na cidade de Presidente Kubitschek – a partir do método etnográfico e da realização de entrevistas com base na metodologia de História oral –, levantando a hipótese de que essa cidade localizada no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, apresenta características de resistência à secularização dos costumes, valores e sentimentos. Mantendo os objetivos propostos nesse projeto, analisei a importância do ritual fúnebre para a consolidação da sociabilidade e do catolicismo em localidades rurais no interior de Minas Gerais, observando a morte como momento de liminaridade, que envolve todas as pessoas que têm relação com o morto – familiares, amigos e vizinhos. Durante a convivência com o grupo pesquisado, identifiquei características da vivência popular do catolicismo, por meio das experiências do culto as almas ou ao morto das famílias (pequenos santos), o culto a Maria da Lapa e o Jubileu de São Miguel e Alma. Além de identificar as atitudes que os vivos têm entre si e como se comportam nesse momento de drama social que é a morte.

Diferente das relações existentes na sociedade moderna, em que os indivíduos ou as partes prevalecem socialmente sobre o todo, sendo a morte um assunto isolado e um problema vital, devendo o morto ser “destruído”. Nas localidades observadas, o sujeito social não é o indivíduo, mas as relações entre os indivíduos, sendo o tratamento com o morto diferenciado, existindo ainda uma grande elaboração do mundo dos mortos, que são sistematicamente invocados, chorados, lembrados, homenageados e usados por essa comunidade.

A cidade de Presidente Kubitschek e o vilarejo do Cemitério do Peixe têm em comum as experiências pessoais com a fé, onde a religiosidade católica está conciliada a uma vivência originada do meio rural. As populações desses lugares estabelecem entre si uma relação de comunidade, existindo uma proximidade entre as pessoas que carregam entre si relações de parentesco, vizinhança e amizade. As pessoas evitam a solidão, são solidários nos momentos de dificuldades e são festeiros nos momentos de festas.

A religiosidade observada é vivenciada através do catolicismo de origem popular que está intrinsecamente ligado à vida cotidiana. O elemento central de devoção são os santos, seres que habitam o céu, estando junto de Deus, com poderes sobrenaturais e, ao mesmo tempo, presentes na terra, através de suas imagens que equivalem à própria pessoa do santo. Dessa forma, uma figura humana capaz de ouvir e resolver os problemas do devoto, com uma relação direta e pessoal, tendo o santo um lugar de evidência no culto e na vida das pessoas, os santos são como companheiros dos seus devotos em todos os momentos da vida. Assim

como existe a devoção aos santos, ocorre também o culto às almas, essas ainda podem se comunicar com os vivos através de sonhos, pedindo orações ou deixando recados para os vivos, que atendem prontamente com missas pela alma ou com orações individuais. O pedido feito por uma alma não pode ser negado, assim como as almas não negam um pedido realizado por um fiel. Existe aqui uma relação de reciprocidade, uma dádiva entre vivos e mortos. Não ajudar uma alma ou não cumprir com a promessa do santo, pode ser visto como a perda do cerne da religiosidade popular que é o dom da caridade, da união e do companheirismo, que são a essência da vida em comunidade.

Uma ocasião especial de ligação entre a religião e a vida, principalmente nas localidades rurais, é a festa de culto ao santo. O jubileu no Cemitério do Peixe apresenta a religiosidade popular que tem por essência a prioridade da vida coletiva. A festa envolve toda a comunidade e o culto coletivo no espaço público é o momento em que a *communitas* se revela como expressão espontânea de sociabilidade, do laço de amizade e semelhança. O devoto necessita dividir sua fé com as outras pessoas. Não se festeja, nem se reza sozinho, pois o grupo é muito importante.

Nesse contexto, o caso da Maria da Lapa e do Jubileu de São Miguel e Almas são muito importantes, pois ambos remetem o culto aos mortos, isto é, o culto de almas que morreram em estado de sofrimento, necessitando de ritos de passagem para concluir sua travessia para outra vida. O destino da alma é indefinido, após a morte pode estar ele no céu, no purgatório e, até mesmo, no inferno, mas os mortos salvos, no céu, ou à espera de salvação no purgatório, só podem fazer bem aos vivos, assim essas almas retribuem as orações em forma de milagres tornando-se intercessoras e protetoras. Os casos pesquisados são exemplos de santificações espontâneas dos mortos.

Mesmo com as transformações ocorridas na sociedade, que influenciaram as atitudes do Homem perante a morte, a vida no meio rural e a religiosidade popular não sofreram grandes mudanças no ritual fúnebre, que são promovidas pela modernidade, não de maneira uniforme, principalmente quando se observam as zonas rurais, as camadas modestas e menos modernizadas da sociedade e as famílias mais religiosas. A morte continua sendo vista como uma passagem de um mundo para outro, havendo obrigações entre vivos e mortos, esses últimos estando num momento de liminaridade. Os vivos devem fazer rituais de passagem que proporcionam a última viagem do Homem até o seu destino final. A unção dos enfermos, as exéquias, os cuidados com o corpo, as missas de sétimo dia e no dia de finados são ritos de passagem e de inclusão do morto que permanecem existindo na cidade de Presidente

Kubitschek. Esses rituais e suas orações servem para auxiliar a alma na sua transição e também para confortar aqueles atingidos pela perda.

Mesmo que o corpo passe pelas mãos de especialistas mortuários, como as funerárias, ou que o funeral ocorra no Velório Municipal, ainda assim o morto continua sendo acolhido por sua comunidade. O túmulo do morto não pode ser abandonado e o cemitério ganha o *status* de importância, devendo ser visitado e servindo como local de encontro. No dia de Finados e no Peixe, o cemitério se assemelha aos santuários durante as romarias, onde as pessoas se encontram, relacionam-se, circulam entre os túmulos bentos, conversam e rezam para diferentes mortos, proporcionando cultos privados e públicos. As pessoas vão para encontrar, rezar e pedir para os “pequenos santos”. O dia de Finados e o Jubileu de São Miguel e Almas no Cemitério do Peixe são momentos festivos de comunhão, oração e fortalecimento da memória coletiva.

Durante os rituais mortuários a casa se torna a extensão da rua, permanecendo aberta a todos. Nesse ambiente, as relações sociais se fortalecem. Nos espaços ligados a morte e aos funerais evidencia-se a prática da solidariedade e o processo de ajuda mútua entre as pessoas. A morte envolve contingentes de testemunhos solidários, as cerimônias fúnebres cumprem a função de unir as pessoas, os sentimentos coletivos se fortalecem e levam os indivíduos a se procurarem e a se aproximarem. No velório as pessoas se abraçam, apertam-se, unem-se o mais perto possível umas com as outras. O ritual fúnebre possibilita a união e a afirmação do grupo, fortalecendo as relações sociais não somente dos que foram atingidos diretamente pela perda, mas de toda a comunidade. Os rituais durante a morte, em Presidente Kubitschek, assim como a festa no Peixe, são momentos extraordinários, liminares e, assim, fundadores e fortalecedores de laços simbólicos e sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verona. **Manual de História Oral**. Editora FGV, Rio de Janeiro, 3ed. 2005

\_\_\_\_\_. Histórias dentro da História, In: PINSKY, Karla (Org.) **Fontes históricas**, São Paulo: Contexto, 2008.

ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de finados**. Dissertação (Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves EDITORA S.A., 1977.

ATLAS BRASIL. (Pnud, Ipea e FJP) 2013. Disponível em:  
<[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/presidente-kubitschek\\_mg](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil/presidente-kubitschek_mg)>. Acesso em 20 fev. 2014

AZEVEDO, Thales de. **Ciclos da Vida: Ritos e ritmos**. São Paulo: Editora Ática, 1987.

AZZI, Riolando. Catolicismo Popular e Autoridade Eclesiástica na Evolução Histórica do Brasil. In: **Religião e Sociedade** nº 1, Rio de Janeiro, ISER, 1977, p. 125-149.

Baudel Wanderley, Maria de Nazareth. A ruralidade no Brasil moderno. Por um pacto social pelo desenvolvimento rural. **¿Una nueva ruralidad em América Latina?**. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001. Disponível em:  
<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>>. Acesso em 12 dez. 2013

BERNARDELLI, Maria Lúcia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural, In: SPOSITO, M.E.B.; WHITACKER, A.M. (Org.) **Cidade e Campo: Relações e contradições entre Urbano e Rural**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

BORGES, Célia Maia. **Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – séculos XVIII e XIX**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

\_\_\_\_\_. **O festim dos bruxos: estudos sobre a religião no Brasil**. São Paulo: Editora Ícone, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. Anúbis e Outros Ensaio, In: **Superstição no Brasil**, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1985.

CAIC. Catecismo da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes & Loyola, 1993.



CARRARA, Angelo Alves . Desvendando a riqueza na terra dos diamantes. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, v. 41, p. 40-59, 2005. Disponível em: <[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/Desvendando\\_a\\_riqueza\\_na\\_terra\\_dos\\_diamantes.PDF](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Desvendando_a_riqueza_na_terra_dos_diamantes.PDF)> Acesso em 10 nov 2013.

Censo IBGE 2010. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=31&dados=>>. Acessado em: 21 out. 2011.

CNBB. (trad.). Código de Direito Canônico. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

CRUZ, J. E. **Frei Damião**: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do nordeste brasileiro. Dissertação(Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

DAMATTA, Roberto. A Morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro, In: **A casa & a rua**: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. Uma religião democrática. In: **Explorações: ensaios de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986, p. 139-147.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

DAWSEY, John C. Victor Turner e a antropologia da experiência. **Cadernos de Campo**, São Paulo, ano 14, nº. 13,2005. p163-176.

DUBY, Georges. Guilherme Marechal ou o melhor Cavaleiro do Mundo. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas, 1989 trocar data 1989

ELIAS, Nobert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001.

Eliade, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENDLICH, Ângela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural, In: SPOSITO, M.E.B.; WHITACKER, A.M. (Org.) **Cidade e Campo**: Relações e contradições entre Urbano e Rural. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010.

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FERNANDES, Rubem César. **“Religiões Populares”**: Uma visão parcial da literatura recente. BIB, Rio de Janeiro, n18, p. 3-26, 1984.

FREITAS, Eliane Tânia Martins. Mortes banais, mortos especiais: devoções populares no Nordeste. **Estudios sobre la Religion**. N15, Newsletter de la asociacion de Cientistas Sociales de la Religión en el Mercosur, 2003, p09-13.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

GONZÁLES, José Luís; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; IRARRÁZAVAL, Diego. **Catolicismo Popular: História, Cultura, Teologia**. São Paulo: Vozes, 1993.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Centauro editora, São Paulo, 2006.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=315330>>. Acesso em: 15 fev. 2014.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL BRASILEIRO. **Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 2013**. Fundação João Pinheiro/FJP. Instituto de pesquisa econômica aplicada/IPEA. Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento/PNUD. Brasília, Julho de 2013.

LAPLATINE, François, **A descrição etnográfica**. São Paulo: Terceira Margem, 2004.

LEMOES, Carolina Teles; MOREIRA JÚNIOR, João; RODRIGUES, Leila Ribeiro. Morte: um espaço de (re)significação da vida e das relações sociais no meio rural. **Ciberteologia: Revista de Teologia & Cultura**. Edição nº 35 – Ano VII – Julho/Agosto/Setembro 2011. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2011/06/Artigo9.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2011

MACHADO FILHO, Aires da Mata. **Arraial do Tijuco, cidade de Diamantina**. São Paulo. Livraria Martins, 1957.

MARTINS, José de Souza (org). **A morte e os mortos na sociedade brasileira**. São paulo: EDITORA HUCITEC, 1983.

\_\_\_\_\_. “Feliz Dia de Finados!”. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 27 out. 2008. Caderno Metrópole, p.C6.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

MENEZES, Renata Castro. A benção de Santo Antônio e a religiosidade popular. **Estudios sobre la Religion**. N15, Newsletter de la asociacion de Cientistas Sociales de la Religión en el Mercosur, 2003, p01-06

\_\_\_\_\_. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (org). **Pólo Jequitinhonha – 10 [1996 – 2006]: a consolidação de experiência de desenvolvimento regional**. Belo Horizonte: UFMG/PROEX, 2008.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. “Religiões Populares”. In Oscar Beozzo (org). **Curso de Verão II**. São Paulo, paulinas, 1988, p 107-123.

\_\_\_\_\_. **Expressões religiosas populares e liturgia**. Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 72, 1983.

\_\_\_\_\_. **Adeus à sociologia da Religião Popular**. Religião e Sociedade, vol. 18, Rio de Janeiro. 1997, p. 43-62.

ORTNER, Sherry B. Teoria na antropologia desde os anos 60. **Mana**, 17(2):419-466. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132011000200007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132011000200007&script=sci_arttext)>. Acesso em 15 fev. 2014.

PASSOS, Mauro. O catolicismo popular, In: PASSOS, Mauro (Org.) **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. A análise antropológica dos rituais, In. PEIRANO, Mariza (Org.) **O dito e o feito: ensaio de antropologia dos rituais**. Rio de janeiro: Relume Dumará, 2002 .

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Envelhecimento e Imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**. São Paulo: Annablume, 2000.

PEREIRA, José Carlos. **Os ritos de passagem no Catolicismo**. Rio de janeiro: Mauad X, 2012.

PEREZ, Léa Freitas. Antropologia da efervescência coletiva, In: PASSOS, Mauro (Org.) **A festa na vida: significados e imagens**. Petrópolis: Vozes, 2002.

PINTO, José. **Rituais funerários na Gavieira** : uma etnografia da morte numa microssociedade serrana do concelho de Arcos de Valdevez / José Manuel Pereira Pinto ; pref. de Clara Saraiva. — Arcos de Valdevez : Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2005.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos funerários e revolta popular no Brasil do século XX**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. O cotidiano da morte no Brasil Oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org). **História da Vida privada no Brasil – vol. 1 – São Paulo: Cia. das Letras, p. 96-141, 1997.**

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

Ritual Romano: Celebração das exéquias. Conferência Episcopal Portuguesa. Disponível em: <<http://www.liturgia.pt/rituais/Exequias.pdf>>. Acesso em 11 fev. 2014.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. **Religião e tradição a partir da Sociologia da memória de Maurice Halbwachs**. NUMEN, Juiz de Fora., n.º. 1, v. 3 (jan-jun 2000) p. 69-94.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

RODRIGUES, C. A.S.; PINTO, C.M. **Histórico do Município de Presidente Kubitschek**. Presidente Kubitschek. [2013?]. 10 f. Digitado.

SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SCHECHNER, Richard. Ritual (do Introduction to Performance Studies). In: LIGIÉRO, Zeca (org.). **Performance e antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SILVA, José Maria da; SILVEIRA, Emerson José Sena da. **Apresentação de trabalhos acadêmicos**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SILVA, Rubens Alves da. **A atualização de tradições: Performance e narrativas afro-brasileiras**. São Paulo: LCTE Editora, 2012.

SILVA, Maria Luiz da. **Cemitério do Peixe: Origem, mito e religiosidade**. Monografia (graduação em História), Faculdade de filosofia e letras de Diamantina, Diamantina, 2008.

SIMMELL, George, **Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura e formal**. In: MORAES FILHO, Evaristo de (Org.) **Sociologia**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias**. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. CEBs e Catolicismo Popular. In: **Comunidades de Base em Questão**. São Paulo, Paulinas, 1997, p. 75-103.

SURERUS, Christiane Hargreaves. **Ritual Fúnebre: A presença da Ausência**. Dissertação (mestrado em Ciência da Religião), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 1997.

TAVARES, T. R. **Um ritual de passagem: o processo histórico do “bem morrer”**. Monografia (graduação em Ciências Sociais), Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

THOMAS, Louis-Vincent. **Antropología de la muerte**. México: Fondo de Cultura Economica, 1983.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. **Floresta de Símbolos**. Niterói: EdUFF, 2005.

\_\_\_\_\_. **Dramas, Campos e Metáforas: Ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: EdUFF, 2008.

VAN GENNEP, Arnold. **Os ritos de passagem**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZALUAR, Alba. “Promessas e Milagres dos Santos”. In: **Os homens de deus**. Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

## ANEXO

Propostas de perguntas para guiarem as entrevistas:

- Idade
- Local de nascimento
- Tempo em que reside na cidade
- Profissão
- Estado Civil

### 1) **Relação com a religiosidade**

Você se considera uma pessoa religiosa? Você tem algum santo de devoção? Como você se relaciona com a sua religião e a Igreja?

### 2) **Relação com os rituais funerários**

Como interpreta a morte, o que ela representa? De que forma eram realizados os rituais funerários? Como os rituais acontecem nos dias de hoje? Você observa diferenças entre os atuais ritos e ritos passados? Quais são essas diferenças? Quais são as funções das pessoas durante os rituais? Quem são as pessoas que participam do velório?

### 3) **Relações estabelecidas durante e após os rituais funerários**

Como você se relaciona com os outros participantes? Como é a sua relação com sus vizinhos, parentes e amigos? Como você se “relaciona” com o morto? Qual é o destino do morto? Você acredita em céu, purgatório e inferno? Qual a relação entre a sua religião e o ritual funerário?

Como a vida se organiza após uma morte?